

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Vanessa Koenigstein Zago**

**Maternidade Real: uma fórmula discursiva?**

**MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**São Paulo**

**2021**





**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**Vanessa Koenigstein Zago**

**Maternidade Real: uma fórmula discursiva?**

Dissertação apresentada à Banca de Defesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva.

**São Paulo**

**2021**



Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: dezembro de 2021

E-mail: vanezago@hotmail.com

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -  
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Z18            Zago, Vanessa Koenigstein  
              Maternidade Real: uma fórmula discursiva?. /  
Vanessa Koenigstein Zago. -- São Paulo: [s.n.],  
2021.  
              130p. il. ; cm.

              Orientador: Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva.  
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós  
Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da  
Linguagem.

              1. Maternidade real. 2. Maternidade idealizada.  
3. Análise do Discurso francesa. 4. Fórmula  
discursiva. I. Souza-e-Silva, Maria Cecília Pérez  
de. II. Pontifícia Universidade Católica de São  
Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em  
Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. III.  
Título.

CDD



**Vanessa Koenigstein Zago**

**Maternidade Real: uma fórmula discursiva?**

Dissertação apresentada à Banca de Defesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA DE DEFESA**

---

---

---

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.  
Número do processo: 88887.372157/2019-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.  
Process number: 88887.372157/2019-00.

“A história das palavras que governam a nossa maneira de ver o mundo.”  
Émile Benveniste (1966 *apud* KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 17).



## AGRADECIMENTOS

Conforme tive oportunidade de aprender com Dominique Maingueneau, os meus agradecimentos seguirão um percurso, dado eu também ter encontrado pessoas que, mesmo sendo “de unidades não tópicas” (ou seja, de áreas diferentes), estiveram comigo neste capítulo da minha vida de forma muito importante para o meu desenvolvimento intelectual e pessoal.

Primeiramente, gostaria de agradecer à **Ana Paula Barboza** pela indicação do curso de extensão em Análise do Discurso (AD) na Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (COGEAE/PUC-SP) e por seguir do meu lado neste empreendimento – além de também seguir do meu lado em todos os outros –, me dando suporte, força e espaço para rirmos juntas.

Na sequência, gostaria de agradecer:

À Profa. Dra. Silma Ramos Coimbra Mendes, **Silma Mendes**, que me apresentou a AD e me encantou com ela, apontando o caminho para um mestrado, além de sempre estar disponível. Obrigada!

À Profa. Dra. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, **Cecilinha**, que me recebeu de braços abertos, apesar da minha falta de “etiqueta acadêmica”. Muito obrigada pelas palavras e pelo apoio. Ceci, levo você no meu coração!

À **Maria Lúcia**, pelo seu apoio e delicadeza comigo, sempre.

Ao **Grupo Atelier**, um espaço aberto para discussões, elaborações e refinamentos metodológicos e analíticos. Em especial, ao **Dr. Luis Rodolfo Cabral**, por cuja lente a AD se tornou mais concreta, mais próxima e ainda mais fascinante. Você foi a minha “*hotline* de AD”; obrigada!

À Profa. Dra. Sumiko Nishitani Ikeda, **Sumiko**, cujas sagacidade e vida são exemplares. Os seus conceitos de frame e ameaça à face já estão introjetados nas minhas análises; obrigada! E, oportunamente, um agradecimento também muito terno ao nosso grupo de estudos “Sumikando”, que, para mim, foi mais um grupo de apoio, com **Gus**, **Vivi** e todos os demais componentes. Gratidão imensa.

Ao **Dr. Hélio de Oliveira**, pela generosidade em compartilhar a sua dissertação de mestrado “‘Educação a distância’: uma fórmula discursiva” – um ótimo “guia de fórmula”.

À Profa. Dra. Mara Sofia Zanotto, **Mara**, pela “utopia”, no sentido onírico, que o espaço da sua aula representou e segue representando na “distopia” da pandemia, bem como pelas leituras dos poemas, que foram muito especiais. A sua contribuição para esta dissertação e as suas reflexões me tocaram muito; obrigada, Profa.!

À **Iara Mola**, que chegou para dar “um banho de letras” neste documento e acabou me ensinando muito sobre a escrita acadêmica e também sobre como ser uma profissional brilhante, de uma delicadeza ímpar. Sem você, não teria conseguido.

E por fim, à **minha família**, que, independentemente dos meus empreendimentos, sempre segue comigo. À minha mãe, **Livia Maria**, pelas suas dicas acadêmicas e tudo o mais. A **Pê & Ni**, os meus filhotes que, assustados com o tema, me perguntaram: “*Você se arrepende de ser mãe?*”, e aos quais respondo: “Jamais! Eis a minha ‘maternidade real’”! E ao meu marido, **André França**, que há anos está ao meu lado nos meus mergulhos profundos por mares nunca dantes navegados por mim.

Obrigada!

## RESUMO

Em um momento em que a quarta onda do movimento feminista segue avançando, as redes sociais têm funcionado como plataforma para a problematização de uma série de questões de minorias; entre elas, uma centrada na função do maternar, até então vista sob uma perspectiva sócio-histórica de idealização da figura da mãe. Opondo-se a essa construção de ideal, surge o sintagma “maternidade real” como uma espécie de “movimento”, alcançando visibilidade dentro e fora das redes nas quais, originalmente, tudo indica que se constituiu. Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivo central depreender se o sintagma “maternidade real” pode ser alçado ao estatuto de fórmula discursiva, ancorando-se, para tanto, na noção de “fórmula” em Análise do Discurso, tal como proposta teórico-metodologicamente por Alice Krieg-Planque. Assim, o estudo se viabiliza tomando como critérios de análise as quatro propriedades inerentes à fórmula: (i) a sua cristalização, mediante um significante relativamente estável, (ii) a sua inscrição numa dimensão discursiva, (iii) o fato de, como referente social, significar algo para todos num dado momento, e (iv) a sua natureza polêmica, portadora de questões sociopolíticas. Complementarmente, recorre-se aos estudos empreendidos por Dominique Maingueneau sobre unidades tópicas e não tópicas, bem como ao princípio do interdiscurso. Ainda como contribuições teóricas mais pontuais, empregam-se a teoria de Modelo Cognitivo Idealizado, de George Lakoff, e a noção de discurso nativo-digital, conforme Marie-Anne Paveau. O *corpus* que viabilizou a análise é constituído de 61 textos de natureza digital extraídos de mídias *on-line* diversas mediante a adoção de critérios específicos, tais como a depreensão apenas do sintagma “maternidade real” (e não da “#maternidadereal”) e o estabelecimento de uma data inicial para o levantamento do seu histórico, o que se situou em 2010, com a amplificação do acesso à internet no Brasil. Compôs-se, então, uma amostra que abrange o intervalo 2011-2021, desde a identificação do primeiro registro de “maternidade real” na internet até os enunciados postos em circulação mais recentemente, dadas a atualidade do tema na pandemia e as discussões relativas à intensificação da sobrecarga materna nesse período. Mesmo levando-se em consideração a premissa de Krieg-Planque de que a fórmula é uma categoria gradual, o que o estudo permitiu constatar é que “maternidade real” apresenta potencial para ser alçado à condição de fórmula, uma vez que o neologismo preenche amplamente uma das quatro propriedades da fórmula, possuindo uma sequência cristalizada, e que as suas outras três dimensões ainda estão em fase de constituição. Na discursiva, “maternidade real” mantém diálogo principalmente com a maternidade, mas também participa ativamente do debate das questões em torno da problematização dessa temática, sobretudo na *web*; na de referente social, não circula no amplo espaço público, limitando-se mais a um domínio específico, mas é preciso considerar que a avaliação do que é espaço público está sob questionamento, frente ao quadro contemporâneo de fragmentação midiática; e, embora a consequência dessa maior reverberação em sua comunidade discursiva enfraqueça as suas possibilidades de gerar grandes polêmicas, dentro do seu próprio meio, porém, verificam-se facetas de polemicidade. Diante da fluidez dessas três propriedades, podem-se aventar duas hipóteses: a primeira parece decorrer de um sintoma da forma naturalizada pela qual a sociedade brasileira lida com a maternidade – como um tema já estabelecido e sobre o qual não caberia problematização; a segunda parece estar ligada à própria noção de espaço público e de publicização – os grandes veículos de comunicação ainda se configuram como os vetores mais importantes para a promoção, a amplificação e a circulação das fórmulas. Concluindo, pode-se dizer que o estudo permitiu não apenas constatar o potencial formulaico de “maternidade real”, mas ainda desvelar as relações de poder e de opinião da sociedade brasileira contemporânea sobre a questão da maternidade.

**Palavras-chave:** Maternidade real. Maternidade idealizada. Análise do Discurso francesa. Fórmula discursiva.



## ABSTRACT

As the fourth wave of the feminist movement advances, social networks have been working as a platform for the problematization of a series of minorities questions; among them, one centered in the motherhood function, till now seen under a socio-historical idealization of the mother figure. As opposed to this optimal construction comes the “real motherhood” syntagma as a type of “movement,” reaching visibility within and outside the networks it originally appeared. In this context, the core objective of the research is to understand if the “real motherhood” syntagma could be elevated to the status of discursive formula, anchoring for this purpose in the “formula” notion from the Discourse Analysis, as a theoretical and methodological proposal by Alice Krieg-Planque. Thus, the study is feasible by taking as analysis criteria the four properties inherent to the formula: (i) its crystallization, through a moderately stable signifier, (ii) its inscription in a discursive dimension, (iii) the fact that, as a social referent, it has a meaning for everybody at a given time, and (iv) its controversial nature, bearing socio-political issues. Complementarily, we resort to the studies undertaken by Dominique Maingueneau about topics and non-topics units, as well as to the inter-discourse principle. Also, as more specific theoretical contributions, there is the Idealized Cognitive Model, from George Lakoff, and the notion of digital-native discourse, as per Marie-Anne Paveau. The *corpus* for the analysis is composed of 61 digital texts extracted from various online media using specific criteria, as the syntagma “real motherhood” (and not “#realmotherhood”) and the definition of a starting date for tracking its history, that was 2010 when the internet access in Brazil was expanded. The sample covers the range between 2011-2021, since the identification of the first record of “real motherhood” on the internet, up to the statements put into circulation more recently, due to the actuality of the theme at the pandemic and the discussions associated to the intensification of the maternal burden in this period. Even considering Krieg-Planque's assumption that the formula is a gradual category, it was noted in the study that “real motherhood” has the potential to be elevated to the formula status, as the neologism fills broadly one of the formula's four properties, having a crystallized sequence. The other three dimensions are still in the formation stage. On the discursive, “real motherhood” dialogues mainly with the maternity, but also participates actively in discussing questions around the problematization of this theme, mainly on the web. In the social referent, it does not circulate in the broad public space, and it is limited to a specific domain. Still, in the face of contemporary media fragmentation, one must consider that the assessment of what is public space is under questioning. Although the consequence of this greater reverberation in his discursive community weakens his possibilities of generating great controversy within his environment, there are facets of polemicism. Two hypotheses could be made in the face of the fluidity of these three proprieties: the first one seems to originate from a symptom of the naturalized way that the Brazilian society deals with maternity – as an already established theme and on which there would be no room for problematization. The second seems to be linked to the public space notion and publicization – the major communication vehicles are still the most important vectors for the promotion, magnification, and circulation of formulas. In conclusion, it is possible to say that the study allowed not only to verify the formulaic potential of “real motherhood” but also to unveil the power relations and opinion of contemporary Brazilian society on the issue of maternity.

**Key words:** Real motherhood. Idealized motherhood. French Discourse Analysis. Discursive formula.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

|                                                                                                                                                                        |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Figura 1</b> – Publicação do <i>blog</i> “Vinhos, viagens, uma vida comum... e dois bebês” em 2011.<br>.....                                                        | 66  |
| <b>Figura 2</b> – Capa do livro “ <i>Mothers</i> ”, da Matrix Editora. ....                                                                                            | 67  |
| <b>Figura 3</b> – Resultados do Google Trends para a consulta do termo “maternidade real” no período de 2014 a 2020. ....                                              | 68  |
| <b>Figura 4</b> – Pesquisa do IVC 2020 – Natureza: “Jornais”. ....                                                                                                     | 70  |
| <b>Figura 5</b> – Pesquisa do IVC 2020 – Natureza: “Revistas pagas”. ....                                                                                              | 70  |
| <b>Figura 6</b> – Emprego de “#maternidadereal” para promoção de produto no Instagram. ....                                                                            | 77  |
| <b>Figura 7</b> – Emprego de “#maternidadereal” para promoção de produto no Instagram. ....                                                                            | 77  |
| <b>Figura 8</b> – Emprego de “#maternidadereal” para promoção de produto no Instagram. ....                                                                            | 77  |
| <b>Figura 9</b> – Principais contas do Facebook com o nome “maternidade real”. ....                                                                                    | 85  |
| <b>Figura 10</b> – Perfil do Instagram com o nome “Maternidade Real”. ....                                                                                             | 86  |
| <b>Figura 11</b> – Imagem reproduzida na publicação “Portais O Tempo e Super Notícia lançam coluna sobre maternidade”, do <i>site</i> do jornal O Tempo, em 2019. .... | 96  |
| <b>Figura 12</b> – Imagem reproduzida na publicação “As redes sociais e a maternidade real”, do <i>site</i> Uaaau!, em 2019. ....                                      | 96  |
| <b>Figura 13</b> – Imagem reproduzida na publicação “O mimimi da chamada ‘maternidade real’”, da seção Colunas do <i>site</i> do jornal UOL, em 2020. ....             | 97  |
| <b>Figura 14</b> – Postagem “O que é maternidade real? Desculpem o tamanho do texto” no <i>site</i> BabyCenter. ....                                                   | 109 |
| <b>Figura 15</b> – Postagem “Afim, o que quer dizer maternidade real” no <i>site</i> Mães que Escrevem. ....                                                           | 109 |
| <b>Figura 16</b> – Publicação “Maternidade real?!” na página do Facebook Uma Mãe. ....                                                                                 | 110 |

### QUADROS

|                                                                                                                |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Quadro 1</b> – Comparação das buscas realizadas no Google para “maternidade real” e suas variantes. ....    | 63 |
| <b>Quadro 2</b> – As cinco etapas da jornada realizada para a composição do <i>corpus</i> desta pesquisa. .... | 71 |

|                                                                                                                           |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Quadro 3</b> – Mídias das quais os textos foram extraídos. ....                                                        | 72  |
| <b>Quadro 4</b> – Relação entre os anos das postagens e as quantidades de textos neles encontrados. ....                  | 74  |
| <b>Quadro 5</b> – Relação entre as partes do texto nas quais o sintagma foi identificado e as quantidades de vezes. ....  | 74  |
| <b>Quadro 6</b> – Agrupamento dos seis matizes de posicionamento apreendidos dos 61 textos sobre “maternidade real” ..... | 87  |
| <b>Quadro 7</b> – Estrutura composicional X dois pontos Y (“X:Y”) dos títulos sobre “maternidade real”. ....              | 99  |
| <b>Quadro 8</b> – Cristalização da expressão “maternidade real” em diversos meios – digitais e não digitais. ....         | 102 |
| <b>Quadro 9</b> – Agrupamento dos quatro registros de significados sobre “maternidade real”... 1 1 1                      |     |

## SUMÁRIO

|                                                                                           |           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....                                                               | 21        |
| <b>1 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO: TRAÇANDO A LINHA DO TEMPO DA NOÇÃO DE MATERNIDADE.....</b> | <b>31</b> |
| <b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>                                                      | <b>45</b> |
| 2.1 Unidades tópicas e não tópicas na Análise do Discurso.....                            | 45        |
| 2.2 A noção de fórmula em Análise de Discurso .....                                       | 48        |
| 2.2.1 Caráter cristalizado.....                                                           | 51        |
| 2.2.2 Caráter discursivo.....                                                             | 52        |
| 2.2.3 Caráter de referente social.....                                                    | 53        |
| 2.2.4 Caráter polêmico .....                                                              | 55        |
| 2.3 O modelo cognitivo idealizado .....                                                   | 57        |
| <b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>                                                | <b>61</b> |
| 3.1 Sobre as etapas de ação para o levantamento e a constituição do <i>corpus</i> .....   | 61        |
| 3.2 Sobre o discurso digital: algumas distinções necessárias .....                        | 74        |
| <b>4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....</b>                                        | <b>81</b> |
| 4.1 Como se apresenta a “estabilidade” do sintagma “maternidade real”? .....              | 81        |
| 4.2 Com que discursos “maternidade real” dialoga?.....                                    | 86        |
| 4.3 Qual a “notoriedade” de “maternidade real” na sociedade atual? .....                  | 98        |
| 4.3.1 De referente social a espaço público .....                                          | 104       |
| 4.4 Quais são as disputas de sentido de “maternidade real”? .....                         | 106       |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                                                | 117       |
| REFERÊNCIAS .....                                                                         | 121       |



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*“[...] tratava-se de estudar os momentos, na história dos discursos, em que essas palavras entram em conjunção para formar os sintagmas neológicos...”*  
(Alice Krieg-Planque, 2010, p. 10)

O tema da maternidade como objeto de estudo para o empreendimento desta pesquisa surgiu, originalmente, como manifestação de um interesse pessoal – razão pela qual, no que tange à justificativa deste trabalho, a primeira parte destas considerações é registrada em primeira pessoa do singular, configurando, simultaneamente, uma justificativa e uma breve contextualização centradas no caminho inicialmente percorrido por esta pesquisadora.

Até que eu mesma passasse pela experiência de me tornar mãe, o assunto maternidade sempre me pareceu desprovido de qualquer “problematização”: tratava-se, até então, de uma “realização” feminina inserida – compulsoriamente – na “ordem natural” das expectativas socialmente disseminadas em relação ao próprio “papel social da mulher”. Inclusive, a máxima de que “a mulher só se realiza plenamente quando se torna mãe” parecia-me tão bem consolidada que, de fato, eu estimava que correspondesse a uma “verdade” para toda e qualquer mulher. Melhor ainda dizendo: essa ideia não apenas já estava muito bem sedimentada como senso comum e posta num conjunto de saberes culturais acima de qualquer objeção – inclusive para mim –, como ainda, conforme muitas vezes eu mesma pude constatar, seguia sendo constantemente ratificada em veículos de comunicação pensados parcial ou exclusivamente para o público feminino (tais como revistas, filmes e novelas), não bastasse também emergir em meio às mais variadas conversas com os mais diferentes interlocutores, assim como do meio de outros tantos formadores sociais.

Em suma, a maternidade era ilustrada como uma das etapas já previstas no ciclo de vida de uma mulher agora já mais madura, que já teria estudado – portanto, “se formado” – e constituído a sua tradicional família nuclear. Logo, nessa sequência, o que lhe competiria era dar à luz – afinal, o que poderia vir depois disso? No mais, a maternidade sempre esteve associada a uma espécie de “instinto feminino”, a algo que seria “nato”; somente à mulher fora dado esse “poder” de gerar e essa “intuição” de criar outro ser, a exemplo do que fazem os animais. Acrescento essa comparação, aliás, porque me lembro de ouvir muitas vezes esse paralelo entre ser mãe e o chamado “instinto animal”.

Alimentada por essa “naturalização da maternidade” foi que segui o curso de uma gestação sem grandes problemas e durante a qual também não fui atravessada por qualquer

questionamento. No dia 13 de outubro de 2007, porém, junto do nascimento do meu primeiro filho, nascia também uma série de indagações sobre a maternidade, de modo que agora me era revelado um novo universo com o qual eu realmente nunca tivera contato – ou, ainda, no caso de que eu já o tivesse tido, ao qual nunca dedicara qualquer atenção. Mais especificamente, a “novidade” aqui, por assim dizer, não era no tocante aos cuidados com a criança, uma vez que, em relação a eles, bastaria uma consulta ao pediatra, aos parentes e/ou até mesmo à literatura – como ao renomado livro “A vida do bebê” (LAMARE, 2001) – para solucionar o incômodo do recém-nascido (ao menos, por algum tempo). Nesse quesito, sem dúvida, as mães estavam suficientemente abastecidas de informação, com a sua função maternal devidamente alicerçada. “Novas”, no entanto, eram as indagações que emergiam de uma natureza mais profunda, de cunho social e político (termo este aqui empregado, evidentemente, no seu sentido mais amplo, pensado em relação ao bem comum).

Esmiuçando-os, um dos questionamentos que me intrigavam por trás da maior carga física e emocional “naturalmente” conferida à mãe nessa nova composição familiar era/é justamente esse “*modus operandi*” do pós-nascimento do filho na sociedade brasileira, como se, de fato, essa carga cumprisse exclusivamente ao sujeito feminino, sem qualquer negociação prévia a esse respeito. Ou, ainda no que compreende essa “negociação”, não que consistisse nessa já previamente estabelecida no âmbito social, mas numa mais particularizada, na qual as mães e/ou futuras mães fossem obrigatoriamente consultadas acerca disso. Numa tradução mais prática do que se toma como sendo o encaminhamento “natural” dessa carga, porém, o que ocorre é que a mulher acumula mais uma tarefa àquelas que já lhe tinham sido socialmente designadas (como profissional, esposa, dona de casa...), se sobrecarrega e, como consequência desses acúmulos, assegura que “a ordem do seu lar” permaneça “inabalada”.

Para se ter uma ideia do que isso significa em números reais, o suplemento intitulado “Outras formas de trabalho da pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua” divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em abril de 2019, quando esta pesquisadora passou à composição do contexto sócio-histórico desta pesquisa pela primeira vez, revelava que, já em 2018, “as mulheres dedicaram, em média, 21,3 horas por semana com afazeres domésticos e cuidado de pessoas”, o que equivale a “quase o dobro do que os homens gastaram com as mesmas tarefas – 10,9 horas” (DA REDAÇÃO IBGE, 2019, *on-line*).

Pormenorizando-se essas médias em relação aos afazeres domésticos e ao cuidado de pessoas, o levantamento registrou que, a começar pelos afazeres, a mulher foi maioria em seis das sete atividades pesquisadas, sendo que “cozinhar foi a tarefa com a maior diferença entre os sexos, com incidência de 95,5% entre as mulheres e 60,8% entre os homens”. Já no que tange

às cinco atividades pesquisadas em cuidado de pessoas (que compreende a responsabilidade por crianças, idosos ou enfermos), ela também foi maioria em todos os casos. De acordo com a própria análise apresentada pelo Instituto, “A diferença entre sexos no cuidado de pessoas não se mostrou tão discrepante quanto em afazeres domésticos, mas **a mulher, além de cumprir mais tarefas, também tem peso muito maior em obrigações mais essenciais nos cuidados do dia a dia**” (DA REDAÇÃO IBGE, 2019, *on-line*, grifos desta pesquisadora). Além disso, ainda no que evidencia a sobrecarga mencionada no parágrafo anterior, as estatísticas assinalam que, também em 2018, “mesmo trabalhando fora, a mulher cumpria 8,2 horas a mais em obrigações domésticas que o homem também ocupado. A diferença era ainda maior entre homens e mulheres não ocupados. Nessa condição, elas trabalhavam 11,8 horas a mais que eles”.

Ainda no que envolve a constatação dessa realidade, importa destacar que a pesquisa do IBGE se detém no trabalho empreendido no seu plano visível, isto é, não se debruça sobre aspectos mais subjetivos – e, portanto, mais dificilmente mensuráveis –, como o peso da “carga mental” comum a essas mulheres, passando por todo o trabalho intelectual que envolve a ação de planejar o bom funcionamento de uma casa e/ou de assegurar a manutenção dos cuidados dispensados às pessoas. Assim, configurando-se como um dos graves problemas decorrentes da diferença entre gêneros numa sociedade culturalmente patriarcal, a sobrecarga feminina surge aí muito bem enraizada na base do corpo social brasileiro. Sobretudo quando se tem em vista que, articulando-se a esses dados, adiciona-se o fato de que, segundo um estudo do Instituto de Pesquisa Aplicada (Ipea) (BARBOSA; PHELIPE, 2020) também realizado em 2018, o percentual de domicílios brasileiros chefiados por mulheres é de 45% (contra 25% em 1995), sendo que, desse percentual, 43% vive em casal e 30% delas são mães – o que lhes confere ainda mais sobrecarga.

Em 2020, com o advento da pandemia de Covid-19, o que se sabe é que, dado o deslocamento obrigatório do ambiente externo de trabalho para o ambiente do espaço doméstico por meio do chamado “*home office*”, atendendo-se às medidas sanitárias voltadas ao controle e à prevenção de índices de contaminação ainda mais desastrosos pelo novo coronavírus, essa sobrecarga já característica do universo feminino (tão assim “característica” a ponto de ser dada como “normal”) foi ainda mais intensificada – física, emocional e psicologicamente. Nesse contexto, acumularam-se dentro de casa, e muitas vezes sob a responsabilidade exclusiva da mulher, uma quantidade ainda maior de atividades domésticas (dada a permanência das pessoas e/ou de mais pessoas no lar por um longo período de tempo), a necessidade de atender às demandas de um trabalho até então realizado fora e cujos horários de início e de término eram

muito mais bem estabelecidos, bem como uma série de novas atenções demandadas pelos filhos, sobretudo quando ainda pequenos e totalmente dependentes da figura materna para realizar as tarefas escolares – como o seu processo de alfabetização, agora em caráter de “*homeschooling*”, devido ao fechamento das escolas (DELBONI, 2020). Isso, deixando-se ainda de lado as cobranças quanto à manutenção do seu bom desempenho em outros papéis que também possam ter sido assumidos, como o de esposas e o de estudantes, por exemplo. Sobre aquelas que são mães, no entanto, os efeitos da pandemia parecem ter sido ainda mais impactantes.

Outro ponto de reflexão que muitas vezes sobreveio nesse intervalo em que a maternidade se instaurou na minha vida era/é relativo às cobranças, às repreensões e aos conselhos que incidem sobre quem é mãe pela primeira vez e que advêm especialmente de outras mães – supostamente “pares” –, somando-se e ao mesmo tempo retroalimentando-se para forjar o molde da “boa mãe”, da “mãe ideal”. Geralmente contraditórios, eu me esforçava para compreender esses discursos e a motivação daqueles que o mantinham em circulação, mas ainda sem saber que, mais tarde, parte desse discurso poderia ser recortada para compor o *corpus* de uma dissertação de mestrado. No mais, eu ainda me surpreendi refletindo acerca da solidão dessa experiência maternal.

Por um lado, despontava a sensação de estar apartada do mundo físico para cuidar do bebê: seja por necessidade, por opção ou por imposição, sabe-se que, quando dá à luz, a rotina do trabalho remunerado e da vida social da mulher é significativamente alterada, prevalecendo o maior tempo passado dentro de casa. Por outro, dado que esse “saber” corresponde justamente ao já esperado para esse momento da vida dela – constituindo-se, inclusive, como um dos requisitos para se caber nos já referidos moldes de “mãe ideal” –, despontava também o desconforto quanto a questionar toda essa lógica já tão bem estabilizada culturalmente, de maneira que parecia inadequado conversar sobre tantas interrogações, sob o risco de se pretender contrariá-la. Em síntese, portanto, a pergunta que condensava todas as outras interpelações era: “*Por que ninguém fala sobre isso – e de uma maneira ampla?*”. E, como desdobramentos e/ou até mesmo como possíveis traduções dela: “*Qual o motivo pelo qual (ou quais os motivos pelos quais) as variadas dimensões da maternidade não são abarcadas nas mídias?*”; “*Por que, afinal, esse ideal de maternidade não é questionado?*”.

Somente alguns anos mais tarde, agora em 2012, sendo mãe pela segunda vez e acompanhando o advento das redes sociais, foi que passei a observar uma iniciativa das mulheres no sentido de expressar a sua desilusão diante da maternidade tal como ela era inicialmente idealizada. Nesse desabafo que ia ganhando coro, era possível identificar que, em

comum, essas mães quase sempre revelavam a sua exaustão diante dos constantes e intensos cuidados que o exercício da maternidade requer (tal como as prescrições sociais o preveem), e o quanto a prática desses cuidados era solitária para elas, sobressaindo-se aí tanto a não divisão na execução das tarefas (e, de novo, a sobrecarga) quanto uma espécie de “total conformação” a esse papel, dado que elas mesmas podiam agora constatar que deixavam de ser vistas como profissionais e até mesmo como mulheres para ser vistas exclusivamente como “mães”. No geral, começavam, pois, a ser problematizadas essas imagens socialmente pré-construídas de mãe como equivalente de “guerreira”, de “Mulher-Maravilha” e até mesmo de “empoderada”, por meio das quais a sociedade as enalteceria visando à manutenção do seu esforço interminável, ocultando, assim, os prejuízos humanamente previstos para tanto desgaste.

Entre tantos enunciados publicados nas redes sociais à época, recordo-me de um que mais chamou minha atenção, mas cujo conteúdo, já por ocasião desta pesquisa, não pude recuperar, depois de passado algum tempo. Tratava-se de um *post* de Instagram no qual se veiculava a imagem de uma mulher com os cabelos desalinhados e com uma criança ao fundo desarrumando a sala, acompanhada de uma descrição aproximadamente nestes termos: “Esta é a maternidade real”. Logo constatei que estava lançada a *hashtag* “#maternidadereal” e que muitas mulheres, identificadas com os relatos de outras mães nesse movimento que surgia espontaneamente nas redes, passaram a compartilhar as suas próprias experiências maternais – e “reais” –, alçando essas experiências pessoais à condição de pauta em jornais e revistas que, por sua vez, contribuíram para conferir mais visibilidade ao problema, promovendo o seu debate como de interesse coletivo.

Ilustrando tanto essa maternidade real quanto essa mudança de perspectiva acerca da maternidade, o Instituto de Pesquisa QualiBest entrevistou 1.317 mães de todas as regiões do País em abril de 2016, evidenciando a luta sofrida por elas para darem conta da carreira, do relacionamento e dos filhos. Intitulado “A nova mãe brasileira”, o estudo apontou que, diferentemente do estereótipo sustentado pela publicidade de “mães lindas, multitarefas, felizes com seus filhos e sua família”, “as mulheres com filhos, no Brasil, estão cansadas, se sentem culpadas e distantes do estereótipo da mãe perfeita” (EQUIPE QUALIBEST, 2016, *on-line*).

Mesmo ainda envolvidas pela mística em torno da maternidade e do “papel sagrado” da mãe, 51% das entrevistadas se identificaram como mães que buscam outras fontes de realização além dos filhos, como o trabalho, a relação com o companheiro e outros interesses na vida. E apenas 18% se identificaram como mães que “têm seus filhos como prioridade”. Quando questionadas sobre o modo como eram/são frequentemente retratadas nas mídias (em filmes, novelas e redes sociais), 41% declararam não se sentir representadas, sendo que 46% afirmaram

que a ideia de “mãe perfeita” não as representa, “assim como as figuras de mães que estão sempre felizes, que são multitarefas, que são guerreiras e vencem tudo ou que fariam qualquer sacrifício pelos filhos” (EQUIPE QUALIBEST, 2016, *on-line*). As mães, portanto, aparentavam despertar sobre a dificuldade do exercício da maternidade.

Concomitantemente a todos esses dados que iam se associando, eis que, no ano de 2017, surgia um novo espaço nas prateleiras das livrarias para comportar obras escritas por mães, a exemplo de “Mãe fora da caixa” (VILARINHO, 2017) e “Mães arrependidas” (DONATH, 2017), cujos títulos, por si sós, já sugeriam uma nova maneira de se discursar sobre a maternidade. No cinema, por exemplo, no ano seguinte estreava também o filme “Tully” (2018), que narra a história de uma mãe atarefada com os seus três filhos.

Retratando a maternidade sob uma nova ótica, “desromantizada”, ocorreu-me que essas manifestações oriundas de diferentes esferas (das redes sociais, dos veículos digitais de comunicação e de pesquisa, assim como dos já tradicionais – tais como programas de tevê aberta –, dos universos literário e cinematográfico) poderiam ser indícios de um novo movimento social, surgido organicamente. E, nesse movimento, não obstante a importância de que ele fosse contemplado sob as mais diferentes perspectivas – inclusive em conformidade com aquelas incômodas questões já assinaladas inicialmente –, o que mais despertava a minha atenção agora já não era o viés unicamente sociológico envolvendo esse tema, mas, sim, o seu viés discursivo. Afinal, quais sentidos estavam sendo postos em circulação por meio dessa maternidade então qualificada como “real”? Se a maternidade que vem sendo exposta a partir daí é “real”, isso implicaria que haveria um outro tipo de maternidade, além dela? Essa outra, então, seria a do tipo “irreal” ou “falsa”? A expressão, em si mesma, parecia conter uma natureza conflituosa.

Em 2019, quando ingressei no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEPG-LAEL/PUC-SP), o meu interesse em torno das questões relativas à circulação da expressão “maternidade real” estava mantido. Já no Grupo de Pesquisa Atelier Linguagem e Trabalho, que se detém nos estudos discursivos envolvendo linguagem e trabalho sob a perspectiva enunciativo-discursiva da Análise do Discurso de linha francesa, e tendo como orientadora a Profa. Dra. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, pude finalmente conhecer os conceitos que estudam a “história das palavras que governam nossa maneira contemporânea de pensar o mundo” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 17), sobre os quais Émile Benveniste primeiramente refletira em 1954 e que Alice Krieg-Planque (2010) operacionalizara por meio da noção de fórmula discursiva em 2010. Respalhada, pois, por essa teoria, eis que finalmente surgiria a

pergunta que orientaria a presente pesquisa: *“O sintagma ‘maternidade real’ pode ser alçado ao estatuto de fórmula discursiva?”*.

A fim de verificar qual a lacuna que uma pesquisa investida desse objetivo central poderia preencher no espaço acadêmico, contribuindo para fazer avançarem os estudos a esse respeito nessa e em outras áreas, foi realizado um levantamento voltado a mapear quais outros trabalhos se debruçavam sobre essa mesma temática. No Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Plataforma Sucupira –, foram elencados três estudos referentes a “maternidade real” – expressão assim pesquisada entre aspas, para que os resultados da consulta abrangessem somente as publicações nos quais os termos constassem articulados. Dois deles estavam situados na área da Psicologia (“Gravidez, regressão e elaboração: uma aproximação psicanalítica” [LIMA, 2004] e “O lado B da maternidade: um estudo qualitativo a partir de blogs” [PESCE, 2018]), e um estava na área da Educação em Ciências Químicas (“Não é normal eu não amar meu filho”: significados de maternidades e sujeito-mãe em duas instâncias midiáticas' [LAUXEN, 2018]).

Diante desse resultado, efetuou-se uma nova consulta, agora refinada por meio de dois descritores-chave articulados no campo de busca – “maternidade + fórmula discursiva”, tema geral e principal conceito teórico –, tomando-se como grande área do conhecimento o campo da Linguística e, mais especificamente, o da Linguística Aplicada. Sobre a “maternidade”, foram apresentados outros três estudos (“Formas de participar: responsabilidade (com)partilhada entre escola e família na fala-em-interação social em contexto doméstico-familiar” [SCHNACK, 2013], “Significando o abuso sexual infantil na fala-em-interação: estratégias interacionais acionadas por conselheiro tutelar e crianças na reconstrução da experiência do abuso” [SELL, 2012] e “Disque-saúde: um processo de recontextualização na oralização de teleatendentes” [PEREIRA, 2013]), cujas abordagens se distinguem daquela aqui proposta. Em relação à fórmula, foram localizados 12 estudos, nos quais se verificavam as mais variadas expressões temáticas, como “complexo de vira-latas”, “educação a distância”, “apocalipse”, “desenvolvimento sustentável” e “cultura de paz”, de modo que, nessa seleção realizada na Plataforma Sucupira, não foi encontrada pesquisa alguma que já tivesse sido empreendida acerca da “maternidade real” sob a perspectiva de fórmula discursiva.

Sobre a fórmula discursiva, especificamente, passando das produções levantadas na plataforma àquelas do próprio Grupo de Pesquisa Atelier Linguagem e Trabalho, foram encontrados importantes artigos nos quais esse conceito já vinha sendo mobilizado nos últimos anos, a exemplo de “Sistemas de ensino: produção discursiva de sentidos sobre a educação e o trabalho do professor” (SOUZA-E-SILVA, 2012). No texto em questão, a pesquisadora

mobilizou, recorrendo a Maingueneau (2008a), os princípios do primado do interdiscurso e da polémica como interincompreensão para tratar de duas das características da fórmula: seu caráter discursivo e polémico. Acrescentem-se, ainda, o artigo “Uma arma na mão e Jesus no coração: circulação e aspectos formulaicos do sintagma ‘cidadão de bem’” (CAMPOS; CABRAL, 2019) e a tese de Campos (2018), sob o título “O discurso de um lugar (im)possível: considerações sobre o potencial paratópico de travestis e transexuais”, em que a autora analisa o acrônimo “LGBT”, símbolo da diversidade, por meio da noção de fórmula discursiva.

Encerrando esse estado da arte, além das pesquisas já contempladas, importa mencionar ainda o livro “Fórmulas Discursivas” (MOTTA; SALGADO, 2011), no qual são encontrados capítulos que discutem o funcionamento das fórmulas discursivas segundo a abordagem proposta por Krieg-Planque, a exemplo do ensaio apresentado por Baronas e Gibin (2011) sobre o sintagma “reforma ortográfica”, em “Das condições de emergência da fórmula *reforma ortográfica* na mídia”, bem como aqueles que se utilizam da fórmula como disparador para dialogar com outros conceitos, a exemplo de “*Ethos* e fórmulas no discurso religioso”, de Silva (2011), e “Corinthians, jogai por nós: fórmulas alteradas”, de Possenti (2011). O tema “maternidade” e o sintagma “maternidade real”, porém, não figuram em nenhum deles, aí também se justificando, portanto, o objeto de análise em questão.

No que diz respeito à sua contribuição social, este estudo, como base, parte já da constatação de que aquilo que originalmente se configurava como um interesse de natureza pessoal era e é, na verdade, parte de um interesse coletivo e de um conjunto de problematizações complexo e atual. Isto porque, fazendo-se uma imersão ao longo do tempo – tal como se verificará no primeiro capítulo desta pesquisa –, é possível constatar que, na história da humanidade, nunca antes a concepção de maternidade pôde ser discutida de forma tão abrangente nas suas variadas dimensões, a ponto, inclusive, de essa discussão ser muitas vezes protagonizada pelas mulheres como a “não maternidade”, a exemplo do livro em formato de manifesto da chilena Meruane (2014), que discorre sobre o atual questionamento feminino quanto a não se querer ter filho. Assim como a exemplo do caso de Karoline Alves, que realizou uma laqueadura aos 25 anos de idade, porque nunca quis ser mãe (MORI, 2019).

Ainda entre os exemplos que podem ser assinalados quanto à atualidade dessa discussão, estão o aborto legal, com projetos que tramitam na Câmara Nacional para avaliação, assim como o arrependimento em se ter filhos, como retratado no livro “Mães Arrependidas”, no qual a socióloga israelense Donath (2017) entrevista mães que declaram o seu arrependimento frente à maternidade, bem como a discussão mais aberta no que tange à infertilidade e às tentativas de inseminação artificial, tal como no que respeita à maternidade tardia, em relação à qual se

constatou um aumento de 36% (segundo censo de 2018 do IBGE [SILVEIRA, 2019], com mães na faixa etária de 30 a 45 anos). Mesmo no Lattes, a discussão sobre a maternidade já surtiu efeitos para a indicação do período de licença-maternidade, a fim de equalizar o currículo dos pesquisadores, independentemente do seu gênero. E, figurando também no centro desse grupo de questões abarcando a maternidade, estão esses discursos que circulam sobre a maternidade de maneira mais franca, recorte desta dissertação.

Em enunciados como “Amo meus filhos, mas odeio ser mãe” (SANTOS, 2019, *on-line*), “Amo meus filhos mais do que tudo no mundo, mas não gosto de ser mãe” (MACIEL, 2018, *on-line*) e “Amo minhas filhas, mas não amo tanto ser mãe” (MARÇAL, 2019, *on-line*), por exemplo, mais do que manifestações geradoras de polêmica, despontam, antes, sujeitos clivados por uma construção social – e, portanto, ideológica – enraizada simbolicamente, por meio da qual os seus sentimentos, o seu inconsciente e a sua realidade são igualmente atravessados. Neles, observa-se que, ao construírem esses enunciados empregando o marcador de oposição “mas” – nas palavras de Koch (2011, p. 104), “operador argumentativo por excelência” –, essas enunciantoras explicitam que aquilo que se problematiza não é o amor que sentem pelos seus filhos – o que está assegurado na primeira parte dessas três construções –, mas, sim, o que envolve esse seu papel social, o estado permanente de ser mãe, a “maternidade real”.

Diante de todo o exposto, tendo-se em vista um contexto social no qual se estabelece a quarta onda do movimento feminista, na qual as mulheres se utilizam das redes sociais para dialogar sobre o seu universo, revendo o seu papel na sociedade e reivindicando novos espaços, buscando “articular um funcionamento discursivo e sua inscrição histórica, procurando pensar as condições de uma ‘enunciabilidade’ passível de ser historicamente circunscrita” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 17), é que se espera que a presente pesquisa possa também somar, no sentido de potencializar as condições de produção para a comunidade de mães que continuam enunciando sintagmas como “maternidade real” e “a real maternidade”, e que aglutinam em si questões profundas e conflitantes.

No que diz respeito à forma como este trabalho está organizado, ele se divide em quatro capítulos que antecedem as considerações finais, sendo que a introdução de cada um já abrange uma apresentação mais pormenorizada de como eles se encontram constituídos, consoante as suas subdivisões. Em linhas gerais, o primeiro deles discorre sobre o panorama sócio-histórico do papel da mãe, reconstituindo-se cronologicamente a figura materna desde os seus primeiros achados na história ocidental até a criação e a lapidação do ideal de mãe incutido culturalmente entre as mulheres. No segundo, são apresentados os preceitos teóricos que embasaram este estudo, destacando-se aí, tal como já antecipado, os dois principais autores que sustentam esta

pesquisa, ambos situados no campo da Análise do Discurso de Escola Francesa: Alice Krieg-Planque e Dominique Maingueneau.

Relativamente aos preceitos mencionados, de Krieg-Planque (2010), tem-se a noção de fórmula discursiva, que caracteriza a sua proposta teórico-metodológica das quatro propriedades formulaicas (cristalização, discursividade, referente social e polêmica); e, de Maingueneau, têm-se as unidades tópicas e não tópicas (2008b, 2015) – sendo estas últimas aquelas unidades construídas pelo pesquisador por meio de variadas formações discursivas e que compõem o *corpus* desta investigação –, bem como os princípios do primado do interdiscurso (2008a).

Por fim, como suporte analítico, esse segundo capítulo incorpora ainda George Lakoff (1987), cuja contribuição à análise se dá mediante a sua teoria de modelo cognitivo idealizado, auxiliando no entendimento da figura socialmente cristalizada da “boa mãe”, da mãe idealizada.

O terceiro capítulo, de natureza metodológica, consoante as orientações de Krieg-Planque (2010), recupera todos os passos do percurso empreendido pela estudiosa em sua pesquisa sobre “depuração étnica” – percurso esse que foi tomado como referência para este trabalho ainda mais particularmente a partir da entrevista por ela concedida para a obra “Fórmulas Discursivas” (MOTTA; SALGADO, 2011), na qual descreveu cada uma das etapas que tornaram possível viabilizar esse estudo. No quarto capítulo, finalmente, segue a análise do *corpus*, tomando-se, então, as quatro propriedades da fórmula como principais critérios de análise aplicados a um conjunto de 61 textos.

## 1 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO: TRAÇANDO A LINHA DO TEMPO DA NOÇÃO DE MATERNIDADE

*“A maternidade é, ainda hoje, um tema sagrado. Continua difícil questionar o amor materno, e a mãe permanece, em nosso inconsciente coletivo, identificada a Maria, símbolo do indefectível amor oblato.”*  
(BADINTER, 1985, p. 9)

Historiadora e filósofa, Elisabeth Badinter (1985) desenvolveu um minucioso estudo sobre o “o mito do amor materno”, no qual afirma que a concepção de maternidade – ainda vigente nos tempos atuais – resulta de toda uma construção de valores, crenças e costumes; ou, ainda, dizendo de outro modo, a autora esclarece que essa concepção deriva de uma ideologia coerciva em relação às mulheres, cuja finalidade consiste em fazer com que elas procriem e criem os seus filhos dentro de um quadro de angústia, de conflitos e de culpa silenciado pelo discurso da maternidade idealizada e, por fim, compensado pelo próprio “amor materno”.

Visando a traçar uma linha do tempo no que diz respeito à construção desse ideal de maternidade, situando e aprofundando esse tema num contexto sócio-histórico agora mais abrangente do que aquele mais sintetizadamente apresentado nas considerações iniciais deste trabalho, este capítulo reúne cronologicamente, num único tópico, algumas das principais autoras que se debruçaram acerca dessa questão. Entre outras, além da própria Badinter (1985) – principal referência no que tange ao entendimento de maternidade como fruto de toda uma construção social em “Um amor conquistado” –, encontram-se Thurer (1995) – que, em *“Myths of motherhood”*, apresenta um panorama histórico a esse respeito –, assim como Silva (2019) – que, em “Feminismo na atualidade”, discorre sobre os variados momentos do movimento feminista (movimento, portanto, que também compreende o aspecto da maternidade entre as questões que problematiza) –, e, por fim, Meruane (2014) – que, em “Contra os filhos”, se manifesta como uma questionadora do modelo de maternidade instaurado na sociedade.

A começar por Thurer, a estudiosa recupera o processo de concepção da maternidade ao longo dos anos a partir da representatividade da “deusa maternal”, a grandiosa mãe primitiva envolvida por uma aura mítica e divinizante, cuja natureza é, em si mesma, dualista – “criativa e destrutiva, terna e feroz, boa e má” (THURER, 1995, p. 14, tradução desta pesquisadora). Segundo ela, no Período Neolítico (de 8000 a.C. até 5000 a.C., também reportado como “Idade da Pedra Polida”), os historiadores encontraram indícios de uma relação respeitosa e de aparente

igualdade tanto entre os gêneros quanto entre as mães e os seus filhos. Todavia, com o desenvolvimento do modelo de sedentarismo, bem como mediante a busca pela posse de terras, o interesse pela propriedade privada e a domesticação dos animais, culminando com o conhecimento (e com o reconhecimento) da importância do homem no processo de reprodução, estabelece-se o patriarcado, prevalecendo o domínio do homem devido ao seu papel biológico, ao seu cuidado, à sua capacidade de adquirir posses e de transmitir terras aos seus herdeiros. Logo, a consequência consistiu na mudança dos papéis pelos quais homens e mulheres se relacionavam, verificando-se agora a subordinação, o isolamento e a procriação como destino feminino.

De acordo com esse levantamento que a autora inicia desde as épocas mais remotas, o que se observa é que, oriundas da pré-história da humanidade, algumas referências dessas “funções femininas” (em oposição ao que seriam as “funções masculinas”), inclusive no que compreende o exercício da maternidade, permaneceram enraizadas no nosso inconsciente até os dias atuais, sendo muitas vezes reforçadas ao longo de todo esse tempo.

Na Grécia Antiga, por exemplo, Aristóteles designa aos homens as atividades nobres – como as artes, as guerras e a política –, enquanto às mulheres, a serviço dos seus maridos, compete a invisibilidade pública. Fechadas nos seus espaços domésticos, elas obedecem aos seus cônjuges e são julgadas pela sua fertilidade, sendo que gerar um herdeiro é algo que “consolida a sua personalidade” – uma compreensão, portanto, na qual o senso comum de que “a mulher só encontra a ‘plenitude’/só ‘se realiza’ quando se torna mãe” parece encontrar, se não a sua raiz, uma de suas raízes. Os filhos, contudo, são “propriedade” dos maridos, que decidem quais deles devem abandonar – caso dos “recém-nascidos expostos” (THURER, 1995, p. 73, tradução desta pesquisadora).

Ainda para o renomado filósofo, a mulher é considerada não confiável, uma pessoa predisposta a enganar e muito passional – tanto assim que, até os dias atuais, fala-se em “histeria feminina”, retomando-se aí essa associação, já que, em grego, a palavra “histeria” refere-se ao útero. Ademais, como reforço da supremacia masculina, na mitologia grega existem várias histórias de maternidade masculina, tais como a de Pandora (que Hesíodo retrata como a primeira mulher, cuja natureza – “curiosa” – deu origem ao pecado capital) e a de Atena (nascida da cabeça de Zeus).

Em relação à maternidade, especificamente, por meio da análise da própria mitologia e das tragédias gregas, é possível depreender uma ausência de relação próxima – e menos ainda amorosa – da parte da mãe para com os seus filhos. É somente em Roma, ainda antes de Cristo, que será encontrada a figura da matrona, iniciando-se aí o ideal da mãe, com o qual se eleva a

criação dos filhos a um valor de atividade cujo foco interessa aos índices de natalidade do vasto Império Romano. A propósito, essa perspectiva de preservação da espécie e da valorização da mulher pela sua função reprodutiva – de ser aquela que dá luz aos filhos – também é identificada entre os hebreus antigos, um povo que não tinha receio de demonstrar amor pelos seus filhos e que, com o tempo, devido às perseguições que sofria, passou a contar com as suas crianças para preservar a própria raça. Assim, são várias as histórias que aí podem ser encontradas de mães padecendo pelos seus filhos, a exemplo da clássica parábola sobre a virtude de uma mãe que, ao contar para Salomão que preferia desistir do seu bebê a ser obrigada a dividi-lo entre ela e outro, configura uma primeira aparição do amor materno visceral, tal como ele passou a ser concebido socialmente até a atualidade.

Ainda segundo Thurer (1995), avançando-se os séculos, a Idade Média foi um período multifacetado no que concerne a essa idealização de maternidade: para alguns estudiosos, há indícios da existência de uma relação amorosa entre as mães e os seus filhos; para outros, predomina uma indiferença da parte delas para com eles, culminando daí o abandono das crianças junto às amas de leite, nos monastérios e nas casas de acolhimento para crianças abandonadas. Marcada pelos valores judaico-cristãos, a dualidade da imagem da mulher se intensifica nesse período.

No que se refere a essa dualidade, ocorre que, de um lado, encontra-se Eva, um ser humano pecador, contra o qual a seguinte praga lhe é rogada: “E à mulher disse: multiplicarei grandemente a dor da tua conceição; em dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (Gênesis 3, 16 [GÊNESIS..., [2021], *on-line*]). Embasados por esse discurso é que alguns doutores da Igreja transformam Eva – e, por conseguinte, todas as mulheres – em símbolo de frivolidade e do mal, sendo que, no século IV, os textos de Santo Agostinho ratificam o que seria essa sua “malignidade natural”, qualificando a mulher como “uma besta insegura e instável” (BADINTER, 1985, p. 57), cuja criança concebida já nasce com o pecado original. Como não bastasse, o pensamento agostiniano alicerça a atmosfera de dureza e frieza e a subordinação feminina, enquanto, fortalecendo esse entendimento, a doutrina de São Paulo retoma os conceitos aristotélicos de que a mulher deve ter um comportamento de modéstia e silêncio.

Já de outro lado, constrói-se o arquétipo da boa mãe, da virgem sem pecados, misericordiosa, confiável, transbordando de bondade, abnegada, cuidadora – “ela fez a humildade e a submissão parecerem boas” (THURER, 1995, p. 83, tradução desta pesquisadora). Muitas foram as pinturas e as esculturas feitas nesse período em homenagem à Virgem Maria; “Maria como sofredora, *Mater Dolorosa* de que as *Pietàs* dão testemunho, a tal

ponto que as palavras ‘mãe’ e ‘sacrifício’ vão se tornar praticamente sinônimos” (THURER, 1995, p. 114, tradução desta pesquisadora). Surge daí a devoção à figura pura e virginal de Maria como uma criação masculina de uma mulher não real.

Na Renascença, com o desenvolvimento do capitalismo, os europeus redefinem o trabalho da mulher: “seu trabalho não era mais considerado real ou valioso, pois não contribuía diretamente para a produção capitalista” (THURER, 1995, p. 135, tradução desta pesquisadora). A mulher se torna, então, um objeto estético, passando a ajudante psicológica do seu marido e mãe dos seus filhos, firmando a autoridade do marido sobre a família. Tanto assim que, até o final do século XVIII, o medo domina as relações familiares, com a figura paterna acima de tudo. Para se ter uma ideia do que isso implicava na prática, o teólogo espanhol J. L. Vivès, com a sua obra “A instituição da mulher cristã”, condena a doçura e a tolerância com que as mães tratavam os filhos e reprime o aleitamento “prazeroso” que a mãe poderia vir a dar ao seu rebento, pois esse “excesso de atenção” tenderia a formar um homem de “alma fraca” (BADINTER, 1985, p. 57).

Ainda em relação ao que caracterizaria o exercício da maternidade no século XVIII, Badinter (1985) comprova em detalhes, mediante toda uma documentação empreendida acerca da Era Moderna, como era o hábito da aristocracia europeia de contratar amas de leite – costume que se intensificou justamente no fim do século mencionado. Entre as mães desse novo período, havia um desinteresse, uma indiferença manifestada em relação aos seus filhos: no lugar dos bebês, elas priorizavam os seus cônjuges, sendo esse um comportamento que não era condenado pela ideologia moral ou social dessa época. Pelo contrário: a maternagem não era objeto de atenção, de valorização alguma por parte da sociedade: “na melhor das hipóteses”, era considerada algo “normal”; na pior delas, “uma coisa vulgar” (BADINTER, 1985, p. 100).

Aqui, para que se evidencie a apreensão social de maternidade que então vigorava, importa acrescentar que as amas de leite eram chamadas de “amas mercenárias” (BADINTER, 1985, p. 119), pois um quarto das crianças sob os seus cuidados acabava morrendo no primeiro ano de vida devido à má alimentação, à falta de regras e de horários, ao uso de narcóticos para que ficassem mais tranquilas, aos maus cuidados, à sujeira nos locais de moradia com as amas e à falta de higiene delas para com os pequenos. Logo, como não poderia deixar de ser, de todo esse conjunto resultou um verdadeiro infanticídio, sendo que as crianças de famílias de classe mais alta e média que sobreviviam a ele retornavam ao seu lar para ser cuidadas por instrutores, sendo posteriormente enviadas aos internatos. O seu contato com a mãe, portanto, era bem pouco, já que a ela cabia dar atenção ao marido e às suas funções sociais. Disso, contudo, não se deve deduzir, precipitadamente, que não houvesse qualquer vínculo afetivo na relação mãe

e filho: o que se verifica, pois, é que a ideação em torno da prática da maternidade era outra, tal como esclarece a historiadora em cujos estudos esta contextualização também se fundamenta:

Atentemos para a ausência do amor como valor familiar e social no período de nossa história que antecede a metade do século XVIII. Não se trata, porém, de negar a existência do amor antes de determinada época, o que seria um absurdo. Mas é preciso admitir que esse sentimento não tinha a posição nem a importância que hoje lhe são conferidos (BADINTER, 1985, p. 50-51).

Como resposta a esse comportamento social, do qual redundava um alto índice de infanticídio, é que tem início a composição de uma nova figura materna: a da mãe amorosa. Contudo, para que esse novo resultado almejado pudesse ser viabilizado, foi preciso apelar para o “seu senso de dever, culpá-la e até ameaçá-la para reconduzi-la à sua função nutritiva e maternante, dita natural e espontânea”, tal como explica Badinter, acrescentando mais adiante: “impõem, à mulher, a obrigação de ser mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho [...]” (BADINTER, 1985, p. 144). Assim como essa concepção, igualmente nova é a associação das duas palavras, “amor” e “materno”, implicando não só a promoção do sentimento que deve ser peculiar a toda mãe (o amor), como também estabelecendo o comportamento da mulher nessa condição de mãe (amorosa, “maternal”), sendo que aí ainda se agregaria a articulação entre essa função maternal (logo, “amorosa”) e a máxima felicidade feminina nesse exercício de amor, por amor.

Mais especificamente, para que as mulheres introjetassem esse novo papel de mães amorosas, foram necessários três discursos. O primeiro deles, o discurso econômico – que também poderia ser classificado como discurso político, uma vez que os seus enunciadores assim o veiculavam investidos do papel de políticos –, fundamentava-se nos baixos índices de natalidade e, em decorrência disso, na valorização dos cuidados maternos nos primeiros anos de vida das crianças, haja vista que, nesse período, a criança adquire valor mercantil, tornando-se uma riqueza econômica. Assim, “A linguagem utilizada não era a do dever, das obrigações e do sacrifício, mas a da igualdade, do amor e da felicidade” (BADINTER, 1985, p. 161), decorrendo daí que, ao final, o útero das mulheres se transformaria em território político, controlado pelos homens e pelo Estado: a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista. Nesse sentido, pode-se dizer que esse discurso envolvia uma ação mais tática para solucionar a questão da queda de natalidade.

Já os outros dois discursos, o filosófico e o científico, atuaram na produção simbólica do que representa e funda o maternar na sociedade até o tempo presente. Conferindo o suporte

necessário ao empreendimento dessa mudança almejada, esses discursos aos quais a sociedade recorre a fim de fortalecer o enquadramento da mulher nessa sua nova compreensão de maternidade são categorizados por Maingueneau (2008b, p. 37) como “discursos constituintes”. Por definição, trata-se de um tipo de discurso que se caracteriza por “não reconhecer autoridade além da sua própria”, por “não admitir qualquer outro discurso acima dele”, operando, assim, na base da criação simbólica de uma sociedade – o que o autor chama de “*archeion*”, por ser a sede da autoridade, associando “o trabalho de *fundação* no e pelo discurso, a determinação de um lugar associado a um *corpo de enunciadores consagrados* e uma gestão da *memória*” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 38, destaques do autor).

No que tange a cada um deles, a começar pelo discurso filosófico, este se pautava por ideias de igualdade e de felicidade individual. De acordo com Badinter (1985), Rousseau foi o melhor representante, a melhor Fonte legitimadora da ideologia da nova família, com o seu célebre “Emílio, ou Da Educação”, no qual recomendava às mães a amamentação e a criação dos filhos, recriminando-as por darem preferência a outros interesses – diferentemente, portanto, do que se cultivara no século XVIII. Para esse e outros filósofos que lhe eram contemporâneos,

a mulher não é mais identificada à serpente do Gênesis, ou a uma criatura astuta e diabólica que é preciso pôr na linha. Ela se transforma em uma pessoa doce e sensata, de quem se espera comedido e indulgência. Eva cede lugar, docemente, a Maria. A curiosa, a ambiciosa, a audaciosa metamorfoseia-se numa criatura modesta e ponderada cujas ambições não ultrapassam os limites do lar (BADINTER, 1985, p. 176).

Em relação ao terceiro discurso, o científico, ele era praticado tanto por médicos quanto por toda uma comunidade que ia de filantropos a chefes de polícia, mediante uma série de brochuras que colocavam em voga o tema da maternidade. Segundo Badinter (1985, p. 182), “cada qual repete, incansavelmente, os mesmos argumentos para convencer as mulheres a se ocuparem pessoalmente de seus filhos”; em especial, para convencê-las em relação à necessidade do aleitamento materno. Valendo-se das “vantagens” para a saúde, a beleza, a felicidade, a glória e até a economia, eis que esses atores rebatem as queixas das mulheres a esse respeito. Conforme Perrot (2017, p. 75), em “Minha história das mulheres”, “A medicalização da maternidade e da pequena infância passa, então, a ser um interesse nacional que recai obsessivamente sobre o corpo da mulher”.

Seguindo a ordem dos acontecimentos nessa linha do tempo é que, no início da Era Contemporânea, instaura-se o domínio do “menino-rei”, o bem mais precioso dos pais, ao qual

não se pode substituir. A mãe torna-se “a boa mãe”, e não amar os próprios filhos passa a figurar como o pior dos crimes. A maternidade agora encontra-se dotada de um novo ideal, e “o modo como se fala dessa ‘nobre função’, com um vocabulário tomado à religião (evoca-se frequentemente a ‘vocação’ ou o ‘sacrifício’ materno) indica que um novo aspecto místico é associado ao papel materno” (BADINTER, 1985, p. 223). Em outras palavras, pode-se identificar a manipulação do discurso religioso em prol dessa causa, no qual a mãe é frequentemente comparada a uma “santa” – “santa mulher”. De mulher a “santa”, a sociedade institui um padrão inalcançável, engendrando, assim, a culpa (des)necessária nas mães.

A maternidade, então, chega ao século XX já moldada com um novo sentido, que extravasa a função “animal”: a mãe se mostra a mais adequada para a formação do bom cristão e do bom cidadão, porque essa é a sua “natureza feminina”. Ainda quanto à sua “natureza”, a mãe é “naturalmente devotada”, sendo que, ao seu “instinto materno” forjado, segue-se um olhar mítico sobre a maternidade, pois, ao se sacrificar pelo filho (ao priorizar o amor pelo filho no lugar do seu amor-próprio), ela esquece de si, colocando-se acima da condição humana. Dessa forma, a sociedade recorre mais uma vez ao discurso constituinte – neste caso, o religioso – para incutir um papel sagrado na maternidade, de maneira que a mulher que se opõe a esse estatuto “devoto” experimenta a culpa, a angústia, a frustração. E, no caso de desejar evitar a sua adequação a esse molde, sofre uma grande condenação moral. A exemplo de como se dá essa condenação, com 150 anos de diferença entre si, Rousseau e Freud estão entre aqueles que traçam o decalque de uma mesma mulher e que

sublinham o senso de dedicação e do sacrifício que caracteriza, segundo eles, a mulher “normal”. Fechadas nesse esquema por vozes tão autorizadas, como podiam as mulheres escapar ao que se convencionara chamar de sua “natureza”? Ou tentavam imitar o melhor possível o modelo imposto, reforçando com isso sua autoridade, ou tentavam distanciar-se dele, e tinham que pagar caro por isso. Acusada de egoísmo, de maldade, e até de desequilíbrio, àquela que desafiava a ideologia dominante só restava assumir, mais ou menos bem, sua “anormalidade”. Ora a anormalidade, como toda a diferença, é difícil de se viver. As mulheres submeteram-se, umas silenciosamente, algumas tranquilas, outras frustradas e infelizes (BADINTER, 1985, p. 297).

Conforme é possível verificar até aqui, a figura da boa mãe, da mulher feminina que tem por aptidão aceitar o sofrimento por ele ser compensado pelas “alegrias da maternidade” (BADINTER, 1985, p. 308), foi inscrita na memória dos indivíduos e transmitida entre gerações como uma crença irrefutável, como um dogma inquestionável acerca da mãe, a quem teria sido outorgado um lugar sagrado, interditado à conversação, sendo que as próprias mulheres colaboraram tanto na criação quanto na manutenção dessa imagem, tal como exemplifica

Meruane (2014, p. 48):

Entre as que cegamente repetiam o estereótipo feminino da época estava Julia Cameron: uma das poucas profissionais da fotografia em preto e branco que retratou, sem pudor algum, mulheres de cabelo embaraçado, com as mãos sobre o peito, mãos dolorosamente inclinadas sobre seus filhos, inocentes filhas munidas de enormes asas angelicais.

A esse propósito, Virginia Woolf, escritora que foi também uma das crianças que figuraram nos retratos de Cameron, se apropria da expressão “anjo do lar” – título de um aclamado poema de Conventry Patmore (1823-1896) que “celebra o amor conjugal e idealizava o papel doméstico das mulheres” (WOOLF, 2020, p. 11) – e o utiliza no seu discurso “Profissão para mulheres”, realizado para a Sociedade Nacional de Auxílio a Mulheres em 1942, defendendo a necessidade de se combater esse “anjo do lar” que habita em cada mulher, a fim de que as mulheres pudessem, então, desfrutar uma vida mais saudável. Afinal, “segundo o Anjo do Lar... as mulheres precisam agradar, precisam conciliar...” (WOOLF, 2020, p. 13).

Nessa época – início do século XX –, importa ainda considerar que se observa nitidamente a divisão entre os papéis de gênero: a mulher ficou responsável por tudo o que havia dentro das paredes da casa e, o homem, por tudo o que estava fora dela. Assim, boa parte das mulheres ficava afastada da esfera pública e confinada ao espaço privado – o que implica que o discurso da maternidade orientado pela sua própria experiência maternal – veiculado, portanto, sob a sua perspectiva e por meio da sua própria voz – não circulava nos espaços sociais.

A esse respeito, particularmente, em seu livro “A condição humana”, a filósofa Hannah Arendt (2008) dedica uma passagem à desimportância dada pela sociedade ao privado. Segundo ela, tudo o que faz parte do “privus” – termo de que se utiliza – se torna menor; há nele uma falsa valorização: “[...] o homem privado não se dá a conhecer, e, portanto, é como se não existisse. O que quer que ele faça permanece sem importância ou consequência para os outros, e o que tem importância para ele é desprovido de interesse para os outros” (ARENDT, 2008, p. 68). Nesse sentido, tem-se que as mulheres até poderiam discorrer sobre a maternidade, mas dentro do seu ambiente privado, fora do qual as suas apreciações a esse respeito não teriam qualquer relevância.

Em contrapartida a esse “silêncio” – ou “silenciamento” – também naturalizado no âmbito social, eis, no entanto, que têm início os movimentos feministas. Conforme Jacilene Maria Silva (2019), que se detêm nas quatro fases dessas manifestações – chamadas de “ondas” –, a primeira delas tem início entre o final do século XIX e meados do século XX, quando o

propósito das sufragistas consistia em deslocar a voz da mulher do plano privado para o espaço público mediante a reivindicação dos seus direitos básicos em uma sociedade: voto, trabalho e educação. Nesse período, em que ocorrem as duas grandes guerras, a mulher é convocada para o mercado de trabalho e, depois, quando já não mais necessária, reclamada de voltar ao lar, a pretexto de que lhe é preciso gerar mais filhos para a nação (devido à baixa demográfica) e exercer trabalho não remunerado.

Em “O conflito: a mulher e a mãe”, Badinter (2011) se refere ao papel de Betty Friedan (1971) por meio da sua publicação “A mística feminina” e de uma maciça campanha de imprensa em exercer coerções em muitas mulheres, a fim de que elas voltassem ao lar para ser esposas e mães zelosas, apelando para o fato de que, caso não o fizessem, elas sofreriam sérios distúrbios emocionais, como depressão e consumismo.

Ainda a respeito dessa ideologia vigente de “boas mães” inteiramente dedicadas à casa e aos filhos, Meruane (2014, p. 56) reflete que elas

se isolaram nos subúrbios, se fecharam em casas providas de lavadoras, ferros, batedeiras, espremedores e se dedicaram a ter filhos e enchê-los, até a asfixia, de mimos e de fraldas para dar sentido às suas solitárias existências. Fecharam a porta para si mesmas apenas para descobrir, uma década mais tarde, que tinham se tornado pobres prisioneiras de uma ilusão...

Situada entre 1945 e 1980, a segunda onda do feminismo, por sua vez, transfere a atenção das ativistas para o plano social e cultural, visando a desconstruir o estereótipo da mulher e do casal na sociedade. Nesse momento, a discussão sobre a origem da condição feminina e a razão de sua repressão está em voga, buscando-se entender os motivos pelos quais todas as mulheres estão em situação de vulnerabilidade, sendo que “A resposta para esta questão seria: o sexo, a prerrogativa de engravidar” (SILVA, 2019, p. 18). Aí, portanto, começam as problematizações em torno do mito da maternidade, tal como ele já se consolidara.

No seu celebrado e polêmico livro “O segundo sexo”, Simone de Beauvoir (2019, p. 288) trata da maternidade como uma construção social. Em suas próprias palavras:

Com efeito, repetem à mulher desde a infância que ela é feita para gerar e cantam-lhe o esplendor da maternidade; os inconvenientes de sua condição – regras, doenças etc., o tédio das tarefas caseiras, tudo é justificado por este maravilhoso privilégio de pôr filhos no mundo.

Associadamente a isso, a escritora também aponta a bruma e os questionamentos silenciados que permeiam a maternagem: “Seu silêncio vem em parte de que se comprazem em cercar de mistério uma experiência que é apanágio exclusivamente delas; mas veem-se

igualmente desnorteadas pelas contradições e os conflitos que nelas ocorrem” (BEAUVOIR, 2019, p. 290).

Já em 1962, ainda na segunda fase do movimento feminista, a pílula anticoncepcional surgiria para revolucionar a história, possibilitando alçar a reprodução ao patamar de uma escolha feminina, e não mais como uma consequência própria do casamento. A conquista aos direitos do corpo foi um triunfo para as mulheres: tal como assinalam as palavras de Perrot (2017, p. 161), o lema agora era: “Um filho se eu quiser, quando eu quiser, como eu quiser”. Finalmente, as mulheres poderiam conciliar a maternidade com a sua tão desejada liberdade e igualdade perante os homens, abrindo-se aí uma pluralidade de formas de vida nunca desfrutada por elas. Consoante Badinter (1985, p. 341), “pela primeira vez na história milenar do trabalho feminino, as mulheres escolhem voluntariamente deixar casa e filhos para trabalhar fora”.

Sobre essa mudança recém-conquistada, a historiadora apresenta exemplos de documentos de uma minoria de mulheres ativas e emancipadas que revelam a transformação na mentalidade das mães. Um deles são os escritos de Madame Guitton, grande cristã e burguesa, mãe de um único filho, que em 1960 já registrava as suas próprias queixas a respeito da condição feminina: “Junto ao berço do meu amorzinho tenho sacrificado tudo aqui de que gostava, leituras, horas de trabalho, tudo o que preenchia minha existência” (GUITTON, 1960, p. 63 *apud* BADINTER, 1985, p. 353). Discorrendo a respeito da dificuldade de vivenciar a maternidade, Madame Guitton pode aqui ser tomada, portanto, como uma precursora das enunciações sobre a “maternidade real” que interessam a este estudo.

Entre 1980 e 2010, a terceira onda do feminismo se destacou pela sua conotação social e por passar a contar com a adesão de mulheres negras/*interseccional*, uma vez que, até esse momento, a luta feminista estava centrada nas questões peculiares à realidade das mulheres brancas. Combatendo a opressão de classes e de raças, as suas pautas reivindicavam, principalmente, a elaboração e a aplicação de políticas afirmativas das quais culminassem a superação da pobreza e da desigualdade, bem como a inclusão e a presença das mulheres como agentes políticos nas instituições. Em síntese, essa etapa “buscou que fossem reconhecidas e consideradas as diversas identidades femininas” (SILVA, 2019, p. 26). As mulheres de variadas etnias e classes estavam se beneficiando das mudanças sociais, e a maioria usufruía – de maneira mais ou menos igualitária – do seu papel como esposa, mãe e profissional. Mas também aí, de acordo com Badinter (1985), elas começaram a questionar o dogma envolvendo todos os cuidados que deveriam “naturalmente” dispensar ao recém-nascido e ao bebê, uma vez que todos esses gestos de amor e de devotamento à criança o são, igualmente, de sacrifício. Ademais, nessa época, as feministas também lutavam para destituir a ideia do mito materno em

prol da construção social da mãe, alegando que o maior problema da maternidade era a criação dos filhos: “para essas mulheres, a maternidade, tal como é vivida há séculos, é apenas o lugar de alienação e da escravidão femininas” (BADINTER, 1985, p. 356).

Porém, não obstante os avanços contemplados, eis que surge um novo movimento, ou melhor, um contramovimento (“[...] a cada êxito feminista se seguiu um retrocesso, a cada golpe feminino um contragolpe social destinado a domar os impulsos centrífugos da liberação” [MERUANE, 2014, p. 17]) –, o qual foi batizado por Badinter (2011) de “revolução silenciosa”, correspondendo a um novo retorno à maternidade como determinante da vida feminina, tal como a própria autora explica:

1980-2010: quase sem que percebêssemos, aconteceu uma revolução em nossa concepção de maternidade. Nenhum debate, nenhum estardalhaço acompanharam essa revolução, ou melhor, essa involução. Contudo, seu objetivo é considerável, já que se trata, nem mais nem menos, de colocar a maternidade no cerne do destino feminino (BADINTER, 2011, p. 9).

Para a estudiosa, está surgindo um “anjo verde”, sob preceitos ecológicos e naturalistas, com novos deveres maternos que cada vez exigem mais: desde a gravidez, as mulheres são responsáveis pelo sucesso dos filhos; o parto em casa é acompanhado da doula; a amamentação é de livre demanda; a militância se dá em torno das vantagens do aleitamento; o aleitamento é prolongado (até os três anos de idade); as fraldas são laváveis; forma-se o império do bebê, representando uma regressão na vida da mulher – “Regressão consentida em nome do amor que se tem pelo filho, do sonho da criança perfeita e de uma escolha moralmente superior” (BADINTER, 2011, p. 122). O filho passa a ser um projeto de vida, comprovando o “sucesso” ou o “fracasso” da família – perspectiva que Meruane (2014, p. 118) complementa, ao assinalar que os filhos passam a ser seres sagrados dentro da ordem social – daí a “síndrome-do-imperador” –, concluindo ainda sobre o ecologismo:

A história das mães é a de recorrências e repetições, o aparentemente progressismo de corte ecológico não passa do reaparecimento, em versão *new age*, do mandado angélico ou medonho ou místico-feminino, é o culto renovado à maternidade intensiva e absoluta que funciona, agora, além disso, como marcador social [...] Porque a obrigação atual das mães é oferecer a seus filhos vantagens comparativas num mundo cada vez mais competitivo.

Segundo Badinter (2011), o modelo vigente de maternidade, a representação da boa mãe – a “mãe ecológica” – é um modelo muito exigente: ele se estende para além dos cuidados corporais e afetivos da criança, envolvendo também o desenvolvimento psicológico, social e intelectual do filho. Ademais “o ideal feminino não abrange o modelo de maternidade, e a

realização pessoal é motivação dominante de nosso tempo, as mulheres encontram-se no centro de uma tripla contradição” (BADINTER, 2011, p. 144). A primeira é social, com uma série de contradições sobre a figura materna: as empresas censuram os repetidos partos, as famílias desaprovam as mães que trabalham, e as mães em tempo integral são desvalorizadas socialmente e privadas de identidade (são “desinteressantes”). A segunda contradição refere-se aos sacrifícios que o relacionamento sofre com a chegada da criança e a ingenuidade das mães quanto a não terem previsto esse fato sobre o qual “ninguém a preveniu” (BADINTER, 2011, p. 145). E a última contradição reside no íntimo de cada mulher, numa eterna ponderação entre o amor pelo filho e o seu desejo pessoal, entre o indivíduo egoísta que quer satisfazer os próprios interesses e o indivíduo altruísta que quer o bem-estar do filho acima de qualquer outra coisa.

Conforme as mulheres vão se identificando mais ou menos com esse cenário de tripla contradição, a estudiosa identificou duas tendências: a primeira, relativa à mulher que está mais inclinada a não abraçar a maternidade (o novo grupo de mulheres “*nomo*” – abreviação de “*not mother*” – “não mães”); a segunda, relativa às mulheres que entendem a distinção entre a mulher e a mãe, bem como a multiplicidade do papel feminino, e que, portanto, pretendem uma maternidade menos pesada, o que faz com que “as mulheres desejem ser mães, reservando-se o direito de dar as costas ao modelo ideal” (BADINTER, 2011, p. 145).

Em meio a esse contexto é que ocorre a quarta onda do feminismo, surgindo no início do século XXI e envolvendo o uso das plataformas de redes sociais – Facebook, Instagram, Twitter, YouTube, entre outras – para organizar, articular e propagar a igualdade da mulher perante o homem, contestando a misoginia, o sexismo, a LGBTfobia e outros temas. Nesse sentido, a popularização da internet possibilitou a articulação de vozes femininas que antes não haviam sido ouvidas de maneira tão contundente e ampla, inclusive calcando nela o conceito de “lugar de fala”, no qual “não se desvincula o discurso da pessoa que fala das experiências pessoais” (SILVA, 2019, p. 54). As campanhas utilizando o símbolo das *hashtags* (#), por sua vez, foram a maior novidade do ativismo feminino, entre as quais se destacam, por exemplo, “#nãoqueroFlores”, “#nãosouobrigada”, “#MeToo”, “#niunamenos”, entre muitas outras. Nessa vertente é que a “#maternidadereal” aparece como uma contratendência à “mãe perfeita”, à “supermãe”.

Com as mulheres tendo já conquistado vários domínios além da maternidade, incluindo-se aí o seu crescente acesso à educação e o seu ingresso mais abrangente no mercado de trabalho, o movimento feminista segue atuante pela luta de igualdade de gênero, num momento sócio-histórico em que já não se pensam mais a maternidade e a mulher como eventos únicos: identifica-se que há uma diferença no discurso da maternidade e na forma como cada mulher

vivencia esse processo. Inclusive, a “procriação” e a “criação” começam a ser questionadas como incumbências exclusivamente femininas.

Nesse cenário, uma vanguarda feminina passa a se pronunciar nas redes sociais quanto ao papel da mãe e da maternidade na atualidade, reverberando discursos que deslocam essa maternidade de uma visão idílica para uma mais real, de um discurso privado para o espaço público. À sua maneira, cada enunciator(a) debate sobre a desmistificação da maternidade ideal e sobre a necessidade de romper com a romantização da maternidade, apresentando a realidade do cotidiano das suas próprias famílias e dialogando sobre as problemáticas que envolvem o processo de criação dos filhos. Entre os exemplos dessas iniciativas está o “*Just real moms*” ([2021]), no YouTube, um canal no qual duas mães mostram as suas rotinas, os seus anseios e preocupações, e até mesmo os programas que fazem com os filhos. Já com uma linha que mescla esse novo olhar sobre a maternidade com o empoderamento feminino, está o “Não me chamo mãe” ([2021]), um *blog* que defende que “ser mãe não nos define. Ser mãe é apenas mais um aspecto das nossas vidas. [...] Acima de tudo somos todas MULHERES”.

Em “Explosão feminista”, Heloisa Buarque de Hollanda (2018, p. 55) também aponta essa tendência:

A maternidade é outro tema que aos poucos vem ganhando visibilidade no YouTube. Todas as quintas-feiras, a cineasta Helen Ramos, mais conhecida como Hel Mother, fala a um público de mais de 90 milhões de inscritos sobre os desafios da maternidade sob um ponto de vista feminista.

Especificamente a respeito da cineasta citada pela escritora, tamanha é a irradiação desse discurso que Helen Ramos foi palestrar no TED “*Hel Mother: Maternidade Real*” (2017), posicionando esse tema num distinto contexto de produção.

Meruane (2014, p. 123), por sua vez, também evidencia traços dessa “nova mãe” – à qual se refere como “mãe-com-licença” –, ao considerar o espaço de interações nos quais ela desponta e se movimenta:

essa mãe-com-licença (essa mãe suficientemente boa) apresenta uma opção menos angustiada da maternidade que por ser prazerosa não é menos árdua: a posição de resistência que assumem estas mães relaxadas ou liberadas é sempre o alvo das chamadas “mãezinhas furiosas” (Michelson) ou das mães-militantes. A resistência consiste então em não deixar que as encham de culpas.

Do início do novo século para cá, fato é que, em vários planos, encontra-se esse novo discurso mais flexível e libertário sobre a maternidade. Na literatura, os livros que abordam a maternidade de maneira “mais higienista” – como a “A vida do bebê”, do dr. Lamare (2001),

“O que esperar quando você está esperando”, de Heidi Murkoff, Arlene Eisenberg e Sandee Hathaway (2004), e “A bíblia da gravidez”, do dr. Wladimir Taborda e da dra. Alice D'agostini Deutsch (2011) – estão dividindo espaço nas estantes das livrarias com títulos elaborados por mães que abordam essa nova maternidade – como “Mãe fora da caixa”, de Thais Vilarinho (2017), “Mãe sem Manual”, de Rita Lisauskas (2017) e “O exército de uma mulher só”, de Thaiz Leão (2019). Em “Para educar crianças feministas: um manifesto”, por exemplo, a feminista e escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2020) registra “dicas” de como criar os filhos para que eles sejam pessoas completas. Direcionando-se às mães, ela recomenda: “A maternidade é uma dádiva maravilhosa, mas não seja definida apenas por ela. Nunca se desculpe, por exemplo, por trabalhar. Você gosta do que faz, e gostar do que faz é um grande presente que você dá à sua filha. Também permita-se falhar” (ADICHIE, 2020, posição 40).

Na mídia de massa, também são variados os exemplos desse movimento, incluindo as notícias publicadas a respeito de mães que compartilham o fardo que é a maternidade, como numa matéria datada de 7 de junho de 2017 no *site* G1 sob o título “‘Amo meu filho, mas odeio ser mãe’, confira relatos de mulheres que têm aversão à maternidade” (CAIXETA, 2017), na qual três mães confidenciam as dificuldades de cuidar dos filhos. Passando de um caso de anonimato para o de uma pessoa pública, em 3 de maio de 2019 uma declaração da atriz global Samara Felippo (FELIPPO, 2019, *on-line*) na sua própria conta do Instagram causou grande repercussão midiática. Referindo-se às dificuldades da maternidade, ela registrou: “Eu amo essa minha versão franja! Eu amo todas as minhas versões! .... Eu amo minhas filhas! Mas não amo tanto ser mãe. Eu amo não sentir mais culpa! ....”.

Diante do exposto, observa-se que um referente sintático desse movimento social emergente é a expressão “maternidade real”, tal como já foi apontado nas considerações iniciais desta pesquisa e também neste histórico. A questão sobre a qual este estudo se detém, portanto, consiste em examinar se “maternidade real” pode ser alçada ao estatuto de fórmula discursiva ou se se trata apenas de uma nova qualificação da maternidade, como em “maternidade naturalista” e “maternidade ativa”. Para tanto, no capítulo a seguir são explicitados os fundamentos teóricos necessários para o empreendimento dessa análise.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*“[...] um conjunto de formulações que, pelo fato de circular em um momento e um espaço público dados, cristalizam questões políticas e sociais.”*  
(Krieg-Planque, 2010, p. 9)

O presente capítulo compreende a teoria que fundamenta esta pesquisa, dividindo-se em três partes principais. Em 2.1, são explicitadas as noções de unidades tópicas e não tópicas na Análise do Discurso consoante Maingueneau (2008b, 2015), que orientam o percurso e a delimitação do *corpus* que viabilizaram a análise pretendida, configurando um levantamento que será detalhadamente apresentado no próximo capítulo. Em 2.2, discorre-se a respeito da noção de fórmula discursiva tal como preconizada por Krieg-Plaqué (2010), que a circunscreve a partir de suas quatro propriedades, cada uma delas aqui explicitada num tópico específico: em 2.2.1, a cristalização; em 2.2.2, a inscrição em uma dimensão discursiva; 2.2.3, o funcionamento como referente social; e, em 2.2.4, a natureza polêmica. Como complementação às análises da segunda propriedade, às características da fórmula foram associadas as noções do primado do interdiscurso e de memória discursiva, à semelhança da análise efetuada por Souza-e-Silva (2012). Por fim, em 2.3, é contemplada a teoria de modelo cognitivo idealizado, do linguista estadunidense Lakoff (1987), que também embasará, ao longo da análise, o entendimento da figura da “boa mãe” na sociedade contemporânea.

### 2.1 Unidades tópicas e não tópicas na Análise do Discurso

Em “Discurso e Análise do Discurso”, Maingueneau (2015) discorre sobre as categorizações que integram o universo discursivo, orientando a respeito de como os analistas do discurso devem lidar com essa noção e abrangendo também a maneira de classificá-las – ultrapassando, portanto, as classificações tradicionais –, por meio dos três seguintes critérios:

É-lhes necessário, em primeiro lugar, refletir sobre o sentido e os efeitos das categorizações efetuadas pelos diversos tipos de usuários. Eles também devem, para determinado domínio da vida social (as mídias, a educação, a política...), repertoriar e classificar as atividades discursivas, apoiando-se em critérios que pretendem rigorosos. Por fim, devem categorizar os tipos de unidades com as quais eles próprios trabalham, unidades construídas em função das restrições e dos objetivos da pesquisa sobre o discurso (MAINGUENEAU, 2015, p. 65).

No que tange à necessidade de que os analistas do discurso categorizem os tipos de unidades com os quais eles próprios trabalham, consoante as restrições e os objetivos da pesquisa em questão, o próprio teórico se detém na distinção entre dois grandes tipos de unidades: as unidades tópicas e as unidades não tópicas. As primeiras, que também podem ser chamadas de “unidades territoriais”, compreendem os discursos “predelineados”, pré-recortados pelas práticas sociais, tais como o discurso administrativo, o publicitário, o político, etc., englobando os gêneros do discurso; as segundas unidades, por sua vez, diferem das primeiras por compreenderem unidades que contrariam as fronteiras preestabelecidas, tendo os seus limites construídos pelo pesquisador. Em síntese, trata-se de o analista decidir quais os critérios de que se valerá para agrupar o conjunto de enunciados, sendo que das unidades não tópicas deriva ainda uma segunda divisão: elas podem ser compostas tanto por formações discursivas quanto por percursos (MAINGUENEAU, 2015).

De modo geral, em relação às formações discursivas, o que se verifica é “um conjunto aberto de tipos e de gêneros do discurso, de campos e de aparelhos, de registros” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 18), sendo que elas podem ser também “unifocais” ou “plurifocais”. Nesses casos, tal como as suas próprias denominações já antecipam, a formação discursiva unifocal corresponde ao estudo organizado em torno de um único tema focal – a exemplo do discurso racista e do discurso colonial –, e a formação discursiva plurifocal corresponde ao estudo no qual se integra mais de um conjunto discursivo, de um foco de análise – a exemplo das associações entre os romances de Júlio Verne e os manuais escolares para se estabelecer a relação ideológica entre os “europeus” e os “indígenas” no final do século XX, conforme o próprio Maingueneau (2015) ilustra.

Já em relação aos percursos, o estudioso se refere ao recorte de enunciados que atravessam unidades tópicas variadas, explorando-se a irradiação de materiais lexicais, isto é, sem que se tenha em vista estabelecer a relação entre uma determinada sequência verbal e uma ou mais fontes enunciativas. Conforme o linguista:

É o caso dos chamados percursos, que reúnem materiais heterogêneos em torno de um significante de dimensão variável (unidades lexicais, grupos de palavras, frases, fragmentos de textos, quando não textos), não para constituir um conjunto unificado por uma temática, mas para analisar uma circulação, para dar a medida de uma dispersão. Não se trata de procurar o “verdadeiro” sentido de certa expressão, mas, antes de tudo, de explorar uma disseminação (MAINGUENEAU, 2015, p. 95).

Ainda de acordo com Maingueneau (2015), esse tipo de processamento – no qual se busca explorar uma disseminação – tende a ser mais propício às unidades linguísticas, como

“pequenas frases” e fórmulas; logo, tem-se aí a categorização do tipo de unidade não tópica que viabiliza o presente estudo. A esse respeito, no entanto, cabe ressaltar que, consoante o próprio teórico, ao trabalhar nas unidades não tópicas, o pesquisador não busca construir unidades de coerências, ou mesmo totalidades – pelo contrário: o analista se propõe a desestruturar as unidades instituídas, num constante jogo de fronteiras. Nas palavras de Maingueneau (2015, p. 95), mais especificamente:

a análise tece, assim, uma rede através do interdiscurso, traçando caminhos inesperados, esclarecendo relações insuspeitadas: retomadas e transformações do significado e/ou do significante de uma palavra ou de um grupo de palavras em uma série de textos, múltiplas recontextualizações de um “mesmo” texto ou fragmento de texto...

Todavia, acerca dessa análise, o autor adverte sobre os cuidados envolvendo *corpus* heterogêneo, chamando atenção do analista para a necessidade de se estudar o objeto, e não de fabricá-lo ou mesmo adaptá-lo às questões preliminares da sua investigação:

Esses “percursos” suscitam reações ambivalentes. É, com efeito, muito sedutor atravessar múltiplas fronteiras, circular no interdiscurso para aí fazer aparecer relações invisíveis particularmente propícias às interpretações fortes. Mas o reverso da medalha é a dificuldade em justificar as escolhas operadas e, então, corremos o risco daquilo que chamamos, habitualmente, de delírio interpretativo, ou mais simplesmente, o risco de nos encontrar na conclusão aquilo a que nos propusemos no início (MAINGUENEAU, 2008b, p. 23).

Sobre a necessidade de que o objeto discursivo possa ser contemplado na sua profundidade, mas sem que o analista se perca em abstrações – resultado ao qual Maingueneau (2008b, p. 23) se referiu como “delírio interpretativo” –, Krieg-Planque (2010) também aborda, mas por intermédio do conceito de “interpretante razoável”, como se observa no excerto destacado:

O interpretante razoável é aquele que não é nem inteiramente invadido pelo já-dito de toda palavra, aturdido pelo dialogismo no qual toda palavra se produz, sufocado pela memória interdiscursiva de que o mais singelo dos discursos é depositário (esse interpretante veria a fórmula “purificação étnica” ao passar por uma tinturaria: “lavagem a seco”), nem inteiramente preso aos grilhões do dicionário e da gramática mais tradicional, que ele reconhece como parâmetros de representação de uma língua “correta” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 30).

Sob essas advertências, portanto, é que a noção de percurso e a devida atenção para com o desenvolvimento da pesquisa em conformidade com os cuidados já assinalados se tornam também alicerces para a composição do *corpus* sobre os quais se debruçará a análise em torno

do novo sintagma “maternidade real” (“#maternidade real”) e das suas possíveis variantes.

Concluídas essas considerações tanto em relação às unidades tópicas e não tópicas quanto em relação ao percurso postulado por Maingueneau (2008b, 2015), que envolvem os caminhos que o analista decide seguir na sua pesquisa e a cujos recortes está intrinsecamente atrelada a perseguição de uma protofórmula (uma expressão que tem potencial para ser alçada ao estatuto de fórmula), são abordados, a seguir, o conceito de fórmula discursiva e o dispositivo teórico-metodológico proposto por Krieg-Planque (2010) para a análise de um sintagma candidato a fórmula.

## 2.2 A noção de fórmula em Análise de Discurso

Originalmente aplicada para “descrever a emergência e a circulação, nos discursos fascistas e nazistas nos anos 1920-1930, das expressões ‘Estado Total’ e ‘Estado totalitário’”, a noção de fórmula discursiva foi introduzida na Análise do Discurso pelo filósofo Jean-Pierre Faye<sup>1</sup>, que a define “como uma expressão lexical que remete a uma noção que exerce ou exerceu, no plano ideológico, um papel fundador e ativo em certa situação histórica. Ela vai se caracterizar pelo seu uso maciço e repetitivo, sua circulação em espaço público em uma conjuntura dada” (ANÁLISE DO DISCURSO E PANDEMIA..., 2020, *on-line*).

Ainda no que se volta à sua origem, empresta-se o termo “fórmula” dos estudos de Pierre Fiala e Marianne Ebel (1983) sobre os sintagmas “Überfremdung” e “xenofobia” envolvendo a superpopulação estrangeira na Suíça no período entre 1960 e 1974, por não pertencerem a uma metalinguagem científica, sendo que, na investigação da fórmula, esses dois estudiosos introduzem categorias úteis para a análise de discurso, conforme será apresentado mais adiante. Já nos anos 1990, Alice Krieg-Planque (2010) difunde esse conceito por meio do seu minucioso estudo sobre a “purificação étnica” e as suas variações relativas à guerra da ex-Iugoslávia (como “limpeza étnica” e “depuração étnica”, entre outros), tornando-se, então, a grande promotora dessa teoria na Análise do Discurso de escola francesa.

Acerca da inserção dessa noção na Análise do Discurso de linha francesa, importa contextualizá-la também nos estudos empreendidos por Dominique Maingueneau. No decorrer da sua obra, é o renomado linguista francês quem apresenta os conceitos de aforização e destacamento, que se referem à autonomia de um enunciado, geralmente constituído por uma

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa, todas as referências aos autores Jean-Pierre Faye, Marianne Ebel e Pierre Fiala foram extraídas do livro “A noção de ‘fórmula’ em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico”, de Krieg-Planque (2010).

frase. Essa frase, por sua vez, é categorizada como autônoma por ser destextualizada, isto é, por não carecer daquilo que a precede ou que lhe dá continuidade a fim de que se possa compreendê-la. Conforme o teórico, essas aforizações podem ser classificadas como “primárias” e “secundárias”, de modo que, no primeiro caso, encontram-se aquelas frases que, por natureza, já nascem destacadas, tais como os *slogans* e os provérbios, ao passo que, no segundo grupo, encontram-se aquelas extraídas de um texto (MAINGUENEAU, 2014).

Esses destacamentos aforizantes, que escapam à ordem do texto, se encontram por toda a parte: nas próprias palavras do autor, eles “proliferam nas conversações, na imprensa escrita e na internet, nas fachadas dos edifícios públicos, nas estantes de livros ou nas bandeiras, nas camisetas ou nas placas de automóveis: ditados, provérbios, manchetes, ‘pequenas frases’, sentença, *slogans*, fórmulas e etc.” (MAINGUENEAU, 2014, p. 10). Ainda de acordo com ele, a máquina midiática contemporânea é a grande consumidora da aforização, devido a diversas motivações, entre as quais figuram: o efeito dessa aforização quanto a personalizar os enunciados (ela lhes confere um caráter de enunciado atestado); o efeito de dramatização que alimenta a espetacularização de mídia e, assim, de atrair o olhar do público, como o fato de ela ser econômica, condensando uma mensagem; e o de, por fim, adequar-se à fragmentação visual da evolução da mídia escrita.

Conquanto estejam classificadas entre os destacamentos aforizantes, que escapam à ordem do texto, as fórmulas, no entanto, se diferenciam de outras aforizações primárias (como *slogans* publicitários e trechos conhecidos de obras de ficção) porque contêm no seu cerne questões políticas, sociais e econômicas pulsantes. Portanto, ao serem enunciadas – mesmo que para refutação –, elas evocam um posicionamento, apontando relações de poder e de opinião num dado momento e num dado espaço público, diferentemente das outras aforizações primárias, que não necessariamente se cristalizam em volta dessas problemáticas sociais. A respeito dessa distinção, Krieg-Planque (2010, p. 100) esclarece que, “por mais cristalizados e circulantes que sejam”, os *slogans* publicitários, os títulos de filmes e de livros ou os trechos célebres de obras de ficção “não são, na sua maior parte, portadores de problemas sociopolíticos, e são objetos de usos não conflituosos, frequentemente prazerosos”.

Uma vez situada no contexto do seu surgimento, e tendo-se em vista as considerações gerais já assinaladas, é que se passa a uma apreciação mais específica no que se refere à fórmula, reproduzindo-se a definição desse conceito na perspectiva da sua grande promotora, que estabelece:

Em um momento do debate público, uma sequência verbal, formalmente demarcável e relativamente estável do ponto de vista da descrição linguística que se pode fazer dela, põe-se a funcionar nos discursos produzidos no espaço público como uma sequência tão partilhada quanto problemática. Empregada em usos públicos que a investem de questões sociopolíticas por vezes contraditórias, essa sequência conhece, então, um regime discursivo que faz dela uma fórmula: um objeto descritível nas categorias da língua e cujo destino – ao mesmo tempo invasivo e continuamente questionado – no interior dos discursos é determinado pelas práticas linguageiras e pelo estado das relações de opinião e de poder em um momento dado no seio do espaço público (KRIEG-PLANQUE, 2003, p. 14 *apud* MOTTA; SALGADO, 2011, p. 12).

De acordo com Krieg-Planque (2010), para uma palavra ou uma expressão serem alçadas à condição de fórmula, é necessário observar a história, os percursos de uso dessa palavra ou expressão, verificar a sua aplicação particular: “Seguindo o caminho dos usos de uma unidade lexical, frequentemente verificamos desvios de percurso: é nesse episódio particularmente movimentado da ‘vida de uma palavra’ que a fórmula pode ganhar consistência” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 19). Nesse sentido, apreender o termo em movimento é condição nata à captura de uma possível unidade lexical candidata ao estatuto “formulaico”.

A propósito dessa captura de uma possível unidade lexical, importa acrescentar que o que difere o estudo de uma fórmula por parte do analista do discurso e por parte de um linguista é a maneira como o pesquisador do discurso persegue o uso dessa unidade lexical dentro da rede interdiscursiva. Nesse caso, ele busca entender os elementos pré-construídos envolvidos nesse sintagma, isto é, os “jogos de forças, os interesses, às estratégias que, num certo momento, tornaram ao mesmo tempo necessário e problemático o uso de tal fórmula” (MAINGUENEAU, 2015, p. 97). Trata-se, portanto, de uma análise distinta de uma investigação lexicológica que se aterá à polissemia da palavra por meio dos seus usos.

Para ser alçada à condição de fórmula discursiva, no entanto, um termo ou expressão deve atender a quatro propriedades, segundo o quadro teórico-metodológico proposto por Krieg-Planque (2010): (i) ter um caráter cristalizado, isto é, o seu significante deve ser relativamente estável, permitindo que os seus rastros sejam seguidos devido à sua forma – trata-se da captação da expressão em movimento, da possibilidade de acompanhá-lo ao longo da sua história; (ii) inscrever-se em uma dimensão discursiva, caracterizando-se pelo seu uso recorrente, pela sua utilização nos meios; (iii) funcionar como um referente social, o que implica configurar-se como um signo que significa alguma coisa para todos em um dado momento, ou seja, ele se impõe como passagem quase obrigatória dos discursos produzidos no espaço público; e (iv) comportar um aspecto polêmico, por ser portadora de questões sociopolíticas, dado que, se o significante da fórmula é moderadamente estável, o seu significado, todavia, está

em contínuo processo de redefinição.

Sobre as particularidades dessas características, elas passam a ser individualmente explicitadas, nessa mesma ordem, nos quatro tópicos a seguir.

### 2.2.1 Caráter cristalizado

A cristalização apresenta-se como condição inicial para a possível captura de uma fórmula, através da materialidade do significante – bem como das suas possíveis variantes – que se cristaliza na superfície linguística por meio dos seus usos: “é pela cristalização que a fórmula adquire seu caráter ‘ativo’” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 44). A identificação de uma relativa estabilidade de um objeto linguístico possibilita a perseguição ao longo da sua história, de maneira a se capturar a forma na sua atividade, ou seja, na sua dispersão pelos espaços públicos. Ou, ainda, nas próprias palavras de Krieg-Planque (2010, p. 61):

A fórmula tem um caráter cristalizado. Entendemos com isso que ela é sustentada por uma forma significante relativamente estável. Deve ser possível seguir uma fórmula pelos rastros de sua forma ou, para falar como Jean-Pierre Faye (1972b: 41), “capturar ao vivo a circulação dos significantes” (que ele opõe aos conteúdos).

Ao se referir a essa propriedade, a estudiosa propõe algumas evidências a fim de avaliar se a “palavra” se enquadra nessa propriedade, sendo que as mais importantes delas são a própria materialidade lexical – a estabilidade da forma – e a sua circulação.

Em relação à forma, ela tanto pode corresponder a uma unidade lexical simples – como “humanitário”, “perestroika” e “imigração” – quanto a uma unidade lexical complexa, a uma unidade léxico-sintática ou a uma sequência autônoma. Para este estudo, particularmente, privilegiou-se a atenção às unidades lexicais complexas, a respeito das quais a autora esclarece que “é preciso entender o que é diversamente chamado de ‘lexia complexa’, ‘palavra polilexical’, ‘sintagma cristalizado’ ou ‘sintagma lexicalizado’, conjunto no qual tomarão posição unidades como ‘direitos humanos’, ‘preferência nacional’ ou ‘purificação étnica’” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 62).

Além da orientação no que tange à forma, Krieg-Planque também direciona na condução do estudo de forma mais ampla, mais flexível: “a fórmula tem um caráter cristalizado pelo qual ela se identifica com uma materialidade linguística particular. Assim sendo, a atitude que preside à análise de uma fórmula não deve ser de formalismo absoluto” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 67). Em outras palavras, isso significa que o analista não deve se fixar apenas em uma expressão, anulando as possíveis variantes dessa fórmula, sendo esse mais um aspecto ao qual

Krieg-Planque (2010) também se atenta ao longo do seu estudo sobre a guerra da Iugoslávia e que serve de exemplo aos analistas, por ele também englobar as variações “purificação étnica”, “limpeza étnica” e “depuração étnica”.

### 2.2.2 Caráter discursivo

Em relação à dimensão discursiva, segunda propriedade, Krieg-Planque (2010) frisa que a noção de fórmula pertence à Análise do Discurso, uma vez que ela persegue a forma em uso, não se detendo numa noção puramente linguística, numa investigação apenas do léxico de uma expressão: “Ela é, e antes de mais nada, uma noção discursiva. A fórmula não existe sem seus usos que a tornam fórmula” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 81); ela é como a própria língua que se põe a funcionar. Por isso, não é da ordem da língua, mas, sim, da ordem de posicionamentos discursivos e, portanto, da ordem sócio-histórica de como esses discursos circulam, de como se dá o seu funcionamento no corpo social, mediante a relação com outros discursos – o que faz com que, ao ser enunciada, seja também retomada, referida, comentada e até negada.

Assim, é apenas por meio da utilização recorrente que o sintagma ganha lugar na memória, sendo alçado a esse *status* de fórmula, implicando que sequência alguma nasce com a “vocalização” de ser uma fórmula: ela é qualificada como tal devido à sua circulação discursiva, sócio-histórica, apontando o jogo de posições. Nas palavras da autora, “A fórmula circula com o apoio de certos usos que lhe dão um caráter conflituoso ou problemático, e com o apoio de acontecimentos ou de outros discursos que motivam sua utilização, que dão razões aos locutores para recorrerem a ela de uma maneira ou de outra” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 82).

Ademais, para a fórmula estar presente nos discursos, ela precisa gerar um processo de aceitabilidade, isto é, ela “tem como efeito tornar alguma coisa aceitável” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 45), do que se pode depreender que, no caso aqui analisado, o seu efeito estaria em tornar aceitável que as mães podem ser boas mães e, ao mesmo tempo, ter sentimentos autocentrados e negativos em relação à maternidade, configurando-se, assim, como um sintagma que autoriza as mães a discorrerem sobre a maternidade. Isto, claro, sem se perder de vista o sistema de coerções no qual a mãe, como fiadora – ou até mesmo o jornalista que comenta a esse respeito –, se movimenta discursivamente, bem como os limites do que pode e não pode enunciar dentro do gênero em questão.

Portanto, a análise será pautada também pelo princípio do “primado do interdiscurso” postulado por Maingueneau (2008a) em “Gênese dos discursos”, livro no qual o autor afirma o primado do interdiscurso sobre o discurso, o que significa dizer que a unidade de análise

pertinente não é um discurso, mas um espaço de troca entre vários discursos convenientemente escolhidos. Portanto, ao circular pelo interdiscurso, uma fórmula produz, retoma, confronta, se opõe, entra em disputa com outros enunciados, estabelecendo determinados efeitos de sentido, de acordo com a rede interdiscursiva em que se posiciona.

Em relação a essa segunda propriedade da fórmula, para dar suporte à análise pretendida e tornar mais evidente a problematização em torno do sintagma “maternidade real” – e, mais especificamente, a esse papel de maternar, uma vez que o questionamento pretendido neste trabalho não abrange, em momento algum, a existência do amor materno em si –, estimou-se que seria também oportuno contemplar o *ethos* das mães a partir das imagens contidas no *corpus* desta pesquisa. Para tanto, evoca-se aqui o livro “Variações sobre o *ethos*” (MAINGUENEAU, 2020b), do qual se destaca o seguinte trecho logo no início da obra: “o destinatário constrói uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo” (p. 9), o qual é complementado por outra afirmação bastante relevante à proposta desta dissertação: a “noção de *ethos* permite refletir sobre a adesão dos sujeitos ao universo configurado pelo locutor” (p. 14).

Com base nessas asserções, o que se tem em vista, como entendimento aqui sintetizado desse conceito, é o *ethos* de um enunciador que possui uma corporalidade, sendo que essa imagem corporal, essa compleição física, os trajés, o seu modo de estar no espaço físico devem coadunar com o que ele diz, uma vez que “as ideias suscitam a adesão do leitor porque a *maneira de dizer* implica uma *maneira de ser*” (MAINGUENEAU, 2020b, p. 14). E a maneira pela qual o destinatário se apropria desse *ethos* – a “incorporação” – permite que ele entre no “mundo ético”, na comunidade imaginária daqueles que aderem ao discurso. Em suma, trata-se do acesso a “situações estereotípicas associadas a comportamentos”.

### 2.2.3 Caráter de referente social

A terceira propriedade da fórmula busca entender se o sintagma pode ser classificado como um referente social. Sendo assim, o caráter de referente social de uma fórmula implica que, num dado momento e num dado espaço sociopolítico, a fórmula se torna um lugar de passagem obrigatória. Nas palavras de Krieg-Planque (2010, p. 92) a esse respeito:

Como referente social, a fórmula é um signo que evoca alguma coisa para todos num dado momento. Consideremos o óbvio: para que este signo evoque alguma coisa para todos, é necessário que ele seja conhecido por todos. A “notoriedade” do signo para falar como os profissionais de marketing é, assim, uma condição necessária para a existência “formulaica” desse signo (ou “palavra” ou “sequência”).

Ainda nesse sentido, Krieg-Planque (2010, p. 113) esclarece que a noção de referente social deve ser articulada com a concepção de “espaço público” e do seu princípio constitutivo, que é a “publicização”: “Se dizer que a fórmula é um referente social é dizer que ela é um signo que evoca alguma coisa para todos num momento dado, então a fórmula é um signo que, por processo de publicidade, entrou no espaço público”. Mais especificamente, a autora aprofunda essa concepção de “espaço público” por meio da exposição de um quadro de reflexões de alguns estudiosos, como Fiala e Ebel (1983), Habermas (1978) e Neveu (1995), entre outros, referindo-se a uma dimensão de espaço público que tanto pode ser ampla quanto pulverizada. Ou, ainda, nas palavras dos estudiosos, um espaço público “plural e fragmentado”, ao qual se seguem os conceitos de “mosaico” ou “ampliado”, “parcial e plural”, “fracionado”. Segundo a professora, a conclusão é de que:

Definido como mais ou menos fragmentado e como mais ou menos conflituoso, o espaço público não existe independente do princípio de publicização, por meio do qual os atores compartilham seus pontos de vista, expõem suas opiniões em praça pública, tornando-as, desse modo, visíveis a quaisquer outras pessoas, alimentando, assim, a possibilidade de um debate público e contraditório de suas opiniões: “O ‘espaço público’, num sentido amplo, é o quadro ‘midiático’ graças ao qual o dispositivo institucional e tecnológico próprio às sociedades pós-industriais é capaz de apresentar a um público os múltiplos aspectos da vida social” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 114).

Em seguida, Krieg-Planque (2010) apresenta um panorama da publicização, situando-a nas sociedades democráticas europeias nos anos 1950-1960 e tendo como representante mais relevante as grandes mídias (imprensa, rádio e televisão), tomadas como principal meio – e não o único – para os atores alçarem o espaço público. Ademais, como já era de se esperar, com a evolução dos canais eletrônicos de comunicação, as mídias tradicionais tendem a ser marginalizadas com o tempo, tal como a própria estudiosa já antecipara:

Nós não queremos simplesmente dizer que essas mídias foram e serão, ainda, por algum tempo, o lugar central do compartilhamento das opiniões e das decisões: elas são o lugar ao qual se deve chegar, de uma maneira ou de outra, para dar a maior publicização possível a uma fala ou a um conteúdo de fala (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 115).

Acerca dessa terceira propriedade e dessas considerações, particularmente, elas são aqui destacadas em razão de que, neste estudo, é sabido que, embora o sintagma a ser analisado circule também entre os grandes veículos de comunicação da mídia tradicional (imprensa, rádio e televisão), o seu principal meio de publicização é a própria internet, no qual a expressão se

constituiu como tal, haja vista todo o contexto que envolve a mobilização da web – e das redes sociais – concomitantemente ao avanço da quarta onda do feminismo, na qual as prescrições de maternidade idealizadas socialmente também passaram a ser questionadas. Assim, trata-se de uma questão que será oportunamente recuperada na seção 4.3 do quarto capítulo, por ocasião da análise do *corpus* no que concerne à terceira propriedade da fórmula discursiva, mas que aqui já se antecipa, dada a necessidade de explicitá-la teoricamente.

#### 2.2.4 Caráter polêmico

Por fim, a polêmica aparece como uma quarta propriedade indissociável do caráter de referente social também constitutivo da fórmula. Trata-se de compreender como os locutores tomam posição em relação às palavras que estão sendo postas no centro do debate público – como as utilizam, refutam, questionam e, até mesmo, omitem. Ademais, a fórmula apresenta um significante em comum, mas o seu significado está em contínua redefinição: cada locutor a reivindica conforme o efeito de sentido que deseja imprimir ao seu discurso, e essa “perpétua redefinição” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 56) só pode ser verificada na continuidade – *continuum* – da sua circulação.

No caso do objeto de estudo desta pesquisa – “maternidade real” –, sabe-se que o neologismo está na sua gênese, assim como nos exemplos dados por Krieg-Planque a esse respeito, “classe estéril” e “purificação étnica”, nos quais “o caráter problemático se manifesta desde suas primeiras aparições” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 82). Além disso, o signo com potencial formulaico é um referente social investido de questões sociopolíticas; ele faz parte da História; carrega algo de grave na sua essência – como as fórmulas “purificação étnica” e “sem papel”. Dessa maneira,

[...] A fórmula põe em jogo algo de grave. ‘Grave’ não necessariamente num sentido dramático, mas no sentido de que ela põe em jogo a existência das pessoas: a fórmula põe em jogo os modos de vida, os recursos materiais, a natureza e as decisões do regime político do qual os indivíduos dependem, seus direitos, seus deveres, as relações de igualdade ou de desigualdade entre cidadãos, a solidariedade entre humanos, a ideia que as pessoas fazem da nação de que se sentem membros (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 100).

Em vista disso é que se faz importante distinguir uma fórmula de outras frases de alta circulação e cristalização. A título de ilustração, a autora menciona o termo proposto por Bonnafous (MSCOPE, 1994), os “tiques discursivos” (os *slogans* publicitários, títulos de filmes e livros), como sendo expressões que têm postura semelhante à fórmula, mas às quais falta a

problemática sociopolítica contida numa fórmula. Além desse fato, o uso dos “tiques-discursivos” está inserido num momento prazeroso; não “levanta uma bandeira”, isto é, não contém em si questões conflituosas que o levassem a fazer parte da história.

De todo modo, por mais que essas quatro propriedades da fórmula sejam precisas para se estudar um objeto dotado de potencial formulaico, a fórmula, em si, não figura como um objeto tão preciso no atendimento igualitário dessas características, pois se situa em um *continuum*, tal como adverte a estudiosa:

Uma sequência é mais ou menos fórmula conforme preencha mais ou menos cada uma das quatro propriedades que a caracterizam... Para que uma sequência possa ser caracterizada como fórmula, é preciso que ela atenda às quatro propriedades da fórmula. Mas, de um lado, essas quatro propriedades podem estar presentes de modo desigual (por exemplo, “cristalização” forte, mas “caráter polêmico” fraco); e, de outro lado, cada propriedade é mais ou menos bem preenchida (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 111).

Para que um signo adquira potencial formulaico, no entanto, é preciso ter em vista que não lhe basta o aumento do número de ocorrências: por exemplo, a grande repercussão de uma determinada palavra numa mídia pode ser reflexo de um acontecimento momentâneo, e não necessariamente um acontecimento discursivo. A esse respeito, a própria Krieg-Planque (2010) se refere à alta circulação da palavra “avalanche” nos veículos de comunicação francesa durante algumas semanas no início de 1998, devido a um acidente envolvendo 11 pessoas numa estação de esqui: conquanto houvesse aí um uso mais recorrente do termo, ele não se tornara um referente social e não havia polêmica em torno dele, mas, sim, uma homogeneidade de sentido no seu emprego.

Ainda discorrendo sobre essas quatro propriedades no geral, a autora acrescenta que “uma sequência é mais ou menos cristalizada segundo ela preencha mais ou menos bem um certo número de critérios e segundo seja percebida como formando um bloco” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 111). Já o caráter discursivo da fórmula também pode ser mais ou menos forte “na medida em que os usos determinam mais ou menos o destino formulaico da sequência” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 112). Quanto ao caráter de referente social da fórmula, ele também é dotado de fluidez, na medida em que pode se impor como passagem mais ou menos obrigatória nos espaços públicos. E, por fim, uma sequência pode ser mais ou menos polêmica devido ao nível de debates em torno dos seus significados. O fato de estar inserida em um *continuum*, porém, não suprime o caráter científico da fórmula no que diz respeito a estar incorporado em uma análise fundamentada: “Ao contrário, o caráter contínuo do objeto – e, consequentemente, a grande diversidade de silhuetas e figuras sob as quais será possível

encontrá-lo – faz da noção de fórmula uma noção heurística, suscetível de ser sempre recolocada, revisitada, redefinida” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 112).

Uma vez expostas as características da fórmula em conformidade com Krieg-Planque (2010), o próximo tópico contemplará o conceito de “modelo cognitivo idealizado” proposto por Lakoff (1987).

### 2.3 O modelo cognitivo idealizado

No livro *“Women, fire and dangerous things: what categories reveals about the mind”* (“Mulher, fogo e coisas perigosas: o que as categorias revelam sobre a mente”, numa livre tradução) é que, sob a ótica da ciência cognitiva, o linguista e cientista americano George Lakoff (1987) aborda as razões por trás da conceptualização que as pessoas fazem sobre as coisas, além de entender, por meio do seu trabalho com o modelo cognitivo idealizado (*“Idealized Cognitive Model”* – “ICM”), se esse mesmo sistema de categorização pode ser aplicado a mais de um campo, a mais de um conjunto de temas.

A ideia do modelo cognitivo idealizado remete a uma estrutura complexa, composta por quatro bases conceituais: (i) a estrutura proposicional, proposta do Fillmore (“semântica do *frame*”); (ii) a “teoria da metáfora e metonímia”, desenvolvida pelo próprio estudioso em conjunto com Johnson; (iii) a “gramática cognitiva”, elaborada por Langacker; e (iv) a “teoria do espaço mental”, de Fauconnier. Da articulação entre elas foi que Lakoff (1987) pôde estabelecer que a categorização consiste numa habilidade básica do ser humano quanto a agrupar entidades por semelhanças, para facilitar a sua maneira de lidar com o mundo. E foi a partir da concepção do processo de metonímia conceitual fundamentado na cognição humana, mais especificamente, que ele chegou ao conceito de modelo cognitivo idealizado, constituindo a forma segundo a qual as pessoas organizam o conhecimento por meio da utilização de um único representante como ilustrador de todos os outros – os modelos metonímicos.

Em síntese, no que se refere ao ICM, trata-se de um modelo que utiliza a ideia de protótipo, implicando, portanto, que as categorias existentes se organizam em torno de protótipos centrais. Nesse caso, “Um item é considerado como membro de uma categoria não por se saber que ele possui um determinado atributo ou não, mas por se considerar o quanto as dimensões desse membro se aproximam das dimensões ideais para ele” (LIMA, 2007, p. 163) – em outras palavras, um determinado membro pode ser classificado como “exemplar” de uma categoria segundo o quanto ele se aproxima do seu modelo ideal.

Conforme Lakoff (1987), esses modelos também são representativos dos estereótipos sociais, de modo que uma única subcategoria passa a ser dotada de um *status* socialmente reconhecido como representante de toda aquela categoria a que ela pertence, ou seja, um membro condensa os traços mais característicos da categoria – a exemplo do “solteirão” que é namorador, do “político” tomado como egoísta e desonesto, bem como da “mãe solteira” que é representativa da mulher que não escolheu ficar grávida. Estabelecido esse modelo nuclear idealizado, há um gradiente em relação a ele, isto é, dependendo da sua proximidade com esse núcleo, as outras subcategorias são mais ou menos representativas. Nesse sentido, o mecanismo cognitivo necessita fazer dois movimentos de reconhecimento do modelo: o conhecimento do *background* (conhecimento prévio social) e o conhecimento da pessoa em questão.

Ilustrando o modelo cognitivo idealizado é que, no quinto capítulo do seu livro, o estudioso se vale da “categoria de mãe” e explica que, nesse caso, “o agrupamento de modelos cognitivos para mães resulta em efeitos de protótipo. No entanto, um nível adicional de efeitos de protótipo ocorre na categoria de mãe. A fonte desses efeitos é o estereótipo da mãe como dona de casa” (LAKOFF, 1987, p. 79, tradução desta pesquisadora). Assim, tal como se verifica, a categoria de mãe como dona de casa faz parte do processo metonímico conceitual (que é fundamentado na cognição humana) de mãe idealizada, sendo essa uma ideia enraizada na estrutura social.

Ainda consoante o autor, “a categoria da mãe como dona de casa, mesmo que não seja nomeada, existe. Define as expectativas culturais de como uma mãe deva ser, e por isso produz efeitos prototípicos como o ideal social” (*Ibidem*). Com efeito, por estarem cuidando diretamente dos filhos, as mães donas de casa seriam melhores exemplos de mães do que aquelas que assim não o são, obtendo-se aí um modelo idealizado que se constitui com base num modelo estereotipado de cuidado.

Já em contrapartida ao ICM da “mãe dona de casa”, Lakoff (1987) apresenta o ICM da “mãe trabalhadora”, no qual a representação não se detém unicamente na figura da mãe que está trabalhando fora de casa (e que, nesse caso, difere da outra mãe somente pelo fato de trabalhar *fora*, já que, em comum, todas as mães trabalham); aqui, o que se verifica é o estereótipo de trabalho que é feito, no sentido de que, por ser realizado fora da casa, acaba não incluindo o cuidado da mãe com a criança e o lar.

Logo, a “mãe trabalhadora” é uma categoria definida em oposição ao estereótipo da “mãe dona de casa” tomada como aquela mãe que cuida, que zela – o ideal cultural da boa mãe –, como se a “mãe trabalhadora” não exercesse essas mesmas funções. Nesse sentido, então, conforme se observa nesta pesquisa, ao proferir o sintagma “maternidade real”, a enunciadora

se distancia desse ideal de “boa mãe” (“capaz de qualquer sacrifício pelos filhos”), de modo que essa representação acaba por suscitar um estranhamento, uma vez que incide sobre o processo cognitivo previamente estabelecido, tal como será assinalado ao longo da análise.

Antes, porém, de passar a ela no quarto capítulo – quando serão retomadas tanto a fórmula na AD quanto as suas quatro propriedades (2.2), assim como também as teorias que aqui figuram como complementares –, o capítulo seguinte se deterá no passo a passo metodológico do qual se constituiu o *corpus* desta pesquisa, conforme o quadro teórico-metodológico elaborado por Krieg-Planque (2010) e as orientações de Maingueneau (2015) tanto sobre as unidades tópicas e não tópicas quanto sobre percurso (2.1).



### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*“Se liga a um enunciado [...] o segue em sua circulação.”*

*(Jean-Pierre Faye, 1972b, p. 41*

*apud Krieg-Planque, 2010, p. 40)*

No que diz respeito à metodologia que viabiliza esta pesquisa e sobre a qual este capítulo discorre, ela se configura principalmente com base na noção de fórmula discursiva, tal como foi concebida por Krieg-Planque (2010), que, conforme já registrado no decorrer do capítulo anterior (em 2.2), estabeleceu um quadro teórico-metodológico para estudá-la, trançando um procedimento de método de busca com o seu enquadramento na perspectiva dos estudos da Análise do Discurso Francesa. Além disso, resgatam-se aqui os apontamentos de Maingueneau (2015) sobre as unidades tópicas e não tópicas, bem como sobre percurso (em 2.1). Dado que este estudo persegue uma possível fórmula, a exploração da dispersão desse sintagma torna-se, pois, o ponto inicial do trajeto da coleta de informações, sendo que “tais percursos são, hoje em dia, consideravelmente facilitados pela existência de programas de informática que permitem tratar *corpora* muito vastos” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 23).

São duas, então, as partes que compõem este capítulo. Em 3.1, orientadas tanto por Krieg-Planque (2010) quanto por Maingueneau (2015), serão detalhadas as etapas de ação empreendidas por meio dos buscadores digitais, reconstituindo-se, assim, todo o passo a passo que culminou com a seleção do *corpus* formado por 61 textos extraídos de mídias diversas. E, em 3.2, adicionalmente, considerada a necessidade de distinguir o objeto de estudo desta pesquisa de outras investigações que se debruçam sobre os chamados “discursos digitais”, entendeu-se a pertinência de, em linhas gerais, contemplar a teoria que vem abarcando as análises dessa natureza, segundo Paveau (2021).

#### 3.1 Sobre as etapas de ação para o levantamento e a constituição do *corpus*

Conforme já foi possível verificar até aqui, ao se empreender um estudo centrado na análise de fórmulas – assim como no caso de pequenas frases e *slogans* –, faz-se necessário um primeiro levantamento mais amplo acerca do objeto de estudo, efetuando-se a sua busca nos mais variados gêneros textuais e nas suas diversas materialidades linguísticas, a fim de que se possa mensurar a sua dispersão na sociedade ao longo de um período mais extenso de tempo. E, para tanto, pesquisas desse tipo são atualmente bem mais favorecidas pela existência dos

chamados “buscadores digitais”, esses dispositivos *on-line* encarregados de pesquisar arquivos armazenados em servidores da internet e entre os quais estão o Google, o Bing e o Yahoo!. Para o empreendimento desta pesquisa, a ferramenta de busca digital selecionada consistiu no Google, dado se tratar do principal entre eles, hoje figurando também como o mais conhecido desses buscadores.

Quanto ao caminho realizado para a composição do *corpus*, ele foi constituído das cinco etapas seguintes: (i) verificação da circulação de “maternidade real” e das suas variantes; (ii) apreensão da dispersão do sintagma; (iii) identificação da origem do sintagma “maternidade real”; (iv) levantamento dos textos de maior circulação com o sintagma “maternidade real”; e (v) construção de um *corpus* saturado de enunciados atestados. Cada uma delas será mais bem detalhada a seguir, sendo que, em todas, invariavelmente, o meio digital foi utilizado como ferramenta de busca, perfazendo, portanto, um *corpus* recolhido desse ambiente no período compreendido entre setembro de 2019 – relativo à primeira etapa – e março de 2021 – relativo à quinta e última etapa.

A primeira etapa consistiu na verificação ampla de que o sintagma “maternidade real” e a sua variante “#maternidadereal” realmente seguissem circulando, bem como na averiguação de em quais contextos isso se daria. Adicionalmente, interessava ainda identificar se existiam outras possíveis variantes para além dessa – outras formulações do objeto de estudo. Assim, por meio do Google, tomando-se como critério de seleção a inserção da expressão-chave “maternidade real” e da sua variação “#maternidadereal” na aba referente ao mecanismo de busca dessa ferramenta, é que foi realizado o levantamento inicial.

Como resultado desse primeiro levantamento, constatou-se que tanto o sintagma principal quanto a sua variante podiam ser encontrados em uma ampla gama de mídias, desde revistas de informação de caráter generalista (como Veja e Isto é) até as revistas de informação de conteúdo e público específicos (neste caso, Cláudia e Marie Claire, ambas voltadas para as mulheres em geral, e Pais & Filhos e Crescer, explicitamente voltadas à parentalidade). Além das revistas, ambas também estavam presentes em textos publicados por veículos jornalísticos de grande circulação nacional (como os jornais Estado de São Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo), bem como nos conteúdos de canais nativo-digitais (como o YouTube e em *podcasts*) e nas redes sociais (Facebook e Instagram). No mais, também foi possível constatar a sua circulação em palestras como TED Talks, em livros, filmes, séries, peças de teatro, documentário, publicações acadêmicas, cursos, exposição, tema de bloco de carnaval de rua, jornal televisivo em tevê aberta e programa de tevê em canal pago, podendo-se constatar aí uma extensa mobilização e dispersão do neologismo.

Ainda em conformidade com o que se pretendia nessa primeira etapa, outro produto desse levantamento foi a descoberta da ocorrência de distintas unidades lexicais associadas ao sintagma “maternidade real”, sendo que muitas delas apresentavam um campo derivacional mais direto, como em “real maternidade” e “maternidade na real”, ao passo que outras revelavam um desdobramento um pouco diferenciado, como em “maternidade como ela é”, “mamãe de verdade”, “desromantização da maternidade”, “não romantizar a maternidade”, “maternidade sem romantismo” e “sem romantização da maternidade”. Essas novas versões, entretanto, despontaram em número menor – comparativamente à quantidade de resultados em que se constatou o emprego de “maternidade real” –, mostrando-se, assim, mais reduzidas, de uso menos frequente, conforme uma leitura inicial dos dados. Dessa maneira, foi alcançado o primeiro intento da jornada, uma vez que se confirmou que o sintagma seguia se fazendo presente em diferentes discursos e que ele apresentava diferentes unidades lexicais.

Na segunda etapa, a verificação se concentrou na dispersão desse sintagma, o que se alcançaria por meio de uma mensuração quantitativa, já que uma fórmula demanda uma circulação bastante ampla. Para tanto, levou-se em conta a própria orientação pontuada por Krieg-Planque (2010, p. 29) nos seus estudos, no sentido de que “Uma pessoa que estudasse a fórmula ‘desenvolvimento sustentável’ enfrentaria a mesma interrogação: até onde esta fórmula está presente em tal ou qual ocorrência do adjetivo ‘sustentável’, do verbo ‘sustentar’, dos substantivos ‘sustentação’, ‘sustentabilidade’ etc.?”. Novamente utilizando-se o Google, pesquisou-se a quantidade de ocorrências para cada expressão-chave, obtendo-se daí os resultados registrados no Quadro 1.

**Quadro 1** – Comparação das buscas realizadas no Google para “maternidade real” e suas variantes.

| <b>Expressão-chave consultada</b> | <b>Ocorrências no Google</b> |
|-----------------------------------|------------------------------|
| maternidade real                  | 26.200.000                   |
| real maternidade                  | 21.600.000                   |
| maternidade na real               | 20.700.000                   |
| #maternidadereal                  | 443.000                      |
| desconstrução da maternidade      | 190.000                      |
| maternidade sem romantismo        | 190.000                      |
| maternar na real                  | 180.000                      |
| maternagem real                   | 86.600                       |
| desconstruir a maternidade        | 84.400                       |
| não romantizar a maternidade      | 38.100                       |
| sem romantização da maternidade   | 35.300                       |
| maternagem autêntica              | 15.300                       |
| romantização da maternidade       | 14.500                       |
| desromantizar a maternidade       | 3.960                        |
| desromantização da maternidade    | 2.630                        |

Fonte: A autora, 2021.

No que se refere a essa coleta estatística realizada no Google, em cuja página inicial esses números totais já são logo apresentados, constatou-se que “maternidade real” (na primeira linha do Quadro 1) foi contabilizada num total de 26.200.000 ocorrências e, “#maternidadereal” (na quarta linha), num total de 443.000. Já as unidades lexicais concorrentes somaram números inferiores ao sintagma principal: para “real maternidade” (na segunda linha), por exemplo, foram localizadas 21.600.000 ocorrências; para “desromantização da maternidade” (na última linha), apenas 2.630.

Com base nos dados coletados, o que se observou foi que dois aspectos poderiam ser já destacados dessa segunda fase. O primeiro deles dizia respeito à maior incidência do sintagma “maternidade real” sobre as suas variantes, consistindo na possibilidade de que tal incidência estivesse associada ao fato de esse formato ser mais sucinto, e de que “é a concisão que permite a fórmula circular, no sentido material do termo, é ela que permite a sequência ser integrada a enunciados que a sustentam, a incluem, a retomam, a reforçam, a reiteram ou a recusam” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 71). O segundo referia-se ao fato de “maternidade real” apresentar um número de ocorrências significativamente maior do que a sua variação com a *hashtag* (uma diferença na qual “maternidade real” aparece quase 40 vezes a mais que “#maternidadereal”), o que permitiu aventar aí a possibilidade de que, embora sejam muitos os veículos (inclusive jornalísticos) que se utilizam das *hashtags* – seja no começo ou no final dos seus conteúdos, a fim de que estes tanto possam ser mais facilmente identificados pelos seus leitores quanto mais facilmente indexados pelos buscadores digitais –, a utilização das *hashtags* ainda apareceria substancialmente mais vinculada às redes sociais. Em vista disso foi que, para a continuidade desse percurso, optou-se pela construção e pela exploração de textos que registrassem exclusivamente o sintagma “maternidade real”, independentemente dos gêneros de discurso pelos quais o neologismo se manifestasse.

Estabelecido esse recorte, a terceira etapa de ação deteve-se na necessidade de verificar em que momento o sintagma “maternidade real” começou a circular, isto é, em qual “a história de vida dessa palavra”, tal como já considerara a autora cujo estudo viabiliza esta pesquisa:

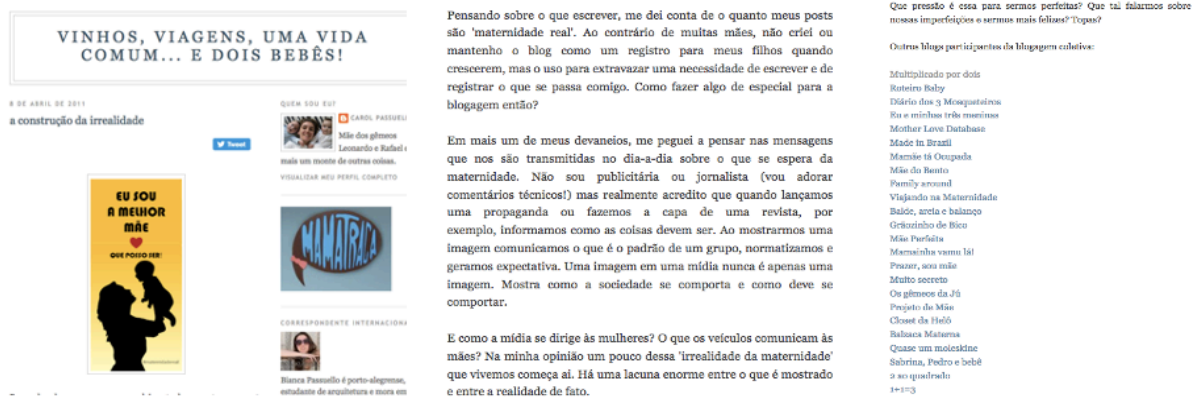
Esse trabalho era, de certa maneira, uma história de palavras: a das quatro palavras que são “purificação”, “limpeza”, “depuração” e “étnica”. Mais precisamente, tratava-se de estudar os momentos, na história dos discursos, em que essas palavras entram em conjunção para formar os sintagmas neológicos “purificação étnica”, “limpeza étnica” e “depuração étnica” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 10).

Com base nisso, a pergunta à qual se fazia necessário responder era: quando foi que ocorreu a primeira manifestação da qualificação da “maternidade em real”, ou seja, quando se deu pela primeira vez o emprego da expressão “maternidade real”? – o que tornaria possível seguir o fio condutor desse sintagma. Para tornar essa resposta possível, no entanto, surgia aí um outro questionamento, referente a qual deveria ser o intervalo de tempo ideal para uma busca mês a mês a ser efetuada no Google.

A esse respeito, mais uma vez recorreu-se à Krieg-Planque (2010), quando ela se refere à questão da interpretação na construção do *corpus*. Segundo ela, desde o início do trabalho, é preciso que a interpretação e a inteligência humana entrem em ação para tratar os dados. Logo, considerando que essa nova expressão teria começado a ecoar na internet como produto da quarta onda do feminismo, que utiliza as redes sociais como plataforma das suas manifestações, o novo critério adotado privilegiou o ano em que a internet ampliou a sua utilização no Brasil devido à entrada de provedores de acesso gratuito a esse canal – ano 2000. Com isso, a data de início para essa consulta estava definida – especificamente, janeiro de 2000.

Como resultado desse levantamento mensal, foi encontrada uma possível primeira ocorrência do sintagma “maternidade real” no *blog* de Carol Passuello, intitulado “Vinhos, viagens, uma vida comum... e dois bebês!”, em abril de 2011. Em uma de suas postagens, a autora do *blog* registra: “Pensando sobre o que escrever, me dei conta de o quanto meus *posts* são ‘maternidade real’”, constatação com base na qual ela convida 90 mães blogueiras a participarem de uma “blogagem coletiva”: “Que pressão é essa para sermos perfeitas? Que tal falarmos das nossas imperfeições e sermos mais felizes? Topas?” (PASSUELLO, 2011c, *online*). Passuello (2011c), então, pede para que as mães escrevam nos seus *blogs* sobre estereótipos da construção da imagem da mulher/mãe por parte da mídia, como se vê na Figura 1.

**Figura 1** – Publicação do *blog* “Vinhos, viagens, uma vida comum... e dois bebês” em 2011.



Fonte: Passuello, 2011c.

Aparentemente, o convite obteve boa aceitação e adesão por parte das mães a que se dirigiu, pois o rastreamento desse *blog* se deu por meio das postagens de outros *blogs*, que comentavam sobre a blogagem coletiva proposta por Passuello (2011c, *on-line*). De toda maneira, dado ter sido esse o primeiro resultado quanto ao primeiro registro *on-line* do sintagma em questão, tanto o *post*-convite quanto as respostas das blogueiras se tornaram também os primeiros textos a compor o *corpus* desta pesquisa.

Na sequência desse registro, foi encontrada uma matéria publicada em 16 de julho de 2012 na revista *Trip* pela jornalista Natacha Cortêz (2012), na qual ela faz alusão ao “fenômeno” “*Mothern*”, palavra valise do inglês “*mother* + *modern*” (“mãe + moderna”), termo cunhado por duas escritoras e mães, Juliana Sampaio e Laura Guimarães, que começaram a escrever um *blog* para tratar dos conflitos da maternidade moderna. Rapidamente, o *blog* se desdobrou primeiramente em um livro (cuja capa está reproduzida na Figura 2), depois em coluna dessa mesma revista e, mais tarde, em uma série de muito sucesso do canal televisivo GNT. A temática apresenta o significado de “maternidade real”, mas sem o significante – o léxico “maternidade real”.

**Figura 2** – Capa do livro “*Mothern*”, da Matrix Editora.



Fonte: Mothern..., [2021?].

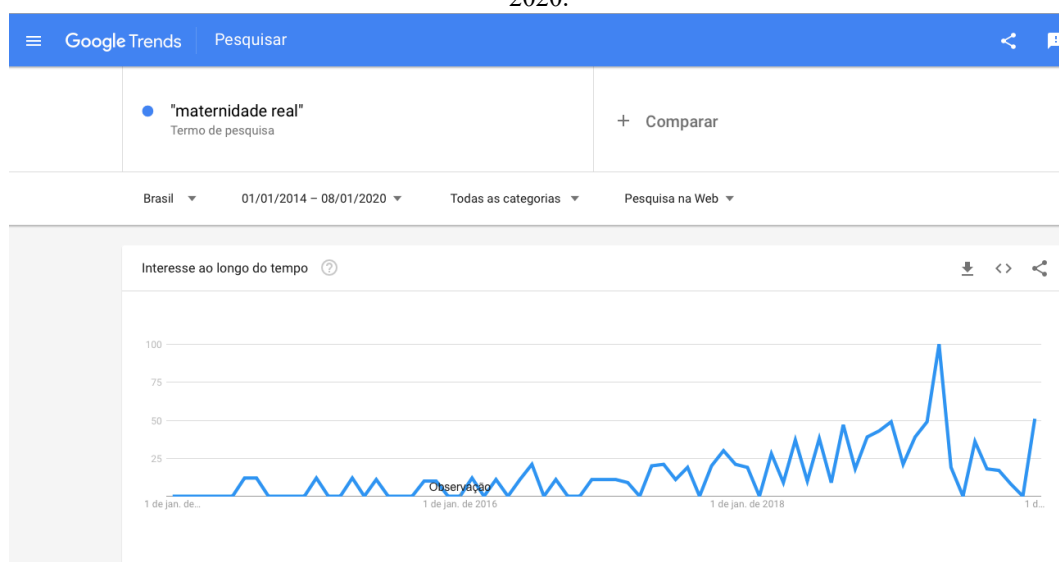
No que tange aos anos seguintes, as aparições são fracas: a expressão se dissipa e volta a ser enunciada – e, principalmente, difundida – somente a partir de fevereiro de 2016, com o “#DesafioDaMaternidade” na rede social Facebook. A proposta do desafio é convidar as mães a compartilharem ao menos três fotos que demonstrem como as mulheres que têm filhos são felizes, e quem participa deve marcar outras mães na postagem, a fim de que elas façam o mesmo, dando continuidade a essa corrente. Juliana Reis, entretanto, uma dona de casa de 25 anos de idade à época, surpreende os internautas ao não aceitar o desafio e ao comentar que a maternidade não era uma experiência à qual correspondesse somente felicidade: “Desafio NÃO aceito! Me recuso a ser mais uma ferramenta para iludir outras mulheres de que a maternidade é um mar de rosas e que toda mulher nasceu para desempenhar esse papel. Eu vou lançar outro desafio, o desafio da MATERNIDADE REAL” (SANTOS, 2016, *on-line*).

Tanto por meio de apoio quanto por meio de críticas, a contestação dessa mãe gerou tamanha repercussão que, devido ao grande volume de comentários recebidos na sua publicação, a sua conta de Facebook foi bloqueada, permanecendo fora do ar por 12 horas (REIS, 2016). Diante desse acontecimento, o sintagma “maternidade real” passou a ser retomado e difundido pela imprensa, aparentando entrar no debate público, devido a uma série de matérias sobre essa passagem em jornais e, inclusive, chegando a constar em apresentação de trabalho realizada em evento acadêmico (TROTТА, 2016). Dessa maneira é que o uso do sintagma teria cruzado as fronteiras do discurso digital e migrado para os tradicionais veículos de comunicação (rádio, revistas, televisão e jornais), de modo que a sua enunciação não seria

mais monopólio das promotoras dessa expressão.

Concluídas as novas descobertas sobre o início da aparição, da circulação e da irradiação de “maternidade real”, a quarta fase de ação foi orientada pela necessidade de se responder à próxima pergunta: quais são as ocorrências e em que meios esse sintagma se encontra? Uma vez formulada essa questão, considerou-se pertinente a aplicação de uma ferramenta mais específica do Google – o Google Trends –, dado que ela seria capaz de reunir os resultados oriundos de diferentes gêneros discursivos, sendo esse um elemento importante na constituição de uma fórmula. Nesse caso, o intervalo de tempo delimitado para a realização da busca foi de janeiro de 2014 a agosto de 2020, e os resultados dela estão reproduzidos na Figura 3.

**Figura 3** – Resultados do Google Trends para a consulta do termo “maternidade real” no período de 2014 a 2020.



Fonte: A autora, 2021, via busca na plataforma Google Trends.

Diante desse novo gráfico, pôde-se observar a dispersão da expressão aqui analisada e, como critério para conferir maior aprofundamento a essa análise, optou-se pelo estudo dos meses com picos de manifestação de busca acima do volume de 50 (unidade de medida que, nesse caso, se refere ao nível de popularidade que essa busca apresenta, podendo variar de 0 a 100), a saber: em maio de 2015, 57; em fevereiro de 2016, 54; em novembro de 2017, 74; em abril de 2018, 64; em novembro de 2018, 62; em fevereiro de 2019, 56; em maio de 2019, 100; em agosto de 2019, 76; e, em janeiro de 2020, 68.

Para a triagem dos resultados envolvendo a circulação de “maternidade real” nessas datas, mais dois critérios foram adotados, desta vez consistindo na seleção das cinco primeiras matérias correspondentes a cada um desses meses – devido ao seu maior número de *views* – e a inclusão de qualquer que fosse a mídia escrita – ou seja, tanto as já “tradicionais”, que

abrangessem a grande massa (jornal, revista, televisão), quanto as mídias digitais (*sites* e redes sociais). No caso dessas mídias, importava que a expressão “maternidade real” figurasse ao menos uma vez no seu título, no seu *lide* ou no próprio corpo da matéria – o que, naturalmente, implicou o descarte das aparições de “maternidade real” associadas a canais de YouTube e a filmes, uma vez que essas são mídias nas quais não se privilegia a escrita.

Uma vez mais seguindo os passos de Krieg-Planque (2010, p. 29) na sua pesquisa sobre “depuração étnica” e as suas variantes, a autora registra: “em seguida, li todos os artigos (que exportei e pus em formato texto, em Word) e retive os que pareciam conter o termo marcado pelo computador segundo os critérios formais remetessem à fórmula, de acordo com uma interpretação razoável do enunciado”. E, replicando-se essa mesma finalidade de leitura e de retenção nesta pesquisa, chegou-se ao total de 36 textos para análise.

Dado, no entanto, que este é um trabalho que persegue uma fórmula, não se poderia perder de vista a importância de que, para a investigação pretendida, ele se valesse de um *corpus* saturado de enunciados atestados. Nessa perspectiva, ao investigar um “candidato ao estatuto de fórmula” na contemporaneidade, parte-se do entendimento de que o analista do discurso deve estar atento às variadas mídias e, em especial, àquelas de grande circulação. Da mesma forma, o analista deve considerar o contexto em que a coleta de dados está sendo realizada – o que implicava, portanto, a necessidade de se considerar que a maior parte do presente estudo vinha sendo desenvolvida em meio à pandemia da Covid-19, culminando daí a etapa final deste percurso.

Para essa quinta e última etapa de ação, foi utilizado o arquivo do Instituto Verificador de Comunicação (2020a, 2020b). Uma vez nele detectados os principais veículos de mídia impressa do Brasil no primeiro semestre de 2020, os quatro primeiros de cada grupo – mídia de jornal e revistas pagas – foram selecionados como novas fontes específicas de consulta para o registro de “maternidade real”, posto representarem aproximadamente 50% do *share* de vendas. Na ordem em que se destacam nesse *ranking*, estão Super Notícia, O Globo, O Estado de São Paulo e Folha de S. Paulo no primeiro grupo, tal como demonstrado na Figura 4, e Veja, Saúde, Época e Marie Claire no segundo grupo, tal como demonstrado na Figura 5. Com isso, tendo sido realizada a consulta do sintagma “maternidade real” na versão digital de cada uma dessas mídias, foi possível incorporar outros 12 textos ao *corpus* desta pesquisa.

**Figura 4 – Pesquisa do IVC 2020 – Natureza: “Jornais”.**

**IVC** INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO

**- POSIÇÃO PARTICIPAÇÃO E EVOLUÇÃO DAS PUBLICAÇÕES -**

|                            |              |                    |                           |
|----------------------------|--------------|--------------------|---------------------------|
| <b>PERIODICIDADE:</b>      | Todas        | <b>PERÍODO:</b>    | JANEIRO/2020 a JUNHO/2020 |
| <b>TIPO DE CIRCULAÇÃO:</b> | Paga         | <b>NATUREZA:</b>   | Jornais                   |
| <b>TIPO DE MÉDIA:</b>      | Média Edição | <b>LOCALIDADE:</b> | Total                     |
| <b>DISTRIBUIÇÃO:</b>       | Total        | <b>REGIÃO:</b>     | Todas Regiões             |
| <b>ÁREA:</b>               | Total Geral  | <b>ESTADO:</b>     | Todos os Estados          |
| <b>STATUS:</b>             | Ativas       | <b>PUBLICAÇÃO:</b> | Edição Impressa           |

Obs: 1) Este relatório foi gerado por meio de escolhas específicas de entre as diversas possibilidades de parâmetros disponíveis no sistema (conforme cabeçalho acima). Consequentemente, a metodologia utilizada pelo usuário pode não ser a mesma adotada como padrão pela entidade. Por esta razão, em casos de produção de conteúdo jornalístico, recomendamos que as informações sejam solicitadas via assessoria de comunicação do Instituto. Informações levantadas de forma independente podem gerar dados que não representam os números oficiais do IVC.  
2) O prazo de entrega das IJA'S está diretamente relacionado com a periodicidade das publicações (Associadas com diferentes periodicidades têm prazos de entregas diferentes).

4) Relatório gerado através de senha para filiação AGÊNCIA DE PROPAGANDA com abrangência NACIONAL, estado(s): TODOS

**Jornais - JANEIRO/2020 a JUNHO/2020 - Média dos períodos**

| Publicação           | UF | Periodicidade | Posição | Mercado % | Quantidade IJA's | Média   |
|----------------------|----|---------------|---------|-----------|------------------|---------|
| Super Notícia        | MG | Diária        | 1º      | 10,31     | 6                | 110.231 |
| O Globo              | RJ | Diária        | 2º      | 8,76      | 6                | 90.635  |
| O Estado de S. Paulo | SP | Diária        | 3º      | 8,59      | 6                | 91.860  |
| Folha de S. Paulo    | SP | Diária        | 4º      | 7,01      | 6                | 74.949  |

Fonte: Instituto Verificador de Comunicação, 2020a.

**Figura 5 – Pesquisa do IVC 2020 – Natureza: “Revistas pagas”.**

**IVC** INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO

**- POSIÇÃO PARTICIPAÇÃO E EVOLUÇÃO DAS PUBLICAÇÕES -**

|                            |                |                    |                           |
|----------------------------|----------------|--------------------|---------------------------|
| <b>PERIODICIDADE:</b>      | Todas          | <b>PERÍODO:</b>    | JANEIRO/2020 a JUNHO/2020 |
| <b>TIPO DE CIRCULAÇÃO:</b> | Revistas Pagas | <b>NATUREZA:</b>   | Todas Publicações         |
| <b>TIPO DE MÉDIA:</b>      | Média Edição   | <b>LOCALIDADE:</b> | Total                     |
| <b>DISTRIBUIÇÃO:</b>       | Total          | <b>REGIÃO:</b>     | Todas Regiões             |
| <b>ÁREA:</b>               | Total Geral    | <b>ESTADO:</b>     | Todos os Estados          |
| <b>STATUS:</b>             | Ativas         | <b>PUBLICAÇÃO:</b> | Edição Impressa           |

Obs: 1) Este relatório foi gerado por meio de escolhas específicas de entre as diversas possibilidades de parâmetros disponíveis no sistema (conforme cabeçalho acima). Consequentemente, a metodologia utilizada pelo usuário pode não ser a mesma adotada como padrão pela entidade. Por esta razão, em casos de produção de conteúdo jornalístico, recomendamos que as informações sejam solicitadas via assessoria de comunicação do Instituto. Informações levantadas de forma independente podem gerar dados que não representam os números oficiais do IVC.  
2) O prazo de entrega das IJA'S está diretamente relacionado com a periodicidade das publicações (Associadas com diferentes periodicidades têm prazos de entregas diferentes).

4) Relatório gerado através de senha para filiação AGÊNCIA DE PROPAGANDA com abrangência NACIONAL, estado(s): TODOS

**Revistas Pagas - Todas Publicações - JANEIRO/2020 a JUNHO/2020 - Média dos períodos**

| Publicação   | UF | Periodicidade | Posição | Mercado % | Quantidade IJA's | Média   |
|--------------|----|---------------|---------|-----------|------------------|---------|
| Veja         | SP | Semanal       | 1º      | 20,55     | 6                | 189.822 |
| Saúde        | SP | Mensal        | 2º      | 8,03      | 6                | 74.184  |
| Época        | SP | Semanal       | 3º      | 7,30      | 6                | 67.422  |
| Marie Claire | SP | Mensal        | 4º      | 7,18      | 5                | 66.272  |

Fonte: Instituto Verificador de Comunicação, 2020b.

Para contemplar o contexto da “maternidade na pandemia”, especialmente sobre a sobrecarga da mulher na pandemia – no propósito de verificar se o sintagma “maternidade real” estaria de alguma maneira circulando nesses discursos –, foi feito um novo levantamento em relação às publicações que estariam em conformidade com esse tema, entre as quais foram encontradas, por exemplo, “Mães à beira de um ataque na quarentena” (PAULA, 2020), n’O Estado de São Paulo, e “Pandemia vai tirar das mulheres 10 anos de avanços no mercado de trabalho” (TAUB, 2020), n’O Globo. Mediante esse levantamento final, foram obtidas e aqui inseridas mais 11 matérias, com o que finalmente se encerraria a constituição do *corpus* deste trabalho, composto por 61 textos, tomando-se essa quantidade como relevante para o empreendimento da análise acerca da definição ou não de “maternidade real” como fórmula.

Sintetizando as cinco etapas apresentadas, o Quadro 2 foi elaborado a fim de melhor ilustrar o que foi a jornada da construção desse *corpus* reconstituída até aqui.

**Quadro 2** – As cinco etapas da jornada realizada para a composição do *corpus* desta pesquisa.

| <b>Etapas</b> | <b>Data</b>      | <b>Objetivo</b>                                                                                                                                                                                                                                        | <b>Ferramenta</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | <b>Resultado(s)</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------|------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1ª            | Setembro de 2019 | Verificar se o sintagma “maternidade real” e a sua versão digital – com a <i>hashtag</i> “#maternidade real” – estavam circulando na atualidade indicada, bem como outras possíveis variantes que pudessem ser igualmente identificadas nesse período. | Google, tomando-se como critério de seleção a inserção da expressão-chave “maternidade real” e da sua variação “#maternidadereal”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Presença do sintagma nos mais variados gêneros <i>on-line</i> e por meio de suportes distintos, tanto dentro quanto fora do universo digital, como em: redes sociais, <i>blogs</i>, <i>sites</i>, canais do YouTube, <i>podcasts</i>, palestras em TED Talks, livros, filmes, séries, peças de teatro, documentário, publicações acadêmicas, cursos, exposição, tema de bloco de carnaval de rua, jornal televisivo em tevê aberta e programa de tevê em canal pago;</li> <li>• Identificação de variantes do sintagma principal.</li> </ul> |
| 2ª            | Outubro de 2019  | Verificar a dispersão de “maternidade real” e quantificar as suas ocorrências, bem como as das suas variantes.                                                                                                                                         | Google                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Predominância de “maternidade real” sobre “#maternidadereal” e suas variantes;</li> <li>• Definição de prosseguimento da pesquisa a partir de “maternidadereal”, <b>exclusivamente e independentemente dos gêneros</b> de discurso pelos quais ela viesse a ser manifestada.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 3ª            | Junho de 2020    | Identificar a origem de “maternidade real”.                                                                                                                                                                                                            | Google – busca mensal a partir de janeiro de 2000.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Remissão ao <i>blog</i> “Vinhos, viagens, uma vida em comum...e dois bebês!” em ocorrência datada de 2011;</li> <li>• Remissão a uma matéria da revista referente ao “fenômeno” “<i>Mothern</i>” datada de 2012;</li> <li>• Outras aparições fracas, até o surgimento do “#DesafioDaMaternidade” na rede social Facebook, datado de 2016;</li> <li>• <b>Total de dois textos.</b></li> </ul>                                                                                                                                                 |
| 4ª            | Agosto de 2020   | Encontrar os textos de maior circulação em que constava o sintagma “maternidade real”.                                                                                                                                                                 | <p>Google Trends – levantamento realizado entre janeiro 2014 e agosto 2020, adotando-se os seguintes critérios de escolha:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• meses com picos de manifestação de busca acima do volume de 50;</li> <li>• nesses “picos”, a seleção das cinco primeiras matérias (com mais <i>views</i>) apenas da mídia escrita proveniente de qualquer meio;</li> <li>• leitura dessas matérias no Word a fim de verificar a</li> </ul> | <b>36 textos.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |

|              |                                      |                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                   |
|--------------|--------------------------------------|----------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
|              |                                      |                                                                | concreta ocorrência de “maternidade real” e retenção daquelas nas quais isso se deu.                                                                                                                                                                                                                                   |                   |
| 5ª           | De agosto de 2020 até março de 2021. | Valer-se de um <i>corpus</i> saturado de enunciados atestados. | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Arquivo do Instituto Verificador de Comunicação (2020a, 2020b), do qual foram selecionados os quatro primeiros veículos de mídia impressa do Brasil de cada grupo – mídia de jornal e revistas pagas; e</li> <li>• Google – busca sobre a maternidade na pandemia.</li> </ul> | <b>23 textos.</b> |
| <b>TOTAL</b> |                                      |                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | <b>61 textos.</b> |

Fonte: A autora, 2021.

Concluída a constituição do *corpus* a partir do caminho exposto, entendeu-se a necessidade de catalogá-lo de forma a promover uma visão global dos dados coletados, antes do empreendimento da análise consoante as quatro propriedades formulaicas. Primeiramente, o que se observou foi que, dos 61 textos agrupados, apenas dois foram produzidos por homens; nos demais casos, quem enunciou sobre a maternidade foram as mulheres.

No Quadro 3, estão elencadas as 47 mídias encontradas no *corpus*, sendo que, para a sua catalogação, foram definidos quatro grupos, consoante os seguintes gêneros: *blog* (caso de nove delas, inserindo-se aí os diários *on-line*), a rede social Facebook (caso de duas), portal (caso de 17, contemplando aí conteúdos variados e abrigando *sites*) e *site* [caso de 19, tomando-se os *sites* como aqueles espaços que apresentam uma temática mais restrita (RRPIX, 2015)].

**Quadro 3** – Mídias das quais os textos foram extraídos.

| Gênero   | Quantidade | Mídia                                                                                |
|----------|------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| Blog     | 9          | A nada fácil maternidade real                                                        |
|          |            | Leiturinha                                                                           |
|          |            | Mãe e muito mais                                                                     |
|          |            | Mamãe quero papá                                                                     |
|          |            | Maternar mais leve                                                                   |
|          |            | Maternidade simples                                                                  |
|          |            | Penteadeira ( <i>Blog</i> das farmácias)                                             |
|          |            | Vida Materna                                                                         |
|          |            | Vinhos, viagens, uma vida comum... e dois bebês                                      |
| Facebook | 2          | Reflexões Maternidade                                                                |
|          |            | Uma Mãe                                                                              |
| Portal   | 17         | Folha de S.Paulo – Sessão: Coluna Colo de Mãe, Ilustrada, Maternar e Colunas e Blogs |
|          |            | Globo. Sessão: Patricia Kogut (entretenimento), Cidades                              |
|          |            | Globo, Jornal Extra. Sessão Coluna Mulher                                            |
|          |            | Globo, G1 Sessão: Anedota de mãe                                                     |
|          |            | Globo, G1, Jornal Espírito Santo                                                     |
|          |            | EBC                                                                                  |
|          |            | A Hora – Comportamento                                                               |
|          |            | Catraca Livre                                                                        |

|      |    |                                                                             |
|------|----|-----------------------------------------------------------------------------|
|      |    | Época. Sessão: Sociedade                                                    |
|      |    | Jornal Correio Lajeano. Sessão: Geral                                       |
|      |    | Lunetas                                                                     |
|      |    | Metrópoles                                                                  |
|      |    | NSC                                                                         |
|      |    | O tempo. Sessão: Cidades, Interessa (saúde, comportamento e moda) e Bairros |
|      |    | OESP. Sessão: E+ (notícias e entretenimento)                                |
|      |    | Uaaaau!                                                                     |
|      |    | Universa Uol. Sessão: Coluna Xan Ravelli e Pensadoras                       |
|      |    | Agência de propaganda Comunic.ativa                                         |
| Site | 19 | BabyCenter                                                                  |
|      |    | Jornal Diário de Pernambuco - Sessão Notícia de Boa                         |
|      |    | Jornal Hoje em Dia (Horizontes-Cidade, Saúde, Educação)                     |
|      |    | Macetes de mãe                                                              |
|      |    | Mães que escrevem                                                           |
|      |    | Marie Claire – Sessão Celebidades                                           |
|      |    | Maternidade Real                                                            |
|      |    | Militância Materna                                                          |
|      |    | Mundo Ovo                                                                   |
|      |    | Não me Kahlo                                                                |
|      |    | O Segredo                                                                   |
|      |    | Revista Digital Crescer. Sessão: Rafa Brites-Mãe na Real                    |
|      |    | Revista Pais e Filhos. Sessão: coluna Nanna Nene e Família                  |
|      |    | Revista Digital Cult                                                        |
|      |    | Revista M de Mulher                                                         |
|      |    | Revista Claudia                                                             |
|      |    | São Paulo Para crianças                                                     |
|      |    | Tao feminismo                                                               |

Fonte: A autora, 2021.

Conforme é possível observar nesse quadro, entre as 47 mídias a que pertencem os 61 textos a serem analisados, predominaram os portais e os *sites*. Outro aspecto que merece destaque em relação a algumas delas – como os *blogs*, Facebook e *sites* –, é que não se sabe exatamente quem são o enunciador e o coenunciador de cada texto, ou seja, como se caracterizam tanto o produtor quanto o receptor desses conteúdos – a sua classe social, faixa etária, etnia, entre outros dados. Dessa maneira, frente à temática da maternidade – e, em especial à da “maternidade real” –, pode-se depreender a possibilidade de que as pessoas que se interessam por ela se organizem como uma comunidade discursiva, devido aos seus interesses em comum. Como postulado por Maingueneau (1993, p. 56) em “Novas tendências em Análise do Discurso”, essas comunidades “são grupos que existem unicamente por e na enunciação, na gestão destes textos, e não grupos que encontrariam sua razão de ser a partir de outro lugar”.

Quanto às datas em que esses enunciados foram veiculados, destaca-se o período 2018–2020, como exposto no Quadro 4 – o que já permite inferir que o sintagma tenha circulado mais nesse período de tempo.

**Quadro 4** – Relação entre os anos das postagens e as quantidades de textos neles encontrados.

| Ano da publicação | Quantidade de textos |
|-------------------|----------------------|
| 2011              | 2                    |
| 2015              | 4                    |
| 2016              | 3                    |
| 2017              | 7                    |
| 2018              | 14                   |
| 2019              | 16                   |
| 2020              | 12                   |
| 2021              | 3                    |

Fonte: A autora, 2021.

Por fim, no Quadro 5, para efeito da análise pretendida no próximo capítulo, encontram-se listadas as partes dos textos nas quais o sintagma “maternidade real” foi identificado.

**Quadro 5** – Relação entre as partes do texto nas quais o sintagma foi identificado e as quantidades de vezes.

| Onde o sintagma “maternidade real” foi identificado no enunciado                                               | Quantidade de enunciados |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|
| Apenas no título.                                                                                              | 6                        |
| No título e no corpo do enunciado.                                                                             | 34                       |
| Apenas no corpo do enunciado.                                                                                  | 16                       |
| Não aparece dessa maneira, mas segundo as variantes “mãe real”, “desromantização da maternidade” e “pai real”. | 5                        |

Fonte: A autora, 2021.

Para o encerramento deste tópico, tem-se que, como o *corpus* aqui definidos é digital, caracterizando-se pela sua heterogeneidade, com enunciados que derivam tanto de fontes tradicionais no suporte impresso que também incorporaram o suporte *on-line* (a exemplo do jornal Folha de S. Paulo e da revista Crescer) quanto de mídias nativo-digitais (a exemplo dos *blogs*), estimou-se também a necessidade de se distinguir o que está sendo efetivamente investigado nesta pesquisa (conforme já estabelecido, a possibilidade de que “maternidade real” corresponda a uma fórmula discursiva, objetivo central deste estudo) e o que constituiria a análise de um discurso digital, tal como se explicitará a seguir.

### 3.2 Sobre o discurso digital: algumas distinções necessárias

Dada a proximidade que poderia provocar certa confusão entre diferentes objetos de estudo, tomando-se um pelo outro, considerou-se a necessidade de que, nesta pesquisa, fosse evidenciada a sua particularidade de não se voltar à análise do discurso digital também evocado

pela “maternidade real”. Aqui, por se tratar de uma unidade não tópica, o *corpus* é composto por recortes de heterogeneidade oriundos de diversos gêneros e de conjuntos de enunciações que transitam em diferentes suportes, tanto virtuais (caso dos *sites*, dos *blogs* e das redes sociais) quanto impressos (caso dos jornais e revistas que nasceram no mundo analógico e que também aderiram ao virtual). Afinal, o propósito de se capturar um possível objeto formulaico implica “uma coleta em todas as direções, visando à apreensão dos discursos de uma dada época em sua densidade máxima” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 25), de modo que se torne possível depurar a pregnância do sintagma por meio das suas quatro propriedades já elencadas em 2.2: cristalização, discursividade, referente social e polêmica. Todavia, por “maternidade real” se tratar de uma expressão “nativo-digital”, é preciso entender a natureza da sua origem.

As teorias sobre o discurso digital estão em processo de desenvolvimento, e a sua principal pensadora é Marie-Anne Paveau, que estuda o funcionamento dos discursos nativos da internet e é também a autora do dicionário “Análise do discurso digital”, lançado no Brasil neste ano (PAVEAU, 2021). Em suas próprias palavras, o discurso digital

...consiste na descrição e análise do funcionamento das produções languageiras nativas da internet, particularmente da web 2.0, em seus ambientes de produção, mobilizando igualmente os recursos languageiros e não languageiros dos enunciados elaborados. Chamamos de nativas as produções elaboradas on-line, nos espaços de escrita e com as ferramentas propostas pela internet, e não aquelas transportadas para o espaço digital conectado após a digitalização de espaços escriturais e editoriais pré-digitais. A análise do discurso digital cria dispositivos metodológicos e teóricos que podem dar conta do funcionamento específico dos discursos nativos da internet. Os discursos produzidos on-line possuem características linguísticas, nomeadamente morfográficas, lexicais, discursivas e semióticas em geral, das quais o corpus teórico da análise de discurso em contexto pré-digital, baseado em uma concepção tradicional das ciências da linguagem, não é capaz de considerar: não está, por exemplo, equipada para categorizar uma URL, para descrever formas digitais do discurso relatado (tecnodiscurso relatado) ou mesmo para analisar as formas de classificação automática dos enunciados on-line (através dos buscadores por exemplo) (PAVEAU, 2021, p. 57).

O discurso digital é gerado em um ecossistema digital que, tal como postulado pela estudiosa, está atrelado a uma conexão, a uma dimensão relacional do hipertexto, com a rede algorítmica que atesta o seu funcionamento e circulação, e ele se caracteriza pelas seguintes propriedades: (i) composição – que se refere à mistura de semioses; (ii) deslinearização – a inclusão de caminhos para outros discursos por meio de *hyperlinks*; (iii) ampliação – no caso, as repostagens de um enunciado; (iv) relacionalidade – isto é, a relação das enunciações entre si, com as máquinas e com os leitores/escritores; (v) a investigabilidade – os tecnodiscursos estão inscritos na memória da rede; e (vi) a imprevisibilidade da sua circulação – pois os

conteúdos podem ser replicados, encaminhados, levando a outros planos discursivos (PAVEAU, 2021, p. 57-58).

No caso da investigação do sintagma “maternidade real” sob a noção de fórmula discursiva, as categorias do discurso digital que se mostram relevantes são a de ampliação e de imprevisibilidade, por justificarem a capacidade de irradiação do objeto discursivo em questão, tal como já assinalado no percurso realizado para a coleta e delimitação do *corpus* no tópico anterior. Ademais, para Paveau (2021), uma análise que se pretenda digital deve levar em consideração a integração da enunciação e do digital: por ser uma co-criação, não existe um discurso digital sem a ação ativa da superfície digital; trata-se de uma imbricação entre linguagem e tecnologia. Assim, para que possa se orientar por aquilo que a autora chama de “perspectiva ecológica”, o analista deve romper com a perspectiva logocentrada e focada em apenas uma matéria lingüística, em que extrai somente partes das enunciações e se esquece do ambiente digital no qual o discurso em questão foi produzido, não levando em consideração a ação dos não humanos que também fazem parte desse “tecnodiscurso”.

Frente a esse estatuto, a pesquisa sobre “maternidade real” não se enquadra em um estudo do ecossistema digital, pois se deterá nos excertos extraídos da superfície digital, não considerando os elementos que caracterizam esse discurso. Tanto, que umas das escolhas realizadas durante o percurso da composição do *corpus* consistiu na exclusão da variante “#maternidadereal”, uma vez que se constatou que, não obstante o seu emprego em outros espaços *on-line*, o seu uso corresponde preponderantemente ao ambiente digital, requerendo outro tipo de análise, como exposto acima.

Ainda a esse respeito, no início do percurso do tópico anterior, foi possível verificar que, além de ser um marcador de militância em prol de um discurso mais real da maternidade, à expressão “#maternidadereal”, assim registrada, também corresponde um uso gerador de tráfego em páginas das redes sociais, o que implica que os usuários dessas redes se valem dessa *hashtag* para também identificar aqueles *posts* que o público potencialmente interessado nos seus produtos poderia vir a apreciar, tal como se observa no caso das *hashtags* encontradas nas publicações reproduzidas nas Figuras 6, 7 e 8.

Figura 6 – Emprego de “#maternidadereal” para promoção de produto no Instagram.



Fonte: Tupilei, 2021.

Figura 7 – Emprego de “#maternidadereal” para promoção de produto no Instagram.



Fonte: Laceira, 2021.

Figura 8 – Emprego de “#maternidadereal” para promoção de produto no Instagram.



Fonte: Pequeninosliqui, 2021.

Conforme é possível observar nessas três figuras, há uma variação nos tipos de produtos que são ofertados valendo-se da “#maternidadereal” e que vai desde artigos que tendem a alcançar mais potencialmente aquelas mães situadas em camadas socioeconômicas mais prestigiadas – caso do conjunto de roupa da marca Vans na Figura 6, cujo anúncio também incorpora as *hashtags* em inglês “*babyboy*” e “*babymodel*” – até aqueles acessórios que se destinariam a qualquer tipo de público – a exemplo dos lacinhos de cabelo de meninas na Figura 7 e das fraldas na Figura 8. De qualquer maneira, essas postagens usam a *hashtag* “#maternidadereal” de uma mesma maneira: como uma forma de gerar tráfego nas postagens, tal como as outras *hashtags* nas legendas que acompanham essas imagens – “#mãedemenina”, “#mãedemenino” –, num emprego diferente, portanto, do uso polissêmico de “maternidade real” que será abordado no próximo capítulo.

Por essa razão, esse tipo de enunciado foi descartado do *corpus* envolvendo a “perseguição” da expressão “maternidade real” que apresentava a sua maior irradiação nas redes sociais, haja vista que, tal como as figuras demonstram, essa irradiação identificada na filtragem dos dados também se constitui de uma amostra meramente temática, que contém o sintagma em estudo, mas na qual ele não representa a grade semântica que está em questão; daí a necessidade de que o analista adote a postura de interpretante razoável para tomar essas decisões.

De todo modo, para o empreendimento da análise, importa situar a origem nativo-digital do sintagma, pois “maternidade real” surge dessas novas situações nesse novo contexto; logo, pode-se inferir que, de alguma maneira, o neologismo apresenta características de um ativismo digital, ciberativismo, por mobilizar essa pauta feminista na *web 2.0* e, em especial, nas redes sociais e nas comunidades de mães.

Em efetivamente vindo a se tratar de uma fórmula, o lugar de emergência de possíveis estruturas formulaicas não está atrelado à sua maior propensão de se estabelecer como uma fórmula: a expressão pode vir tanto do centro de debates quanto da periferia, conforme ilustrado por Krieg-Planque (2010) no estudo de Faye, no qual a expressão “Estado total” utilizada na Itália emerge do centro das discussões políticas, ao passo que, na Alemanha, ela emerge na periferia. A autora também esclarece que, “observando com precisão o modo como as fórmulas chegam às mídias, constata-se que chegam frequentemente pela periferia e impulsionadas por atores que não são jornalistas” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 118), sendo que, no caso deste candidato a fórmula, ele nasce na internet e é enunciado por uma comunidade discursiva de mães. Aqui, portanto, as mães que compartilharam normas, ritos e os seus posicionamentos nas redes sociais. “Maternidade real” nasce, então, “duplamente periférico”: por meio da sua

superfície digital e por meio de atores sociais estabelecidos em um grupo específico de mães.

Para aprofundar um pouco mais a importância dessa gênese “duplamente periférica”, recorre-se ainda mais uma vez a Maingueneau (2015), que, no capítulo 15 de “Discurso e Análise do Discurso”, discorre sobre “Comunicação de terceiro tipo”. Nele, o autor apresenta como a evolução das tecnologias acarreta novas formas de comunicação, uma “tecnologia discursiva”, que altera a materialidade do que se entende por discurso. Nesse sentido, então, observa-se que, tal como já assinalado em 3.1, a comunicação eletrônica na qual a expressão “maternidade real” nasce é um *blog* (um espaço de expressão pessoal), em uma categoria enunciativa chamada de postagens, direcionada a destinatários coletivos, agrupados em torno de um mesmo interesse, ou seja, configurando aí “uma espécie de tribalização fundada na comunicação e que não segue os recortes tradicionais” (MAINGUENEAU, 2015, p. 172). Ainda sob essa perspectiva, as problematizações acerca do maternar deixam o seu estatuto de tema privado para serem alçadas a estatuto de assunto público – tanto que reverberam e ecoam de forma tão expressiva que irrompem do mundo virtual para o universo discursivo mais tradicional, no qual passam também a circular.

Aqui, considera-se a importância de se refletir sobre esses conceitos, “tribalização” e “tecnologia discursiva”, na medida em que o percurso do sintagma “maternidade real” parte de um mundo digital voltado a um grupo maior de pessoas (novamente, tem-se que a sua arena de discussão primária é a internet e, em especial, as redes sociais) para as “mídias tradicionais” (amplificando a arena discursiva), em virtude dos debates que exaltam variados jogos de posição. De todo modo, salienta-se que “maternidade real” apresenta uma mobilização mais forte na esfera digital e nas formações discursivas que tratam a problematização da maternidade, conforme será observado no decorrer das análises das quatro propriedades da fórmula no próximo capítulo, ainda mais particularmente naquela que corresponde ao referente social.



## 4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DO *CORPUS*

*“Todo dizer é um movimento e, quando cristalizado, faz-se  
nó de uma rede – não um ponto final, não um ponto  
isolado, mas ponto nevralgico, lugar estratégico na  
dinâmica histórica que o institui e salienta.”  
(Ana Raquel Motta e Luciana Salgado, 2011, p. 5)*

Consoante todo o trajeto metodológico reproduzido no capítulo anterior para o levantamento e a delimitação do *corpus* deste estudo, a análise apresentada neste capítulo se debruça sobre os 61 textos a partir das quatro propriedades da fórmula, destacando-se, de cada agrupamento do Quadro 3, aqueles que melhor ilustram cada uma delas, independentemente da mídia da qual tenham sido extraídos, do gênero do discurso a que pertençam e do ano no qual tenham sido postos em circulação.

Mais especificamente, este capítulo encontra-se organizado em quatro partes, cada uma delas dedicada a uma propriedade da fórmula: o item 4.1, ao seu caráter cristalizado; o 4.2, ao seu caráter discursivo; o 4.3, ao seu caráter de referente social; e, o 4.4, ao seu caráter polêmico. No tópico 4.3, referente social, identificou-se a oportunidade de aprofundar um pouco mais a análise até então empreendida, de modo que dele se desdobrou o 4.3.1, relativo à análise do significado de espaço público.

### 4.1 Como se apresenta a “estabilidade” do sintagma “maternidade real”?

Neste estudo, o principal sintagma a revelar uma materialização relativamente estável é “maternidade real”. Conforme foi apresentado no item 3.1 do capítulo anterior, ao se efetuar a consulta no Google por meio do registro da expressão “maternidade real”, esse buscador digital contabilizou 26.200.000 ocorrências (Quadro 1). Ainda a respeito dos possíveis sintagmas cristalizados, também se pode estabelecer que, mesmo com uma menor irradiação, as variantes de “maternidade real” que foram encontradas são exemplos que atendem a essa prescrição, com as suas sequências que alternam entre a posição de “maternidade” e de “real”, ou seja, elas pertencem a uma mesma série lexical, mas com simples modificações morfosintáticas: “maternidade na real”, “real maternidade”, “maternidade da vida real”, “lado real da maternidade” e “mãe real”, tal como se verifica nos excertos destacados:

A autora é conhecida nas redes sociais por mostrar o **lado real da maternidade...** (NEGRÃO, 2020, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Menina cresce brincando de boneca e comigo não foi diferente. A gente troca fralda, dá papinha, banho. Lembro de ter até batizado uma boneca minha, mas a **maternidade da vida real é bem diferente** (ONGARATTO, 2017, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Termo '**mãe real**' tem sido usado nas redes sociais ... (ARPINI, 2019, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Conforme é possível observar, esses três exemplos apontam para a utilização das expressões “**lado real da maternidade**”, “**maternidade da vida real**” e “**mãe real**”, respectivamente, como variantes de “maternidade real”.

Ainda no que se refere ao caráter cristalizado da fórmula, dando continuidade a abordagens que não sejam “puramente formalistas”, Krieg-Planque (2010) permite identificar “formulações concorrentes da fórmula”, não em significante, mas em significado, ou seja, sequências que não se parecem morfologicamente com a fórmula – “formulações concorrentes” –, mas que funcionam como alternativas, como consta no seu próprio estudo (KRIEG-PLANQUE, 2000 *apud* KRIEG-PLANQUE, 2010), no qual se verifica que “purificação étnica” teria como correlato “limpeza étnica”.

Nessa direção, admitindo-se como data da sua suposta gênese o ano de 2011 – haja vista o registro encontrado no *blog* já especificado em 3.1 –, nos “primeiros anos” da expressão “maternidade real”, as alterações encontradas consistiam em pequenas variações. Com base no que o caminho metodológico permitiu verificar, foi somente a partir de 2016 que começaram a circular as sequências que são morfologicamente diferentes do sintagma original, mas cujo significado permaneceu, mantendo-se, pois, como variações que negam a romantização da maternidade – tais como “desromantização da maternidade”, “maternidade sem romantização”, “maternidade sem romantismo” e “maternidade sem romantismos” –, assim como outras formas que se utilizam da negação, da ruptura com o ideal – como em “idealização da maternidade”, “maternidade idealizada” e “mãe ideal”.

Nos três excertos a seguir, essas sequências estão identificadas:

É por isso que o Penteadeira aproveitou a chegada do Dia das Mães para fazer uma listinha de **influenciadoras digitais que falam sobre a maternidade sem romantismos...** (OND@WEB, 2018, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Existe um movimento legítimo de **mulheres que defendem** o direito de não ter filhos e **lutam contra a maternidade compulsória** ou a **romantização da maternidade** (IDOETA, 2019, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

O mais importante naquele espaço virtual é a **desconstrução do mito da mãe ideal**. "É reconfortante entender que ter **sentimentos negativos** é normal e se sentir acolhida", comenta (BESSAS, 2019, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Os termos utilizados, **“maternidade sem romantismo”**, **“romantização da maternidade”** e **“desconstrução do mito da mãe ideal”**, respectivamente, correspondem a sintagmas distintos, mas o seu emprego nos contextos em que se associam a **“dúvidas e dificuldades”**, **“busca de conforto para os dilemas”** em relação a uma fase **“tão desafiadora da vida”** (no excerto um), bem como a **“luta”** – e, mais especificamente, à **“luta”** contra a **“romantização da maternidade”** assinalada como equivalente semântico de **“maternidade compulsória”** (por meio do uso de “ou”, em **“maternidade compulsória ou romantização da maternidade”**, no excerto dois) –, assim como a **“desconstrução do mito”** e a **“sentimentos negativos”** (no excerto três), suscita o mesmo efeito de sentido: o de ruptura com os padrões que não são os verdadeiros. Tanto que, ao se pesquisar “real” e “romantismo” no Dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001), verifica-se uma intersecção de sentidos quanto à ausência de realidade, retratando-se mais o imaginário: no caso de “romantismo”, o sentido de **“atitude do que é desprovido de senso prático, de realidade; o que se deixa conduzir pela imaginação”** (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2472, grifos desta pesquisadora); no caso de “ideal”, **“relativo a ideias; que só existe no pensamento, 5. Modelo de perfeição ou excelência (que só existe na imaginação)”** (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 1564, grifos desta pesquisadora).

Avançando na direção dessa busca mais ampla, outro recurso que, de alguma maneira, reafirma a cristalização de uma fórmula, é o seu processo inverso, ou seja, a descricalização (também nomeada como “desvio”, “palimpsesto verbal” ou “locução neológica”), criado por “substituição ou por inserção (de uma unidade lexical ou de um morfema) em uma associação sintagmática que estava bloqueada” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 70). Mais uma vez, tomando-se como referência o estudo de Krieg-Planque, seria o correspondente a “depuração artística” e “limpeza étnico-culinária”.

Nesse mesmo viés, como desvio de “maternidade real”, foi encontrado o sintagma “paternidade real”, mas ainda com baixa circulação em *blogs* (entre os quais, “Blog Pai Mala”<sup>1</sup> e “Paizinho, Virgula!”<sup>2</sup>), em discussões no canal do YouTube e no Facebook (como em “Homem S/A”<sup>3</sup>), e também em revista especializada em parentalidade (“Pais & Filhos”<sup>4</sup>), como

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.paimala.com.br/>. Acesso em: 7 maio 2021.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://paizinhovirgula.com/>. Acesso em: 7 maio 2021.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/lojahomemsa/>. Acesso em: 14 maio 2021.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://paisefilhos.uol.com.br/>. Acesso em: 14 maio 2021.

demonstrado no próximo excerto, no qual a editora da revista apresenta os seus novos colunistas porque “o mundo mudou e está em constante transformação” (SERRA, 2021, *on-line*, grifos desta pesquisadora):

Thiago Queiroz, mais conhecido como Paizinho, Vírgula, questiona e discute o papel do pai na criação dos filhos. Com bom humor e firmeza, o educador parental pai de Dante, Gael, Maya e Cora propõe uma “Conversa de homem” para além dos estereótipos, com sugestões e caminhos para uma paternidade ativa. Beto Bigatti, pai de Gianluca e Stefano, publicitário, escritor e palestrante, também traz a própria experiência para falar sobre a **paternidade real**. A coluna “Fora dos Manuais” expõe o lado B de ter filhos, que fica escondido nas entrelinhas.

Conforme é possível observar pelo próprio contexto, o significado de “paternidade real”, no entanto, se distancia das densas questões político-sociais condensadas no sintagma “maternidade real”, geralmente empregado numa perspectiva crítica desse papel. Assim, esse neologismo “paternidade real” reflete mais os valores contemporâneos de uma paternidade realmente presente e afetuosa, inserindo o pai na criação dos filhos, em vez de mantê-lo apenas no tradicional papel de provedor da família, como consta na cartilha para pais sob o título “Como exercer uma paternidade ativa”, elaborada pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2018), e também no guia sobre esse tema mesmo tema elaborado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (HOGAR DE CRISTO; FUNDACIÓN CULTURASALUD; FONDO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA INFANCIA, 2014).

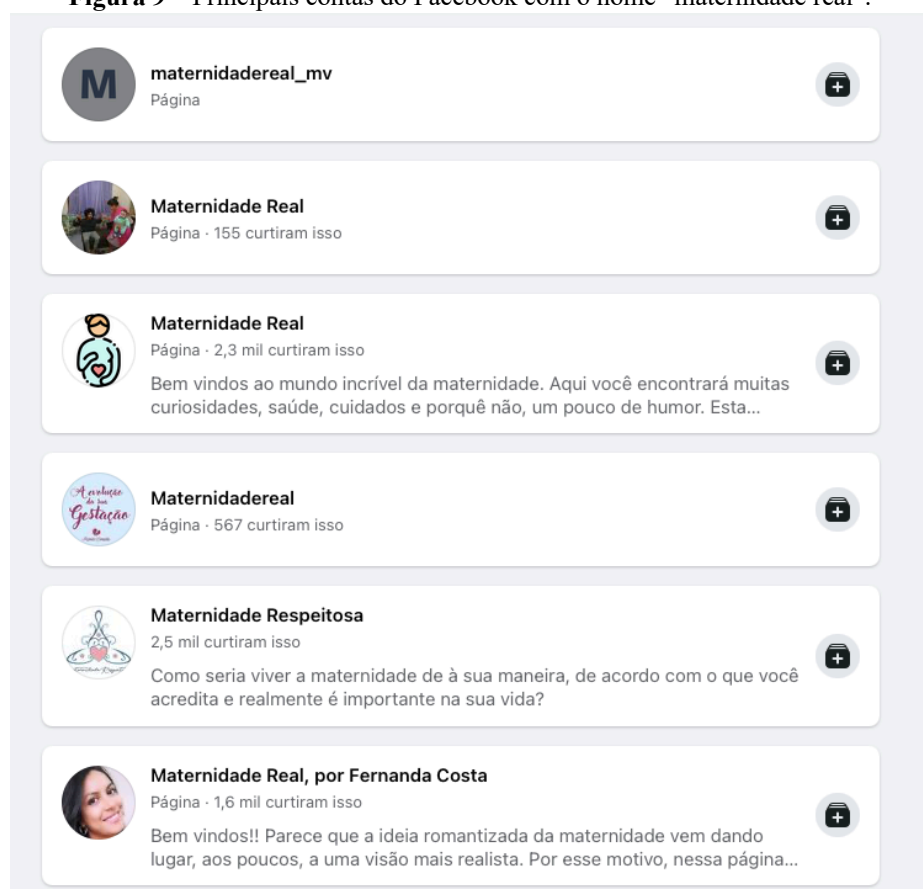
Por fim, uma outra característica da cristalização é a concisão, que se dá mediante um sintagma ou uma sequência que condensa um conjunto de sentidos, a exemplo do que se depreende da expressão “*I have a dream*”, que faz circular um complexo agrupamento de posições que são retomadas nos discursos que a enunciam. Assim, quanto mais a fórmula circula, mais o “seu poder aumenta”, havendo aí uma tendência à redução da expressão e à expansão do seu significado, autorizando ainda mais a sua circulação, como explica Krieg-Planque (2010, p. 71):

É a concisão que permite à fórmula circular, no sentido material do termo, é ela que permite à sequência ser integrada a enunciados que a sustentam, a incluem, a retomam, a reforçam, a reiteram ou a recusam. É a concisão que permite à fórmula ser reafirmada ou recusada em bloco, tornar-se parte integrante de uma argumentação.

Neste estudo, tomado o conjunto de variantes e paráfrases utilizadas com sentido similar ao de “maternidade real”, pode-se constatar, como explicação mais provável, que a expressão de maior dispersão consistiu na própria “maternidade real” pelo fato de ela ser mais concisa, mais simples do que as demais. Tanto assim que, ao serem analisados os títulos das chamadas

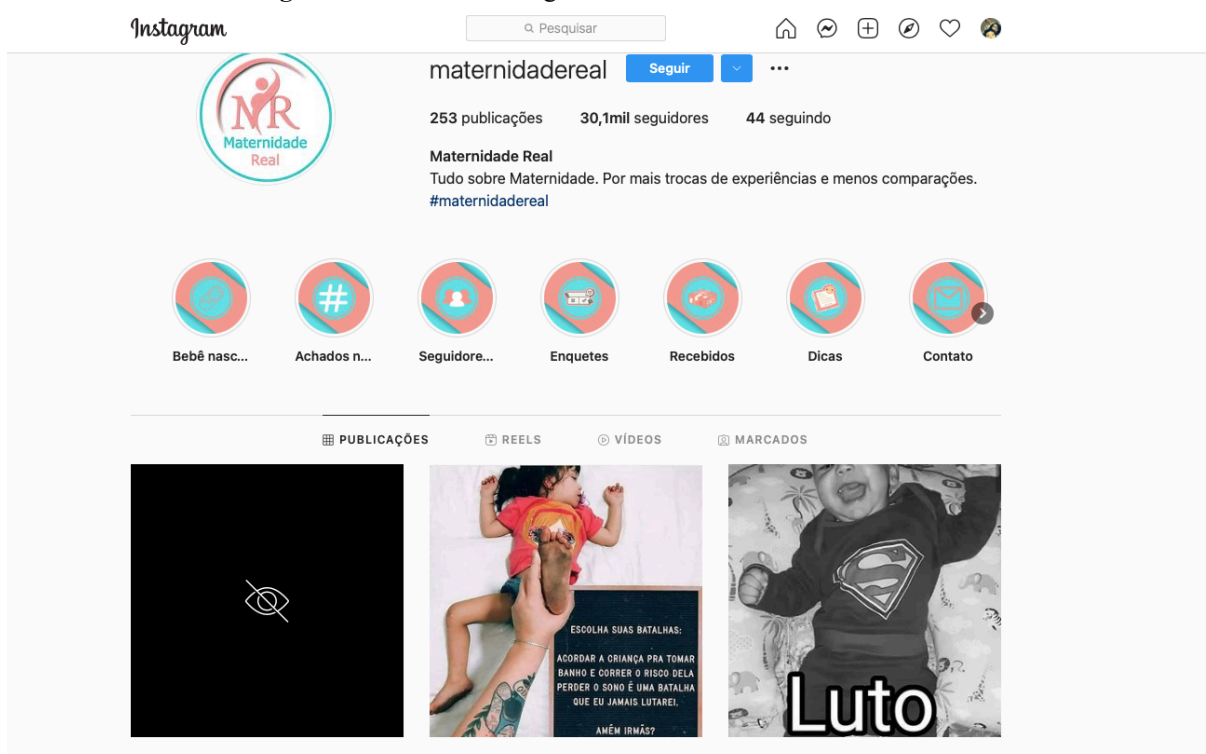
nos veículos midiáticos – tradicionais ou não –, observa-se que, dos 61 textos que compõem o *corpus* deste estudo, 40 deles têm no seu título a inscrição “maternidade real”, tal como assinalado no Quadro 5 em 3.1. Ademais, também se verifica a sua presença em nomes de *sites*, *blogs*, canais do YouTube e páginas do Facebook e do Instagram – estas últimas, retratadas nas Figuras 9 e 10, oriundas de duas mídias digitais que, como se sabe, não fazem parte do *corpus* deste estudo, mas que são reproduzidas a seguir para o avanço das reflexões acerca dos dados aqui trabalhados.

**Figura 9** – Principais contas do Facebook com o nome “maternidade real”.



Fonte: A autora, 2021, via ferramenta de busca do Facebook.

**Figura 10** – Perfil do Instagram com o nome “Maternidade Real”.



Fonte: Maternidade Real, 2021.

Diante do exposto neste tópico sobre a cristalização como primeira das quatro propriedades da fórmula, é possível concluir que o sintagma “maternidade real” preenche – em boa medida – os requisitos prescritos para tanto, uma vez que apresenta uma materialidade relativamente estável, tem dispersão e variantes que atuam sob as mesmas coerções de sentidos e, mesmo que de maneira incipiente, compreende uma descristalização, bem como uma concisão que, no todo, o levam a transitar em outros contextos.

Tecidas essas considerações, passa-se à análise da segunda propriedade da fórmula discursiva, na qual se verificará se o sintagma “maternidade real” se encontra inserido na dimensão discursiva.

#### 4.2 Com que discursos “maternidade real” dialoga?

No recorte do *corpus* desta pesquisa, foi possível depreender o sentido de “maternidade real” dialogando, principalmente, com o de “maternidade”, tomado como aquele já inscrito na memória dos indivíduos – tal como apresentado no primeiro capítulo desta dissertação –, transmitido por gerações de forma idealizada. Ou ainda, em conformidade com o que consta nos próprios textos que compõem esse *corpus*, como sendo o equivalente de “idealização da maternidade”, da “maternidade idealizada”. Nesse contexto, de acordo com o que também já se

observou, é que surge o posicionamento “maternidade real”, que problematiza a maternidade sem romper com um discurso carregado de história, mas já apontando brechas, “matizes outros”, ao formular indagações acerca *do status quo* da maternidade. Nessa direção é que, no Quadro 6, estão agrupados os seis matizes nas quais podem ser classificadas essas enunciações concorrentes em relação ao discurso sobre maternidade.

**Quadro 6** – Agrupamento dos seis matizes de posicionamento apreendidos dos 61 textos sobre “maternidade real”.

| Grupo | Matizes em relação ao discurso sobre a maternidade                                               |
|-------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1     | Questionamento da maternidade.                                                                   |
| 2     | Negação das narrativas ficcionais sobre maternidade.                                             |
| 3     | Humor como subversão do discurso da maternidade.                                                 |
| 4     | Coerção das mídias ao enunciarem sobre maternidade.                                              |
| 5     | Legitimação do discurso da maternidade e reconhecimento do posicionamento de “maternidade real”. |
| 6     | Possível ruptura com o discurso da maternidade.                                                  |

Fonte: A autora, 2021.

Nesse conjunto, o primeiro grupo é composto pelos textos nos quais as mães utilizam as plataformas digitais para questionar o *status quo* da maternidade, ao mesmo tempo que buscam criar uma rede de apoio entre si. Os dois exemplos a seguir foram extraídos de um *blog* e de uma postagem do Facebook, respectivamente:

Há algum tempo atrás recebi um email agradecendo o fato de eu **falar sobre maternidade** e carreira **de uma forma natural e possível** [...]. Então me pego a pensar: se o que eu sinto é o que muita gente sente, por que as pessoas comentam e agradecem por eu **livrá-las da culpa de não serem perfeitas**? Se no final das contas todo mundo faz o que xitas condenam, por que não **falamos sobre isso**, baixamos a nossa expectativa de perfeição para um nível de realidade e somos todas mais felizes? Então me veio a ideia: por que não fazer uma **blogagem coletiva sobre a maternidade real**? Que tal? **Será que alguém topa?** (PASSUELLO, 2011a, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

**‘Desafio NÃO aceito! Me recuso a** ser mais uma ferramenta para **iludir outras mulheres de que a maternidade é um mar de rosas** e que toda a mulher nasceu para desempenhar este papel. Eu **vou lançar outro desafio**, o desafio da **MATERNIDADE REAL**. De tudo o que as mães passam e as pessoas não dão valor, como se toda mulher já tivesse sido programada pra viver isso (NASCIMENTO, 2016, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Nesses dois excertos, pode-se observar as enunciadoras expondo a importância de exteriorizar os sentimentos sinceros sobre a maternidade: no primeiro fragmento, emprega-se “**falar sobre maternidade [...] de uma forma natural e possível**”; no segundo, há uma recusa ao desafio, pois se deseja romper com a dinâmica da construção da maternidade idealizada – “[...] **Me recuso a [...] iludir outras mulheres de que a maternidade é um mar de rosas**”.

[...]”. Ademais, pode-se depreender ainda a dificuldade de se problematizar esse tema a partir de uma ruptura mais incisiva com o discurso da “maternidade idealizada”, mediante o emprego do termo “**livrá-las**” (no primeiro excerto), como se as mães estivessem aprisionadas a um estereótipo materno, assim como também mediante a própria introdução “**Desafio NÃO aceito!**” (no segundo exemplo), em que essa negação é explicitada por meio do emprego do advérbio “**não**” em caixa alta, numa demonstração que se pode caracterizar como de rompimento com essa cadeia.

Nesses exemplos, nota-se também uma heterogeneidade discursiva sobre a maternidade, que abrange a culpa decorrente do questionamento acerca desses sentimentos maternos que “deveriam ser comuns” a todas as mulheres. Neles, contempla-se a importância de essas mulheres serem “honestas”, no sentido de não se “autoiludirem” e de não “iludirem” umas às outras a respeito dessa experiência de maternidade. Tanto que, ao final, as reflexões se configuram como um convite para que todas aquelas mães que se identificam com essas questões (no caso da terminologia empregadas nessas redes, as suas potenciais “seguidoras”), atravessadas pelos mesmos dilemas, se juntem a elas nessa ruptura ideológica de como uma mãe deveria ser, sentir e proceder em relação ao maternar.

Embora esse convite nem precise ser formulado como tal (isto é, nem precise ser obrigatoriamente explicitado, já que essa adesão por parte dos que se tornam “seguidores nas redes” se processa também “organicamente”, ou seja, em decorrência do seu próprio interesse, da sua própria identificação), o que se constata tanto no primeiro quanto no segundo excertos, que têm um intervalo de cinco anos entre si, é que esse convite e essa “provocação” são objetivamente manifestados como tal, em “**Será que alguém topa?**” e em “**Desafio não aceito!...E vou lançar outro desafio...**”, respectivamente, de modo que podem até mesmo ser pensados como um tipo de “militância *on-line*”, usando-se as redes sociais como suporte midiático. Nesses exemplos, importa ainda acrescentar que o sintagma “maternidade real” aparece como sendo o objeto central da discussão, por ser marcado com preposições, como em “Blogagem coletiva **sobre a** maternidade real” (na primeira passagem) e “Desafio **da** MATERNIDADE REAL” (no segundo).

Como última observação quanto a esse primeiro grupo, nota-se ainda que, ao enunciarem sobre a “maternidade real”, essas mães deixam de se inscrever num discurso recorrente da maternidade, ou seja, num conjunto de textos veiculadores de mensagens de cunho amoroso, solidário, altruísta e, até certo ponto, atravessado também por uma ideia de sofrimento, que atende à imagem de mãe já devidamente legitimada na sociedade, a quem “naturalmente” corresponde um tipo de discurso e um modo de dizer. Logo, ao passarem a

enunciar de outro lugar ideológico, essas mães causam “um estranhamento”, uma cisão com os discursivos que transitam no espaço público sobre a maternidade, instaurando, então – e de certo modo –, uma polêmica.

Passando ao segundo grupo de excertos categorizado, ele recorre à negação de narrativas fictícias idealizadas (que estão estabilizadas na memória da sociedade) como forma de ruptura com a metonímia da maternidade, a “maternidade idealizada”. Na ordem em que seguem, estes exemplos foram retirados de um *blog* e do *site* de um jornal:

**Criou-se um romantismo** desde muitos anos atrás sobre o **fato de ser mãe**, um **verdadeiro conto de fadas**, **escondendo** assim as dificuldades, as inseguranças e o stress que a **maternidade** trás para as mulheres [...] A **maternidade real tem dores, receios, impaciências** [...] (MACIEL, 2018, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Hoje, as mulheres têm uma consciência muito maior dos desafios que envolvem a maternidade, **não comprem mais a ideia de maternidade é aquele comercial de margarina, onde todo mundo é feliz, os filhos são perfeitos e as coisas acontecem facilmente**. Isso vem muito da **desconstrução** que nós mulheres estamos fazendo acerca desse papel” [...] Para Alessandra, poder conversar abertamente com outras mulheres sobre a **maternidade real** [...] (MELO, 2019, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Nos enunciados, pode-se perceber um novo posicionamento frente a não se esconder (“**escondendo**”, no primeiro exemplo) e a se **desconstruir** a maternidade (no segundo). No primeiro fragmento, é abordada a “**criação de um romantismo**”, “**um verdadeiro conto de fadas**” sobre ser mãe, ou seja, ambas expressões que remetem, interdiscursivamente, ao universo do imaginário – tanto a um universo mais feminino, como o dos romances, quanto a um mais infantil, no caso do conto de fadas –, corroborando a ideia de que, tal como foi sendo elaborada, a maternidade é algo do mundo da fantasia, do onírico. Por isso é que, ao final do primeiro excerto, a enunciadora exemplifica o que corresponde ao “universo do concreto” dessa “maternidade real” – “**dores, receios e impaciências**”.

Já no segundo fragmento, observa-se que a ênfase do discurso recai sobre a maior conscientização das mulheres, “**que não comprem mais a ideia de [que] maternidade é aquele comercial de margarina**”. Trata-se de um trecho que contém um encadeamento de elementos que explicitam no que consiste esse posicionamento da “maternidade real”: primeiramente, a compreensão de que maternidade é uma ideia (ou seja, mais uma vez, a concepção de maternidade como uma representação do plano mental); depois, a de que essa maternidade é uma ideia que as mulheres “**não comprem mais**”, justamente por corresponder a algo que não é natural, que requer um esforço; e, por fim, a especificação de que essa ideia (que já não mais é “comprada”) diz respeito a “**aquele comercial de margarina**”, retratado

por meio de uma construção publicitária que esse enunciador já considera socialmente consolidado. Daí o fato de não se referir a “um” comercial de margarina, mas a “aquele” – o qual pode ser facilmente acessado pela memória dos interlocutores a que se dirige.

Para aprofundar essa expressão “comercial de margarina”, visando ao refinamento da presente análise, recorrer-se-á ao conceito de “cena validada”, estabelecido por Maingueneau (2013). Segundo o autor, “A ‘cena validada’ não se caracteriza propriamente como discurso, mas como um estereótipo autonomizado, descontextualizado para reinvestimentos em outros textos” (p. 102), ou seja, são cenas que estão inseridas numa memória coletiva de determinada sociedade, sejam elas modelos que se valorizem ou se rejeitem. Neste caso, “comercial de margarina” faz referência às propagandas de margarina dos anos 1980 e 1990, notadamente, nos quais as marcas do seu universo simbólico retratavam famílias estruturadas em pai, mãe e filhos felizes, tomando café da manhã juntos ao redor de uma mesa farta e tendo ao fundo uma janela mostrando elementos campestres (cerca, gramado...), tal como demonstram os documentos do Centro de Memória Bunge (BANDEIRA, 2017).

Logo, conforme se pode facilmente inferir, tratava-se de uma outra realidade brasileira – estimando-se que, de fato, esse tipo de publicidade retratava uma amostra da realidade –, diferentemente daquela atual, a começar pelo próprio fato de que, hoje, as famílias já apresentam novas estruturas composicionais, com mães solo, pais separados, casais homoafetivos, etc. Além disso, a família toda tomando café da manhã configura um evento pouco usual, devido ao ritmo mais acelerado da pós-contemporaneidade, entre outros motivos possíveis. Tendo-se em vista não apenas a crise econômica que o país vem enfrentando nos últimos anos e da qual culmina uma queda no poder de consumo, como também o próprio fato de ele se constituir como uma república marcada por altos índices de desigualdade social, a mesa farta é outro elemento que se distancia do dia a dia real da maior parte da população brasileira. No mais, o fenômeno da urbanização também se contrapõe ao cenário de campo retratado ao fundo, que não é o mesmo avistado pela maioria dos moradores que tomam café da manhã nos seus lares.

Em vista desse conjunto é que o “comercial de margarina” se tornou uma referência de construção fantasiosa, ilusória, idealizada na cultura brasileira, consistindo precisamente aí a razão pela qual o ideal de maternidade é problematizado associadamente a esse tipo de propaganda. Portanto, uma propaganda reconhecidamente irreal no que diz respeito à construção social da maternidade para aquelas mães que já “adquiriram maior consciência” sobre essa realidade.

Na sequência, o terceiro matiz do posicionamento de “maternidade real” compreende o conjunto dos textos que recorrem ao humor como uma forma de subversão na tratativa do tema maternidade. Os dois exemplos a seguir foram extraídos de *sites* de notícia:

**Maternidade real, nua, crua e com muita leveza e bom humor.** Esse é o **espetáculo** “Mãe Fora da Caixa”, estrelado brilhantemente pela atriz e humorista Miá Mello (protagonista no filme *Meu Passado Me Condena*). [...] O público **ri e se emociona** com cada fase e dilema vivido por quem encara a tarefa mais incrível e difícil da vida: trazer gente pra esse mundo (NEGRÃO, 2020, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Helena Ramos (SP), mãe de Caetano, de dois anos e meio, **relata em vídeos** a “maternidade sem caô”, ou seja, **maternidade real** que ela (e nós, mães), vivemos [...] **sempre de maneira (muito) engraçada**, porque o **tsunami da maternidade** pede **leveza e risada**, acreditem (COUTO, 2016, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Nos excertos destacados, observam-se dois modos de se referir à “maternidade real”: “**nua e crua**” (no primeiro) e “**tsunami da maternidade**” (no segundo), expressões essas que remetem a coisas socialmente consideradas pouco positivas, ou mesmo a um lado menos favorável e até incômodo do assunto em questão. Todavia, a forma como essas expressões são aplicadas no contexto da “maternidade real” lhes confere um tom de brincadeira, derivando daí apreciações como “**com muita leveza e bom humor**” (no primeiro enunciado) e “**de maneira (muito) engraçada**” (no segundo).

Examinadas por Possenti (2018) em “Cinco ensaios sobre o humor e análise do discurso”, as enunciações que evocam o humor pretendem ser lidas de uma outra maneira, sendo essa uma condição que lhes permite tratar o que é sério de forma não séria – no caso, a problematização da maternidade, “**espetáculo**” (no primeiro exemplo) e “**relata[da] em vídeos**” (no segundo). Além disso, ao tomar como exemplos as piadas racistas e machistas, o estudioso explica também que se trata de “uma maneira de fortalecer discursos e comportamentos” (POSSENTI, 2018, p. 29). Assim, por meio do humor, tem-se que essas mulheres estão renormatizando a maneira de se encarar a maternidade. Nessa perspectiva, portanto, a “maternidade real” implica uma forma de tratar dessas dificuldades com “mais leveza”, com “menos culpa”, imprimindo graça, fazendo “rir”, ao contrário de mantê-la como um tema que, aparentemente, figuraria como chato. Daí o porquê de transformá-lo em um espetáculo de humor, como em “Mãe fora da caixa” (no primeiro excerto), e em vídeos de humor no canal do YouTube, como em “Maternidade sem caô” (no último).

No quarto agrupamento estão reunidos os textos que as mídias de jornais e revistas – via portais e *sites* – vieram noticiando a respeito desse “movimento”. Nele, devido às coerções aplicadas à produção desse tipo de gênero discursivo e tal como se verifica nos dois exemplos

a seguir, é possível observar tanto a filiação dessas mídias ao tradicional discurso de maternidade quanto o caráter de “novidade” conferido às notícias sobre esse posicionamento da “maternidade real”.

Ana é parte de um movimento crescente de mulheres que, **sem medo, compartilham** suas histórias e **falam sem tabu** da **maternidade real**, buscando dissociá-la de **ideias preconcebidas e idealizadas**. Afinal, ainda hoje tanto se fala do **paraíso de ser mãe** que, por vezes, pode parecer pouco o **padeecer** (BESSAS, 2020, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

A **maternidade real** [...] Nos últimos tempos houve um boom de mulheres contando na **internet** a realidade de suas vidas como mães. Desde canais no **YouTube ao universo da blogosfera**, as mães **criaram coragem para mostrar** aquilo que não é tão legal em sua **nobre e divina missão** (NARDI, 2017, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Nesses dois excertos, podem ser observadas a delicadeza e a dificuldade que é abordar o tema maternidade, pois os enunciadores lhe imprimem um efeito de sentido de um ato grandioso. Mais especificamente, ocorre que os enunciadores dessas mídias não estariam apenas apontando para o mero ato de se contar alguma coisa, mas, sim, para uma atitude política, um ato de resistência contra o ideal de maternidade naturalizado na sociedade, uma vez que empregam as expressões “**sem medo, compartilham**”, “**falam sem tabu**” (ambos no primeiro exemplo) e “**criaram coragem para mostrar**” (no último). Por meio desses registros, pode-se, então, depreender a existência de algo que, anteriormente a essas iniciativas, estava calado, privado, ocultado, cerrado. Ainda no primeiro excerto, o uso de “tabu” – em “**falam sem tabu**” – implica esse sentido de “proibição imposta por costume social” [HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p. 2654]. E, de alguma maneira, foi a internet que possibilitou essa forma “corajosa” de se expressar, sem que as mulheres se sentissem “reféns” desse “medo” ao passarem à desconstrução de um ideal enraizado socialmente. Em ambos os fragmentos, no entanto, também é possível notar alusões a expressões sobre a maternidade já consolidadas na sociedade: no primeiro excerto, “**padeecer [no paraíso]**”; no segundo, “**nobre e divina missão**”.

No quinto conjunto do Quadro 6 estão contemplados os textos que ajudam a corroborar a ideia quanto à dificuldade de se romper com o tradicional discurso da maternidade. Os dois enunciadores desse grupo são mães, e os espaços nos quais ambas enunciaram correspondem, respectivamente, ao portal Uol e ao *blog* Vida Materna.

Faz um tempo já que o termo e a hashtag “**maternidade real**” vêm sendo muito usado lá no Instagram. [...] Para falar a verdade, **eu tenho um pé atrás com statements (afirmações de visões ou fatos)** em geral. E, nesse caso da maternidade, não poderia ser diferente, porque, afinal, **há quem possa dizer então que eu não me enquadro dentro da tal “maternidade real”** ao olhar superficialmente as minhas postagens [...] Mas, **o que é essa maternidade real? É aquela onde tem mãe cansada, com olheiras e que perde a paciência de vez em quando? Filho que chora, que faz birra e que não quer comer o brócolis? Casa com chão para limpar e louça para lavar em ciclos sem fim? [...] Opa, mas isso tudo tem aqui também** — e aposto que aí é igual, não é? Acontece que algumas pessoas **vão mostrar esses momentos e outras não** — e **tá tudo bem** [...] (AMORIM, 2019, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Ando com **preguiça do mimimi de mães que vestiram a camisa** do que virou uma espécie de movimento batizado de “maternidade real”, e nunca mais tiraram. Um movimento que encontrou seu ápice agora, durante a quarentena, em que **as mães estão sendo obrigadas, “tadinhas”, a passar mais tempo com seus filhos**. [...] Então, **fico dividida entre dar gargalhadas/me identificar e achar um tanto infantil piadas com a tal da “maternidade real”, que se tornaram uma espécie de “modinha”**. [...]. Aos meus ouvidos, hoje, tem ganhado ares de “ladainha”, um **rosário de mães autorizadas a reclamarem constantemente de terem de abrir mão de seus prazeres** [...] O que nos empodera como mulheres é assumir o desejo próprio de ter filhos e as perdas que bancar esse desejo implica. **Palavra de mãe, que também se vira nos 30 e tem ataques de impaciência...** (SEMERENE, 2020, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Conforme se pode observar, essas duas enunciações apontam para uma não adesão ao posicionamento de “maternidade real”, ao mesmo tempo que há o reconhecimento do seu conteúdo. A esse respeito, chamam atenção, primeiramente, as marcas linguísticas que apontam para uma cisão de pessoas: o “eu”, em “**eu tenho um pé atrás**” e “**eu não me enquadro**” (ambos no primeiro excerto) e em “**me identificar**” (no segundo); e o outro, em “**há quem possa dizer**” (no primeiro), “**as mães que vestiram a camisa**”, “**seus filhos**”, “**seus prazeres**”, e “**nos empodera**” (no segundo). E também para uma divisão de espaço entre aquelas que reivindicam essa “maternidade real” e aquelas que não a reconhecem dessa maneira, que se distanciam dela. No primeiro grupo, elas estão “**lá no Instagram**”, usando-se aí o advérbio de lugar para situá-las, e se problematiza a sua definição de maternidade, em “**É aquela onde tem mãe cansada, com olheiras e que perde a paciência de vez em quando?**”, em oposição a um “**aqui também**” onde “**também tem tudo isso**”, no segundo grupo, usando-se o pronome demonstrativo e o advérbio, respectivamente.

Ademais, nesse conjunto de enunciados, verifica-se uma depreciação da própria expressão “maternidade real” ao se qualificá-la como “**statements (afirmações de visões ou fatos)**” (no primeiro excerto), e “**mimimi**”, “**modinha**”, “**ladainha**” e “**rosário de mães**” (no segundo), atribuindo-lhe um efeito de sentido do que não é representativo do “real”, mas, sim, o correspondente a uma falação enfadonha, “excessiva”.

A isso, soma-se a inclusão do pronome demonstrativo “tal” em “**a tal ‘maternidade**

**real”** e em **“da tal maternidade real”** (no segundo excerto), que carrega consigo uma conotação pejorativa ou mesmo desdenhosa (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001). No mais, acrescenta-se ainda o emprego das aspas no sintagma “maternidade real” em **“eu não me enquadro dentro da tal ‘maternidade real’”** (no primeiro excerto) e em **“fico dividida entre dar gargalhadas/me identificar e achar um tanto infantil piadas com a tal da ‘maternidade real’”** (no segundo), que ilustram o fenômeno enunciativo da modalização autonômica pela utilização das aspas (MAINGUENEAU, 2013), apontando para um discurso que não coincide com o que autor pensa, um discurso Outro que ele recusa avalizar, sinalizando aí o seu distanciamento.

Além do emprego dessas marcas linguísticas mencionadas, as enunciadoras em questão também assinalam a sua falta de afinidade com o sintagma “maternidade real” por meio de análises como **“há quem possa dizer então que eu não me enquadro”** (no primeiro excerto), **“ando com preguiça do mimimi de mães que vestiram a camisa do que virou uma espécie de movimento batizado de ‘maternidade real’, e nunca mais tiraram”** e **“fico dividida entre dar gargalhadas/me identificar e achar um tanto infantil piadas com a tal da ‘maternidade real’, que se tornaram uma espécie de ‘modinha’”** (no segundo). Além disso, elas também registram a sua não identificação com essa imagem estereotipada que estaria sendo mostrada nas redes sociais: de **“mãe cansada, com olheiras e que perde a paciência”** e de **“Filho que chora, que faz birra e que não quer comer o brócolis”** (no primeiro excerto), bem como de **“as mães [que] estão sendo obrigadas, ‘tadinhas’, a passar mais tempo com seus filhos”** e de **“mães autorizadas a reclamarem constantemente”** (no segundo). As enunciadoras afirmam que esses são acontecimentos comuns às suas vidas de mães, valendo-se, para tanto, do operador argumentativo “também” (KOCH, 2011) em **“tudo tem aqui também”** (no primeiro excerto) e em **“palavra de mãe, que também se vira nos 30...”** (no segundo). Nesse caso, o efeito de sentido produzido nesses enunciados é o de naturalização desses eventos e, por conseguinte, o da própria legitimação do discurso da maternidade.

Nesse sentido, entende-se que também seja possível considerar que esse posicionamento discursivo se configure como uma maneira de preservação da própria face, uma vez que essa seria a realidade peculiar à “natureza” de mãe – portanto, uma condição que, para essas enunciadoras, não precisaria ser exposta, uma vez que, em sendo dada a conhecer, revelaria um hiper-realismo das funções maternas e das suas consequências físicas e mentais para a mulher.

A polidez da face corresponde a uma teoria desenvolvida pelo sociólogo E. Goffman, para quem todo indivíduo tem uma face positiva (a imagem que ele exhibe para os outros na sociedade) e uma face negativa (um “território” particular de cada pessoa), sendo que “todo ato

de comunicação pode constituir uma **ameaça** para uma ou várias dessas faces...” (*apud* MAINGUENEAU, 2013, p. 42, grifo desta pesquisadora). Assim, infere-se que essas enunciadoras podem não ter querido que a sua face de “boas mães” fosse “ameaçada”; daí, pois, a conclusão (no segundo excerto) de que o “empoderamento” não estaria na exposição da realidade de mães que problematizam a idealização pela qual veem a sua vivência atravessada e com a qual querem romper: o “empoderamento” estaria no fato de a mulher “assumir” que foi ela própria quem desejou ter filhos e que a satisfação desse desejo de um lado implica perdas de outro.

Nessa direção, Krieg-Planque (2010) também discorre sobre essa faceta da fórmula, que permite rotular os seus enunciadores:

O fato de a fórmula ser coconstruída por um material linguageiro relativamente estável é igualmente necessário a seu funcionamento como lugar-comum do debate, como significante partilhado. Por seu caráter cristalizado, a fórmula se torna identificável, reconhecível e, conseqüentemente, pode funcionar como um índice de reconhecimento, que permite “estigmatizar” – positiva ou negativamente seus usuários [...] (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 74).

Por fim, no sexto e último dos matizes, pode-se apreender apenas um posicionamento que realmente rompe não somente com o tradicional discurso da maternidade, como também com os demais matizes do posicionamento da “maternidade real” já apresentados. Trata-se de um exemplo extraído do portal G1:

Maternidade real X Maternidade ideal [...] A linha não é nada tênue. Na verdade, são **dois extremos**: elas **amam incondicionalmente** seus filhos, mas, ao mesmo tempo, **odeiam ser mães**. Sofrem discriminação, porém, não mentem e **pedem compreensão**, empatia e principalmente: a **desmistificação da maternidade** (CAIXETA, 2017, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Nesse enunciado, tal como já antecipado, é possível identificar a dualidade da maternidade ao abranger “**dois extremos**”. Contudo, o emprego de “**odeiam ser mães**” remete a um novo discurso, mais objetivo, sem eufemismos sobre a maternidade – ou melhor, sobre a teia social em que ela se engendra, pois se pede “**desmistificação da maternidade**”.

Finalizada a análise dos matizes do posicionamento de “maternidade real” em relação à maternidade, chamou atenção desta pesquisadora o fato de que a maior parte dos 61 textos que compõem o *corpus* desta pesquisa também era acompanhada de uma composição imagética. Mais especificamente, 35 apresentavam a mesma composição imagética – em suma, a figura da mãe próxima dos seus filhos, conforme será explicitado mais adiante. Em relação ao demais 26, cinco não tinham imagem, seis apresentavam ilustrações e os outros 15 continham fotos

variadas – como cenas aleatórias (um casal, uma floresta...), o retrato somente da criança ou somente da mãe, a apresentação da colunista que escreveu a matéria.

Em vista dessas quantidades, vislumbrou-se a oportunidade de depreensão do *ethos* dessas figuras maternas, analisando-se a sua corporalidade com base nos seguintes elementos: compleição física, trajes e posturas que suscitam a sua representação social (MAINGUENEAU, 2020b). Lembrando que, a respeito dessa composição, a análise pretendida continua incidindo sobre a maternidade tomada na função de ser mãe, e não em qualquer tipo de apreciação acerca do amor materno em si (e/ou à existência de vínculo, etc.), tal como já assinalado nas considerações iniciais desta dissertação, e uma vez que a representação desse amor também está contida na constituição dos sentidos pretendidos por essas ilustrações, reproduzidas nas Figuras de 11 a 13.

**Figura 11** – Imagem reproduzida na publicação “Portais O Tempo e Super Notícia lançam coluna sobre maternidade”, do *site* do jornal O Tempo, em 2019.



Fonte: Da redação O Tempo, 2019.

**Figura 12** – Imagem reproduzida na publicação "As redes sociais e a maternidade real", do *site* Uaaau!, em 2019.



Fonte: Redação Uaaau, 2019.

**Figura 13** – Imagem reproduzida na publicação “O mimimi da chamada ‘maternidade real’”, da seção Colunas do site do jornal UOL, em 2020.



Fonte: Semerene, 2020.

Conforme é possível observar nessas três imagens, o enquadramento, em todas elas, retrata a parte superior do corpo dos modelos. Em todas, mães e filhos estão sentados, numa posição física aparentemente confortável. À exceção da Figura 12, na qual a mãe representada está trajando o uniforme de bombeira (indicando, portanto, a sua profissão), nas outras duas, as mães estão vestindo camisetas e calças, que são roupas mais casuais, corroborando, assim, essa impressão de conforto.

Ainda no que se refere à composição dessas figuras maternas, elas estão usando algum tipo de acessório – brinco, colar, pulseira e/ou relógio –, apresentando-se penteadas (no sentido de estarem com os cabelos alinhados; não necessariamente com penteados), mas não maquiadas, sendo esses aspectos que remetem a uma figura feminina delicada, mas sem excessos. Elas sorriem, e as suas feições inspiram serenidade.

No conjunto dessas características assim retratadas, o que se depreende de acordo com essa série de imagens é a representação de mães que estão se sentindo bem, que demonstram estar confortáveis nessa sua função. Assim como elas, os seus filhos, por extensão, também são retratados como bem cuidados/alinhados, trajando vestes confortáveis e exibindo um semblante feliz, suscitando um efeito de sentido de crianças saudáveis, de crianças cujas necessidades estão sendo supridas. O atendimento a essas necessidades, por sua vez, se dá mediante essa interação entre mãe e filho (e, na Figura 12, entre uma mãe e dois filhos) que também passa pela manifestação da afetividade por meio do contato físico: nas Figuras 11 e 12, ele se dá pela criança colocada no colo materna; na Figura 13, por meio das mãos que se seguram uma na outra, sendo a mão o membro humano mais representativo de cuidado e do próprio ato de acariciar. Essas, portanto, são interações que denotam uma relação de proximidade, de intimidade, permeada por carinho, amor e ternura. Nesse sentido, então, é que se pode depurar

o *ethos* de uma mãe carinhosa, de uma mãe atenciosa, constituindo, assim, a personificação do jeito de se vestir e de se comportar que seria comum a todas as mães. Em síntese, trata-se, pois, do estereótipo social segundo o *ethos* da boa mãe.

A esse respeito, mais especificamente, numa remissão ao que também foi registrado no segundo capítulo, essas representações imagéticas podem ser classificadas como um caso metonímico em que uma subcategoria – a da “boa mãe” – tem o seu *status* socialmente reconhecido como representante da categoria como um todo – o das mães em geral (LAKOFF, 1987). Logo, por mais que os discursos que elas veiculam envolvam a temática da “maternidade real”, o foco do seu questionamento está sobre o maternar, e não sobre a imagem da boa mãe.

Concluídas essas considerações, passa-se à análise da terceira propriedade da fórmula discursiva, na qual se verificará se o sintagma “maternidade real” atende à prescrição teórica de referente social.

#### 4.3 Qual a “notoriedade” de “maternidade real” na sociedade atual?

Acerca dessa condição de que a fórmula também se constitua como um signo “conhecido por todos”, tanto a trajetória metodológica no terceiro capítulo quanto a análise que vem sendo empreendida até aqui permitem constatar que o sintagma “maternidade real” circula em diferentes espaços, tais como nos grandes veículos de comunicação, nas mídias especializadas em parentalidade (como as revistas Pais & Filhos e Crescer) e nos veículos mais generalistas (como os jornais O Tempo, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo), entre outros. A grande dispersão da expressão, todavia, se encontra no universo digital, em *sites*, *blogs* e redes sociais.

Uma das hipóteses de que o sintagma em estudo se comporte como um referente social consiste no predomínio da sua aparição nos títulos das manchetes das matérias de jornais e de revistas, bem como nos títulos das outras mídias dos quais os enunciados que constituem o *corpus* deste estudo foram extraídos, como demonstrado no Quadro 5 em 3.1, em que 40 dos 61 textos selecionados apresentam o sintagma “maternidade real” no seu título. Também conforme assinalado nesse mesmo quadro, em seis desses 40 textos, a expressão se encontra apenas no título, não sendo explicitada no corpo da matéria, ou seja, ela se encontra contemplada no conjunto semântico que normalmente faz parte da sua aparição, mas não na enunciação, efetivamente. Uma possibilidade aventada para isso está na passagem em que, em “Frases sem Texto”, Maingueneau (2014, p. 103) faz menção ao próprio estudo de Krieg-Planque (2010, p. 103):

Essa atração da mídia pelas pequenas frases corresponde a sua evolução geral, que tende para os formatos mais curtos (artigos mais breves, pequenos quadros de todos os gêneros [...]) e para diagramações mais fragmentadas. Ela convém igualmente às mudanças no trabalho dos jornalistas, que dispõem cada vez de menos tempo: é mais fácil e rápido reproduzir uma expressão marcante em um discurso que ler o discurso inteiro e fazer um resumo [...].

“Maternidade real”, então, pode ser classificada como uma expressão marcante e que, para as mídias, pode conferir um poder de atrair a atenção dos coenunciadores, por conter em si “algo de inquietante”, capaz de reter a atenção.

Outro elemento sobre o emprego de uma fórmula nos enunciados das manchetes na imprensa é a sua utilização como uma marca particular de remissão ao mundo, que são as manchetes com estrutura composicional X dois pontos Y (“X:Y”), tal como explica Krieg-Planque (2010, p. 98-99):

A parte da esquerda (“X”) desse tipo de manchete, conforme escreveu Mouillaud, é um “enunciado referencial”: ela é seu pressuposto, remete a um mundo supostamente conhecido do leitor. [...] A parte da direita (“Y”) constitui o “enunciado informacional” da manchete: ela é posta no enunciado, o novo, o presumidamente desconhecido. É ela que, de certo ponto de vista, justifica a publicação do artigo: o enunciado informacional “pertence ao mesmo gênero que o artigo do qual ele representa um modelo reduzido. O enunciado referência “X” “mobiliza um suposto saber do leitor”. Seu “estatuto é das pressuposições”, em que “o que é pressuposto é a presença de certa unidade cultural” no entorno do jornal.

Tal estrutura composicional aparece nos 40 títulos do *corpus*, conforme demonstrado no Quadro 7.

**Quadro 7** – Estrutura composicional X dois pontos Y (“X:Y”) dos títulos sobre “maternidade real”.

| <b>“X” = mundo supostamente conhecido do leitor</b> | <b>“Y” = “enunciado informacional” da manchete, presumidamente desconhecido</b> | <b>Fonte da qual o título foi extraído</b> |
|-----------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------|
| Maternidade real:                                   | celebridades e anônimas desabafam sobre as dores e delícias de ser mãe          | ROCHA, 2019.                               |
| Maternidade real:                                   | a maternidade contada por mulheres reais                                        | OLIVEIRA, 2018.                            |
| Maternidade real:                                   | como lidar com a autocobrança                                                   | WENCESLAU, 2019.                           |
| Maternidade real:                                   | cinco tarefas insuportáveis da rotina de mãe                                    | MIL DICAS DE MÃE, 2020.                    |
| Maternidade real:                                   | delícias e desafios de ser mãe                                                  | OND@WEB, 2018.                             |
| Maternidade real:                                   | 13 matérias para pensar sobre o que é ser mãe                                   | MATERNIDADE REAL..., 2018                  |

Fonte: A autora, 2021.

Conforme é possível observar nesse quadro, a primeira coluna, que contempla a parte “X”, compreende o sintagma “maternidade real”, que, pela sua localização, funciona como um referente social, que pretende ser um pressuposto dessa unidade cultural. Na segunda coluna, a

parte “Y” introduz informações novas nessa temática, sendo presumidamente desconhecido o que se deseja apresentar. Nessa mesma coluna, mais especificamente, os dois primeiros títulos se detêm, em linhas gerais, sobre a ação de falar a respeito da maternidade – respectivamente, as mães “desabafam” e “contam” na primeira e na segunda manchetes (OLIVEIRA, 2018; ROCHA, 2019) –, enquanto os últimos tratam mais da questão da maternidade em si, das dificuldades encontradas nessa nova rotina e da autocobrança das mães (MATERNIDADE REAL..., 2018; MIL DICAS DE MÃE, 2020; OND@WEB, 2018; WENCESLAU, 2019).

Ainda no que diz respeito aos títulos, pode-se capturar a propriedade de referente social de um sintagma com possibilidade de ser alçado à condição de fórmula por meio da sua retomada e difusão por intermédio de pessoas públicas. Como exemplo, Krieg-Planque (2010) se refere à pesquisa de Fiala e Ebel quanto às sequências “influência e superpopulação estrangeira” e “xenofobia”, transformadas em referentes sociais na Suíça Francesa nos anos de 1960 a 1980 e retomadas no centro do debate público francês em 1996, em especial, pela enunciação da famosa atriz francesa Brigitte Bardot sobre o drama que os carneiros sofrem nas cerimônias de *aïd el-Kebir* e a “superpopulação estrangeira” (referindo-se ao aumento da população muçulmana na França e, conseqüentemente, ao aumento das suas tradições islâmicas, como o sacrifício de carneiros na cerimônia citada). Assim, tem-se que a fórmula preexistia, mas, por meio da sua utilização por uma pessoa pública, ela voltou a estar no foco de discussões.

A exemplo do que foi ilustrado pela autora, também se verifica esse papel das personalidades na irradiação do sintagma ora em estudo, depois de algumas celebridades começarem a expor o seu posicionamento a esse respeito, navegando na discursividade que engloba a “maternidade real” – o que acabou por tornar essa expressão mais interessante para as mídias, tal como demonstram os dois excertos a seguir.

Mãe de duas meninas, **Samara Felippo usa o Instagram para dar dicas às mães e mostrar sua maternidade real**. Nesta publicação, a atriz fala sobre a realidade de muitas mulheres: a solidão (MULHER, 2019, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Desde que **Giselle deu à luz Pedro, muitas mães seguem seu perfil para acompanhar seu diário de puerpério**. Na quarentena, não vem sendo diferente: dezenas de mulheres compartilham experiências sobre a **maternidade real** nas publicações da atriz (REDAÇÃO O ESTADO DE S.PAULO, 2020, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Conforme se observa, esse conjunto de enunciados retrata as atrizes Samara Felippo e Giselle Itié, agora contempladas enunciando e irradiando os discursos que envolvem a “maternidade real”, consoante a cobertura midiática: **“Samara Felippo usa o Instagram para**

**dar dicas às mães e mostrar sua maternidade real**” (no primeiro exemplo) e **“Giselle deu à luz Pedro, muitas mães seguem seu perfil para acompanhar seu diário de puerpério”** (no segundo). Assim, a exemplo de Brigitte Bardot em relação às sequências “influência e superpopulação estrangeira” e “xenofobia” que ela trouxe ao centro do debate público francês em 1996, essas atrizes famosas nacionalmente emprestam a sua fama e a sua condição aos novos discursos sobre a maternidade – sobre a “maternidade real” –, conferindo-lhes mais visibilidade nos espaços midiáticos e, portanto, alcançando um público ainda mais potencialmente heterogêneo.

Em relação ao seu papel social, Maingueneau (2020a) expõe uma modalidade específica da delegação da fala de personalidades como essas, tratando-as como “porta-vozes”, que são locutores que se colocam como portadores de uma causa com o propósito de dar voz e de amplificar a voz dos que não têm voz em uma esfera superior. Nas palavras do próprio autor, o porta-voz “pretende se apoiar em uma *inspiração* de ordem ética, e frequentemente sem que aqueles que são defendidos lhe tenham solicitado” (MAINGUENEAU, 2020a, p. 123). A esse respeito, o estudioso francês propõe três subclassificações dos tipos de figuras que encarnam o porta-voz, distinguindo, primeiramente, o “porta-voz afiliado” (caso de figuras integradas a uma determinada organização, como os membros de um partido político), depois, o “porta-voz carismático” (que não necessariamente pertence ao grupo dos sem-voz que representa, mas que empresta o seu carisma à causa), e, em terceiro lugar, o porta-voz que está, de alguma maneira, próximo dos sem-voz.

No caso das celebridades que colocam o discurso da “maternidade real” em circulação nas mídias, estima-se que essas figuras corresponderiam a um híbrido entre o “porta-voz carismático” – dado se valerem da sua influência como forma de atrair os holofotes da mídia – e o porta-voz que está próximo dos sem-voz – dado elas serem mães que também se enquadram com legitimidade nessa condição de porta-vozes e, portanto, por estarem filiadas a essa causa que desejam propagar e que envolve também um sem-número de mulheres anônimas

Outra característica da propriedade de referente social consiste no fato de que, além de ser um signo reconhecido por todos, ele “deve ser atestado em tipos variados de discurso, tanto orais, quanto escritos, especializados e leigos... só são fórmulas se saem do seu domínio para invadir o corpo social” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 95). Nesse sentido, para ser fórmula, “Num dado momento, todo mundo é obrigado a se situar em relação a essas fórmulas, fazê-las circular de uma maneira ou de outra, lutando para impor sua própria interpretação” (MAINGUENEAU, 1991, p. 85 *apud* KRIEG-PLANQUE 2010, p. 96).

Aplicando-se esse preceito à “maternidade real”, tem-se que a expressão se encontra

cristalizada em diversificados meios, tal como se pôde constatar durante a primeira etapa do percurso metodológico reproduzido no capítulo anterior. Assim como já se antecipara na primeira linha do Quadro 2 – quadro que sintetiza todos os procedimentos adotados e os resultados obtidos por meio de cada um deles –, uma pesquisa mais abrangente do Google já havia sido o bastante para se chegar à conclusão de que “maternidade real” circulava não apenas como produto da internet circunscrito ao suporte digital (como no caso de redes sociais, *blogs*, *sites*, canais do YouTube, *podcasts* e palestras em TED Talks), mas também como expressão alçada para outros suportes, posta em circulação por meio de variados gêneros discursivos (como livros, filmes, séries, peças de teatro, documentário, publicações acadêmicas, cursos, exposição, tema de bloco de carnaval de rua, jornal televisivo em tevê aberta e programa de tevê em canal pago).

No Quadro 8, oportunamente, encontram-se registrados esses resultados relativos à primeira etapa do percurso já mencionado e, agora, recuperado a fim de que essa cristalização da expressão em meios diversos – analógicos e digitais – possa ser verificada.

Quadro 8 – Cristalização da expressão “maternidade real” em diversos meios – digitais e não digitais.

| DENTRO DO UNIVERSO DIGITAL |                                                             | FORA DO UNIVERSO DIGITAL |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|----------------------------|-------------------------------------------------------------|--------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Gênero                     | Exemplo(s)                                                  | Gênero                   | Exemplo(s)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <i>Redes sociais</i>       | Perfis e páginas em Facebook, Instagram e Twitter.          | <i>Livros</i>            | No <i>site</i> Canguru News, encontra-se uma matéria intitulada “8 livros sobre maternidade real que você precisa ler” (CANGURU NEWS, 2020), entre os quais constam “Mamãe Coach”, de Lorraine Tomas, e “Maternidade e encontro com a própria sombra”, da psicoterapeuta familiar Laura Gutman.                                                                                                                 |
| <i>Blogs</i>               | Como “Mãezona no blog” e “blog.maternidade real”.           | <i>Filmes</i>            | Uma matéria do Estado de São Paulo (HONORATO, 2019) recomenda, ao final, “VEJA TAMBÉM: Filmes, séries e canais no YouTube que falam sobre ‘maternidade real’”, citando duas séries da Netflix que retratam a vida atribulada das mães – “Turma do Peito” e “Super Mães” – e um filme que conta a história de uma mãe que acaba de ter o seu terceiro filho e que sente o peso de todas as atividades – “Tully”. |
| <i>Sites</i>               | Como “Real maternidade” e “Macetes de Mãe”.                 | <i>Peças de teatro</i>   | O espetáculo “Mãe fora da Caixa” recomendado pelo <i>site</i> SP para crianças e que o apresenta como “Maternidade real, nua, crua e com muita leveza e bom humor” (NEGRÃO, 2020).                                                                                                                                                                                                                              |
| <i>Canais do</i>           | Como “Maternidade Real, tudo aquilo que ninguém te conta” e | <i>Documentário</i>      | “Parent in Science”, que discute as dificuldades das mães no universo acadêmico devido ao acúmulo de                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |

|                  |                                                                                                                                         |                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>YouTube</i>   | “Labo B do maternar – Maternidade real”.                                                                                                |                                         | funções, e “De Peito Aberto”, que “traz maternidade real, com choro e cocô” (MONTEIRO, 2019).                                                                                                                                                                                                                    |
| <i>Podcasts</i>  | Como “Sinuca de Bicos: um <i>podcast</i> que mete o bico na maternidade real. Desafios, diversidade, empatia e humor em uma tacada só”. | <i>Publicações acadêmicas</i>           | Apresentação em evento de Sociologia intitulada “#MaternidadeReal: conteúdo impróprio” (TROTТА, 2016) e tese transformada em livro sob o título ““(Re)Construir a maternidade numa perspectiva discursiva” (FIDALGO, 2003).                                                                                      |
| <i>TED Talks</i> | “Hel Mother: Maternidade real   Helen Ramos   TEDxSãoPauloSalon (HEL MOTHER..., 2017)                                                   | <i>Cursos</i>                           | “S.O.S maternidade real: crescer lança curso <i>on-line</i> com especialistas”.                                                                                                                                                                                                                                  |
|                  |                                                                                                                                         | <i>Exposição</i>                        | “Maternidade Real”, do projeto social de Benguí em Belém.                                                                                                                                                                                                                                                        |
|                  |                                                                                                                                         | <i>Tema de bloco de carnaval de rua</i> | O tema do bloquinho Tindôtetê de carnaval de rua em São Paulo de 2017 foi “Maternidade Real”.                                                                                                                                                                                                                    |
|                  |                                                                                                                                         | <i>Jornal televisivo em teve aberta</i> | Série de reportagens em jornal da TV Record sobre maternidade, intitulada “Maternidade Real”, sobre os desafios encontrados na maternidade.                                                                                                                                                                      |
|                  |                                                                                                                                         | <i>Programa de tevê em canal pago</i>   | Em 22 de novembro de 2018, tema de discussão no programa Saia Justa, do canal de TV paga GNT: “O tema de hoje é Maternidade Real! As 'saías' receberam Fernanda Rodrigues para contar sobre o livro ‘Meu Jeito de Ser Mãe’ (recém-escrito pela apresentadora) e falaram sobre suas experiências nesse universa”. |

Fonte: A autora, 2021.

Mesmo com essa irradiação nos variados gêneros assinalados no Quadro 8, o que ainda se constata é que, no que se refere à cristalização de “maternidade real”, a sua maior dispersão tende a ser nas categorias do discurso digital. Ademais, independentemente da sua superfície discursiva, todos esses enunciados – à exceção do jornal exibido pela TV Record – convergem para mídias mais periféricas, ou seja, sem grande alcance, com baixa visibilidade, como revistas especializadas, peças de teatro e TED Talks. Além disso, outra constatação importante é de que todos eles permanecem circunscritos na comunidade discursiva que trata do tema “maternidade real”, ou seja, não refletem o postulado por Fiala e Ebel, que, ao dizerem que “Überfremdung” e “xenofobia” são referentes sociais, entendem que, “nos anos 1960-1980, qualquer locutor, individual ou coletivo, sabia ou pretendia saber o que ‘significam’ essas fórmulas” (FIALA; EBEL, 1983, p. 174 *apud* KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 53).

No mais, ainda a esse respeito, surgiram algumas questões específicas acerca do principal espaço de circulação do sintagma ora estudado, bem como sobre as razões pelas quais

“maternidade real” não seria tão promovida e amplificada nas mídias tradicionais generalistas (como rádio e telejornais), mas, sim, nos espaços digitais (como nas redes sociais, em *blogs*, revistas virtuais e *podcasts*). Em vista disso, para o aprofundamento dessa reflexão suscitada durante a própria análise, deste tópico foi desmembrado mais um item específico (o 4.3.1), antes de se passar à análise da quarta propriedade da fórmula.

#### 4.3.1 De referente social a espaço público

Conforme já foi assinalado no segundo capítulo desta pesquisa – mais precisamente, em 2.2 –, no que tange aos principais meios destacados por Krieg-Planque (2010) para o fenômeno da publicização, o da internet mostrava-se, na época, ainda periférico. No caso deste estudo, no entanto, observa-se que são muitos os atos e atores que constituem os procedimentos de publicização, os recursos para se chegar ao espaço público. Inclusive, ao que tudo indica, a própria gênese provável do objeto de análise desta dissertação se deu por meio de dispositivos e formatos de comunicação virtual, publicando-se um convite em um *blog* para se discutir sobre o tema “maternidade real” e, posteriormente, refutando-se o convite de uma rede social para que fossem promovidas as delícias da maternidade, tal como já registrado no capítulo anterior, em 3.1 – o que “leva a relativizar mais ainda a contribuição das grandes mídias de massa para a produção e a circulação da fórmula” (KRIEG-PANQUE, 2010, p. 121).

De qualquer maneira, por mais que existam indícios das mudanças que vêm ocorrendo nos hábitos midiáticos na sociedade pós-contemporânea, as noções de “espaço público” e “publicização” apresentadas no livro-referência desta pesquisa para alçar um sintagma ao *status* de fórmula (KRIEG-PANQUE, 2010) não compreendem a fragmentação que a internet conferiu às formas de contato de informações – a “pluralidade de espaço”. Assim, em conformidade com essa teoria, ainda se deve levar em consideração que as mídias tradicionais continuam garantindo a “difusão da sequência em várias áreas do espaço público”:

Para constituir um referente social, a fórmula precisa ser posta em circulação no espaço público por meio de uma publicização que é assegurada, em boa medida, pela imprensa, pelo rádio e pela TV generalistas. O estudo dos discursos produzidos e reproduzidos por essas mídias é, então, uma passagem obrigatória em uma análise que visa precisamente atestar a existência da fórmula como referente social (KRIEG-PANQUE, 2010, p. 116).

Realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM), a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (COMUNICAÇÃO, 2015), que objetiva propiciar um panorama quanto aos hábitos midiáticos da população brasileira, revela que,

apesar da televisão – seguida pelo rádio – ainda configurar como o principal veículo de comunicação utilizado no Brasil, os brasileiros passam mais tempo navegando na internet do que assistindo à tevê. Trata-se de 4h59min durante a semana dedicados à internet contra 4h31min diante da tevê.

Embora a diferença de tempo seja ainda pequena, fato é que ela aponta uma tendência. Além disso, é preciso levar em consideração que esses dados são de 2015, pois, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), em 2018, de cada quatro brasileiros de 10 anos de idade ou mais, três tinham aparelho de telefonia móvel, sendo que, destes portadores de celular, 84,4% tinham acesso à rede por meio deles (TOKARNIA, 2020). Já um levantamento do Comitê Gestor da Internet no Brasil (EM MOVIMENTO, 2018) mostra que, nesse mesmo ano, o brasileiro passava 9h14min navegando na internet diretamente, ou seja, em 2018, o brasileiro passava mais de 1/3 do seu dia no mundo virtual – um grande aumento em relação aos dados de 2015.

Esse novo cenário de fragmentação midiática leva a questionar o que seria a “publicização” e o espaço público na era da internet 2.0 e, portanto, a se aventar a possibilidade de se repensar o conceito de referente social.

Além disso, pensando a respeito da natureza do espaço digital, sabe-se da existência de mecanismos que, de alguma maneira, direcionam a dispersão dos discursos na rede – no caso, os algoritmos, isto é, uma série de códigos baseados em inteligência artificial ou, mais especificamente, “sequências de instruções que permitem a solução de problemas. Na internet, eles permitem resolver o problema do tratamento de informação, procurando-a, processando-a, classificando-a, hierarquizando-a, etc.” (PAVEAU, 2021, p. 39). Esses algoritmos apreendem o interesse de cada usuário (como as páginas de *sites* pelas quais ele transita, as redes sociais que frequenta, o que curte e o que não curte nessas redes sociais, que tipo de material ele geralmente compartilha) e, a partir desses dados, sugerem-lhe muito mais desses conteúdos, uma vez que, por meio do histórico avaliado quanto ao seu padrão de navegabilidade na rede, são capazes de antecipar o que poderá ser considerado potencialmente mais relevante para esse usuário, segundo os seus próprios interesses. Tem-se aqui, segundo Paveau (2021), o conceito de “identidade calculada” postulado por Fanny Georges, referindo-se à parte automática, não controlável da identidade digital de cada pessoa.

Esse comportamento da inteligência artificial – que envolve reconhecimento, captura e disseminação de conteúdo –, a seu tempo, resulta, entre outros fatores, na formação de “bolhas” criadas ao redor dos internautas, que passam a ter acesso somente ao que é do seu interesse, de modo que o restante das informações com as quais eles já não têm tanta familiaridade (ou, ainda, com as quais não tenham familiaridade alguma) acaba ficando relegado a segundo e até mesmo a terceiro plano.

Em vista desses esclarecimentos é que, aqui, levanta-se a possibilidade de que a circulação do sintagma “maternidade real” – e, conseqüentemente, dos discursos que o veiculam – esteja transitando entre as pessoas que já demonstram interesse por esse tema ou por meio de algum conteúdo que lhe seja correlato. Em outras palavras: dado que o seu principal meio de publicização é a própria internet, aventa-se, sim, a possibilidade de que a circulação do sintagma esteja circunscrita a essa “bolha” de assuntos maternos, dificultando, assim, o caminho para a sua maior irradiação.

De todo modo, tomando-se a análise do sintagma “maternidade real” sob o enquadramento de referente social relativo à terceira propriedade da fórmula, foram observados vários indícios da sua pertinência, por meio da sua presença em título de matérias, assim como por meio da mobilização de porta-vozes e da sua dispersão em variados gêneros. Todavia, o sintagma ainda figura condicionado a uma mesma comunidade discursiva, como consta no item 3.2, circulando principalmente no meio digital.

Concluídas essas e, portanto, as considerações acerca de todo o terceiro item deste capítulo, passa-se à análise da quarta e última propriedade da fórmula discursiva, na qual se verificará se o sintagma “maternidade real” atende à prescrição teórica de caráter polêmico.

#### **4.4 Quais são as disputas de sentido de “maternidade real”?**

Conforme já foi antecipado, a polêmica corresponde ao quarto caráter constitutivo de uma fórmula, referindo-se a uma gravidade, ao “peso social” do qual a fórmula se constitui e que é revelado nas respostas que os seus atores obtiveram frente ao posicionamento da sua enunciação.

Assim, “é porque se impõe que ela faz tanto barulho” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 56), sendo esse um “barulho” que foi identificado no emprego de “maternidade real” logo no início da sua circulação, tal como já exposto em 3.1 no capítulo metodológico, quando Juliana Reis, então reportada como dona de casa, contesta o desafio da maternidade e, na arena de discussão, insere outro posicionamento sobre essa função (o “desafio da maternidade real”),

obtendo a suspensão da sua conta pelo Facebook como resposta à sua iniciativa – nesse caso, a resposta ao “barulho” resultou num silenciamento. E o desenrolar desse fato culminou num outro “barulho” que, por sua vez, gerou uma nova resposta: a repercussão da notícia em vários meios midiáticos e, até mesmo, em material para estudo científico. Já ao enunciarem a rede semântica que envolve as discussões sobre “maternidade real” no seu Instagram e no seu canal do YouTube, Thaiz Leão ([2021]) e Helena Ramos (2017) (blogueiras do Mãe Solo e do Hel Mother, respectivamente) se instauraram num outro local de enunciação. Em relação a ambas, as respostas obtidas em relação às suas postagens fizeram com que as suas histórias de vida mudassem de rumo, tal como explica Thaiz Leão em entrevista à revista Tão Feminino:

Eu comecei a sentir o impacto do conteúdo desde o começo, era muita identificação, não dava para ficar indiferente à situação das mulheres que foram se aproximando [...] Eu nunca imaginei que ia acabar virando uma subcelebridade do universo materno, mas a vida tem dessas ironias (COUTO, 2016).

Assim, ao manifestarem o seu posicionamento discursivo quanto à “maternidade real”, essas três mães – Juliana Reis, Thaiz Leão e Helena Ramos –, em níveis e direções distintas, problematizaram a maternidade, fazendo com que emergisse – ainda tímido – outro posicionamento acerca desse tema tão cristalizado na sociedade. Além disso, frente à ressonância dessas três enunciações, como a suspensão da conta de Juliana Reis no Facebook (e as repercussões relativas a esse evento) e a mudança no rumo das vidas de Thaiz Leão e de Helena Ramos (ambas alçadas a “subcelebridades”), pode-se observar aí um certo grau de polemicidade, por se colocar em jogo algo “grave”, tal como assim o registra Krieg-Planque (2010, p. 100): “a fórmula põe em jogo algo grave... ela põe em jogo a existência das pessoas”.

Ainda seguindo a estudiosa, outros elementos devem ser levados em consideração ao se analisar a suposta dimensão polêmica de uma fórmula. Nesse sentido, importa, primeiramente, avaliar o sintagma em si, ou seja, a disputa de significados que a injunção da palavra “maternidade” com o adjetivo “real” evoca. Isto porque um ponto interessante sobre adjetivação é que “o adjetivo denominativo é o lugar de uma ambiguidade por meio da qual se deixa à apreciação de interpretações diversas a natureza da relação que se estabelece (ou então que, exatamente, não se estabelece) entre o nome subjacente ao adjetivo e o nome regente” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 78). E, tanto no caso do sintagma “maternidade real” quanto no caso das suas variantes, além de possuírem essa “estrutura privilegiada” – como a caracteriza a própria autora –, verifica-se que eles também são uma criação neológica, favorecendo, assim, as múltiplas ambiguidades, justamente por se tratar de uma expressão nova.

Buscando-se no Dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009) os sentidos já estabilizados acerca de cada um dos termos, encontram-se: “maternidade: 1. Estado, qualidade de ser mãe” (p. 1868); “mãe: 1. Mulher que deu à luz, cria ou criou um ou mais filhos; 3. *p. ext.* pessoa que dispensa cuidados maternos, que protege, que dá assistência aos necessitados; *p. ext.* pessoa ou entidade infalível em dar ajuda quando precisam dela” (p. 1809); e “real: 1. que existe realmente, verdadeiro 2. que não é falso, ilusório ou artificial” (p. 1616).

Conforme é possível observar a partir dos registros assinalados, a palavra “maternidade” está intrinsicamente ligada à palavra “mãe” e, portanto, ao seu significado direto, que é o de criar os filhos, tanto no sentido de gerar quanto no sentido de educá-los, como também no sentido que lhe é atribuído por extensão, de pessoa que cuida, que protege, que é infalível, ou seja, eficaz. Nesse contexto, como efeito de sentido, o substantivo feminino apresenta altruísmo, abnegação, entrega. Já o adjetivo denominativo “real” significa o que é “verdadeiro”, e a sua enunciação já implica a própria explicitação do discurso Outro ao qual ele se opõe, isto é, daquilo que é falso, utópico.

Por meio dessas considerações é que se verifica que o neologismo “maternidade real” já nasce instaurando-se num quadro relativamente problemático, pois está qualificando a maternidade a partir da comparação com uma outra maternidade – a “maternidade irreal”, “fictícia” ou, como é também enunciada, a “maternidade idealizada”, “romantizada”. Tanto, que alguns títulos de matérias e de *posts* explicitavam esse debate, evidenciando esse jogo de posições entre as duas concepções de maternidade, a exemplo de “Maternidade real x Maternidade ideal: reflexões e dicas!” (ALVES, 2018) e de “Maternidade real x Maternidade idealizada” (MACIEL, 2018). Por meio do emprego do “x” como equivalente de “*versus*”, eles assinalam o embate entre esses dois posicionamentos, como se correspondessem mesmo a uma batalha, a um jogo de significados, evidenciando a sua competição.

Outra faceta da dimensão polêmica são os variados procedimentos discursivos e metadiscursivos que contribuem para que a fórmula sirva de desígnio político, como neologismo de sentido, neologismo e forma, reivindicação, repúdio, retorção e reformulação, entre outros (KRIEG-PLANQUE, 2010). Em relação à metadiscursividade, trata-se de um procedimento que faz com que a palavra circule com variadas tentativas de significados, de modo que, por se discutir a respeito do termo, os atores do espaço público começam a debater sobre ela, questionando e buscando estabelecer um significado para a expressão.

Acerca desse fenômeno, Krieg-Planque (2010) o ilustra ao estudar o sintagma “*exclusion*”, que circulou na França nos anos 1990 e se inscreveu em três momentos polêmicos que questionavam a sua denominação. No primeiro deles, a palavra designa “mal”; no segundo,

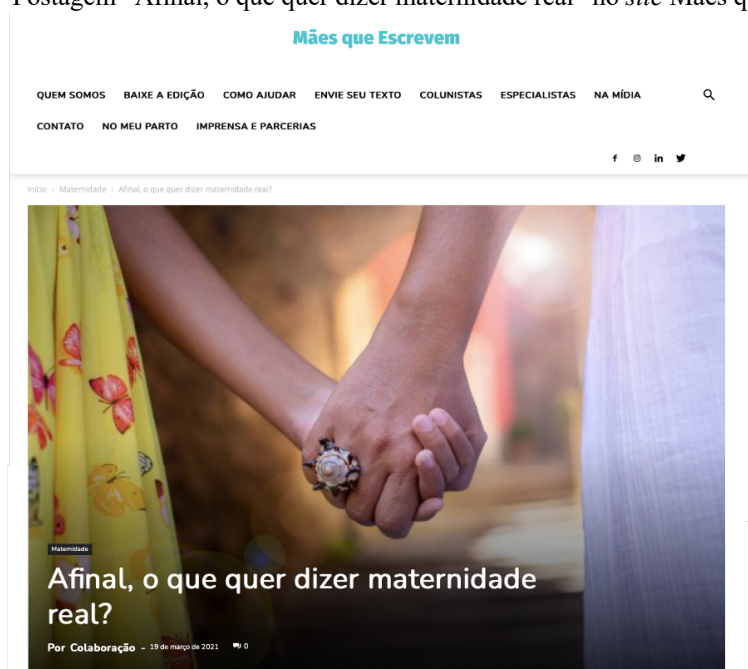
uma denúncia dessa nomeação falha; e, no último, uma tentativa de construir uma nomeação válida. De qualquer maneira, a metadiscursividade, para a autora, é um meio privilegiado de se capturar uma fórmula, por evidenciar a relação complexa dos locutores em relação à palavra que estão enunciando. Nessa direção, em “maternidade real”, ainda mais por se tratar de um neologismo que está irradiando há pouco tempo nos discursos sobre a maternidade, pôde-se constatar que ela também causa esse questionamento, tal como demonstram os títulos das Figuras 14, 15 e 16, que também correspondem, respectivamente, aos enunciados extraídos de *sites* e de uma página do Facebook, todos eles elencados no Quadro 3.

**Figura 14** – Postagem “O que é maternidade real? Desculpem o tamanho do texto” no *site* BabyCenter.



Fonte: Helena, 2020.

**Figura 15** – Postagem “Afinal, o que quer dizer maternidade real” no *site* Mães que Escrevem.



Fonte: Colaboração, 2021.

**Figura 16** – Publicação "Maternidade real?!!" na página do Facebook Uma Mãe.



Fonte: Perejjo, 2017.

Tanto em **“O que é a maternidade real? Desculpem o tamanho do texto”** (HELENA, 2020) quanto em **“Afimal, o que quer dizer maternidade real?”** (COLABORAÇÃO, 2021) e em **“Maternidade real!?”** (PEREJJO, 2017), observa-se o emprego do sinal de interrogação suscitando diferentes percepções em cada um desses registros. No primeiro, depreende-se uma neutralidade, uma vez que ele estaria assinalando tão somente uma dúvida; nos outros dois, porém, pode-se identificar uma certa pulsão por meio de **“Afimal”** (em **“Afimal, o que quer dizer[...]”**), indicando que, finalmente, essa questão que (conforme o próprio contexto permite pressupor) está circulando na *web* será esclarecida por meio dessa matéria num *site*, bem como por meio das duas pontuações **“!?”** (em **“Maternidade real!?”**), indicando que se trata de uma pergunta carregada de emoção, e não somente de uma pergunta retórica.

A operação metadiscursiva também se encontra no corpo dos enunciados que correspondem a esses outros dois exemplos extraídos de dois *sites*:

[...] **O que é essa maternidade real? É** aquela onde tem mãe cansada, com olheiras e que perde a paciência de vez em quando? [...] (AMORIM, 2019, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

**Maternidade real: eu diria que é** o maternar sem o filtro das redes sociais (COLABORAÇÃO, 2021, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

No primeiro excerto, observa-se a construção da equação pergunta e resposta em **“[...] O que é essa maternidade real? É [...]”** e, no seguinte, a presença dos dois pontos, indicando um esclarecimento: **“Maternidade real: eu diria que é [...]”**. Nota-se aí, em ambos os enunciados, o verbo “ser” conjugado no presente do indicativo, implicando um certo comportamento discursivo que imprime o efeito de sentido de um engajamento, de compromisso (KOCH, 2011), ao tentar delimitar o que significa a “maternidade real”.

Por fim, como último elemento de observação dessa dimensão, a polêmica também se opera sobre os significados atribuíveis a um signo. Conforme Krieg-Planque (2010, p. 76), “[...] As formas privilegiadas da fórmula têm um caráter relacional, pôr em relação diferentes ‘termos’ de fato provoca escândalos, cria significações novas, sugere correspondência que cabe

aos locutores acolher ou descartar”. Para ilustrar essas mutantes significações, a estudiosa apresenta a metáfora da moeda, criada por Courtine e “aperfeiçoada” por Fiala e Ebel. A fórmula seria como uma “moeda” num “mercado de trocas discursivas”: ela passa de mão em mão, sendo que o seu significante seria o lado coroa da “moeda” e, o seu significado, o lado cara, que está em perpétua redefinição, pela própria circulação.

Nos seus estudos sobre “purificação étnica”, por exemplo, foram encontrados cinco registros de problematização. Aqui, quanto a plurissignificações de “maternidade real” identificadas no conjunto de textos do *corpus*, foi possível agrupar as quatro principais formas que os enunciadores reivindicam para si nos debates envolvendo a aplicação do sintagma “maternidade real” – conquanto se deva pontuar que, por si só, o tema da maternidade já é carregado de múltiplos significados e que, por se tratar de um neologismo (como já destacado anteriormente), ele abre espaço para múltiplas interpretações, de modo que cada enunciador o interpreta (e o elabora e o replica) a partir da sua própria grade semântica.

O Quadro 9 apresenta esses quatro principais significados atribuídos a “maternidade real” nos 61 textos estudados:

**Quadro 9** – Agrupamento dos quatro registros de significados sobre “maternidade real”.

| <b>Grupo</b> | <b>Significados atribuídos a “maternidade real”</b>           |
|--------------|---------------------------------------------------------------|
| 1            | Desmistificação da figura idealizada da mãe e da maternidade. |
| 2            | Promover ato político.                                        |
| 3            | Mães se pronunciando na internet.                             |
| 4            | Mães reclamando na internet.                                  |

Fonte: A autora, 2021.

A começar pelo primeiro significado, trata-se de uma tradução da “maternidade real” como uma maneira de libertar a mãe do estereótipo de “guerreira” que a sociedade criou para ela, revelando-se, então, que “mãe é um ser humano”, tal como evidenciam os dois excertos a seguir, extraídos, respectivamente, do *site* Não me Kahlo e de uma reportagem sobre as mães no portal Globo.

Na minha bolha, a **maternidade real** é pauta, mas na vida de muita gente não. [...] **Quando falamos sobre romantização, falamos justamente dessa teia social que isso se tornou. De nos colocarem como guerreiras**, mas na verdade, **somos pessoas que estamos nos ferrando** todos os dias por não termos ajuda das pessoas (MELO, 2019, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

“**Maternidade real é mãe cansada, mãe que erra, mãe que quer um tempo sozinha, mãe que queria poder cuidar mais de si. Mãe real é só um ser humano como qualquer outro e não uma super-heroína como a sociedade espera que a gente seja**”, disse (ARPINI, 2019, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Nesse conjunto de enunciados, observa-se o desejo da cisão entre o “ser humano”, que tem sentimentos, que não é perfeito – em **“somos pessoas que estamos nos ferrando”** (no primeiro excerto) e em **“mãe cansada, mãe que erra, mãe que quer um tempo sozinha, mãe que queria poder cuidar mais de si”** (no segundo) – e a figura mítica do “guerreiro” que tem superpoderes e que, diferentemente dos humanos, executa tudo com perfeição – em **“nos colocarem como guerreiras”** (no primeiro exemplo) e em **“não uma super-heroína”** (no segundo). Trata-se da oposição real *versus* idealizado, sendo que as enunciadoras reivindicam para si a humanidade (portanto, o real), como nos trechos **“na verdade, somos pessoas”** (na primeira passagem) e **“só um ser humano como qualquer outro”** (na segunda).

Nesses mesmos trechos, destaca-se que são empregados os modalizadores **“na verdade”** e **“só”**, bem como a expressão **“como qualquer outro”**, reforçando o que seria efeito dessa constatação de “normalidade” – ou seja, do humano, o “normal” deveria ser esperar que, **“na verdade”/“só”**, ele agisse como um humano. Além disso, por meio de **“na verdade”**, essas enunciadoras refutam o discurso Outro que é aquele segundo o qual elas não seriam “só” seres humanos: em **“nos colocam como guerreira”** (no primeiro excerto) e em **“uma super-heroína como a sociedade espera”** (no segundo), tem-se, justamente, a perspectiva do social. Assim, empregando o sintagma “maternidade real”, o significado que lhe é dado aqui corresponde à concepção de uma maternidade não idealizada como a de uma “super-heroína”.

A segunda significação encontrada qualifica “maternidade real” como um movimento feminista, apresentando um tom que pode ser apreendido como “mais militante”. Em linhas gerais, esses são discursos atravessados por questões políticas e ideológicas, tal como o próprio feminismo e o papel da mulher na sociedade, sendo este o momento histórico no qual as mães reivindicam o seu direito à fala e ao questionamento quanto à imposição cultural de que são objeto, conforme também já se discorreu a respeito no primeiro capítulo desta dissertação. Ilustrando essa significação, os dois enunciados seguintes foram retirados da revista digital Cult e do portal de notícias O Globo, respectivamente:

Podemos, hoje em dia, **não questionar a ideologia da maternidade? Talvez quem questione não se torne mãe**. Essa ideologia é como outra qualquer, ela oculta relações de poder [...]

Minha filha nasceu quando eu fazia doutorado, em 1997. Hoje ela tem 21 anos. Nesses anos todos eu e ela fomos nos **tornando feministas**. [...]. A minha maternidade é real, nunca foi idealizada. Acho que uma **maternidade real** concerne a todos (TIBURI, 2015, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

A **“maternidade real”**, foco do espetáculo, é encarada de frente. [...] Os dois projetos profissionais refletem o que Paula busca e acredita: a construção de uma relação de amor baseada na cumplicidade, a **desconstrução da maternidade utópica e o feminismo como arma de libertação da mulher** (DISITZER, 2020, *on-line*, grifos

desta pesquisadora).

Assim, nessas enunciações, a “maternidade real” faz parte de um quadro semântico que remete a movimentos sociais, tal como registrado no primeiro fragmento, em “**ideologia da maternidade**”, “**nos tornando feministas**”, e no segundo, em “**desconstrução da maternidade utópica e o feminismo como arma de libertação da mulher**”, transmitindo, como efeito de sentido, que a “maternidade real” é uma “bandeira”, um mote que as mulheres devem “**questionar**” e até tornar “**foco de espetáculo**” no quadro sócio-histórico atual. Dessa maneira, a expressão “maternidade real” carrega em si um significado político, de luta pelos direitos das mulheres, independentemente de elas terem filhos ou não. Contudo, uma vez que é o gênero feminino quem gera as crianças, a expressão é enunciada por essas mulheres como sendo, efetivamente, um ato político.

A terceira acepção de “maternidade real” se define pela somatória do posicionamento acerca de “maternidade real” e o seu próprio local do discurso, o da superfície de debate na qual a maternidade está sendo discutida na internet e, em especial, nas redes sociais. Trata-se, pois, de um movimento principalmente das mães na internet, tal como se observa nos dois enunciados seguintes, extraídos dos *sites* São Paulo para crianças e Mães que escrevem.

**Há algum tempo, um movimento** muito bacana **vem tomando conta** da sociedade, **principalmente nas redes sociais, tratando** sobre a maternidade real (GERCINA, 2018b, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Na segunda gravidez, Ana Paula [...] passou a se dedicar profissionalmente ao apoio às mães e **abriu espaço nas redes sociais para debater** assuntos que ela chama de “maternidade real”. [...] (REDAÇÃO NSC, 2018, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Por meio desses dois excertos, pode-se estabelecer que o “lugar discursivo” preponderante da exposição desse posicionamento da maternidade são as “**redes sociais**”, como se observa no primeiro exemplo, sendo que, por “lugar discursivo”, Krieg-Planque (2010) considera o lugar pelo qual os locutores circulam, podendo ser o título de textos, datas e números (MOTTA; SALGADO, 2011).

Apresentando o cenário da quarta onda do feminismo, as mulheres estão usando o mundo virtual como plataforma para expressar o seu ponto de vista. Além disso, no primeiro trecho, pode-se observar o dêitico temporal “**Há algum tempo**” e o verbo no gerúndio “**vem tomando conta da sociedade**”, que conferem esse efeito de sentido de que o movimento está progredindo, de que está em andamento – ou seja, ele não é novo, e tem continuidade. Já no segundo trecho, as redes sociais são marcadas como a arena de discussão de “maternidade real”,

de modo que, em ambos os enunciados reproduzidos, no que diz respeito à significação de “maternidade real”, o que se verifica é que o sintagma corresponde ao **“movimento”** que **“trata”** de como é ser mãe na realidade (no primeiro excerto) e que passa a ser **“debatido”** por essas mães nas redes sociais (no segundo).

Avançando para a última significação, pode-se verificar um sentido divergente e um tanto conflitante com a concepção “positiva” desse posicionamento, valorizando-se o deslocamento da exposição idílica da maternidade para uma mais real. Nesse caso, portanto, “maternidade real” significa enunciar apenas o lado negativo da maternidade, como evidenciam os dois próximos enunciados extraídos de um mesmo *blog*:

Passei por uma fase em que acreditei que a **maternidade real** era sofrer, chorar, **reclamar de cansaço** e não encontrar luz no fim do túnel. Mas descobri que só estava sendo **(mal) influenciada** (POCKRANDT, 2020, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

A **internet** trouxe muitos benefícios para o “ser mãe”, mas tem **muita coisa ruim também**. E, para mim, **a pior de todas é esse conceito de que MATERNIDADE REAL é sinônimo de sofrimento, cansaço**, desespero etc e tal (POCKRANDT, 2019, *on-line*, grifos desta pesquisadora).

Ao enunciar os sentidos considerados “negativos” da maternidade, como **“sofrer”/“sofrimento”** e **“cansaço”**, expressões presentes nos dois fragmentos, pode-se inferir que, em diferentes momentos, a mãe estaria recorrendo à internet como canal de reclamação, de “falação”. E que essa visibilização do sofrimento materno seria resultado de uma **“má influência”**, como apresentado no primeiro excerto, e uma **“coisa ruim”**, no segundo. Em outras palavras, entende-se aí o efeito de sentido segundo o qual o discurso da “maternidade real” está associado à reclamação, à exibição do cansaço e, portanto, só da parte difícil do maternar.

Por fim, tal como demonstrado na análise desta última dimensão, pode-se inferir que “maternidade real” apresenta um caráter problemático: foram encontrados episódios em que a enunciação do sintagma colocou em jogo a vida de três enunciantes, sendo que, no *corpus*, também foram observados títulos que explicitam o jogo de posição entre “maternidade real” e “maternidade ideal” por meio do emprego do item lexical *“versus”*. Além disso, do material recolhido também fazem parte alguns exemplos de procedimentos metadiscursivos questionando ou mesmo tentando explicar o que é “maternidade real”. E, como último indício deste caráter, foi possível verificar quatro possíveis significados do sintagma, sendo que o último, inclusive, diverge de uma visão “positiva” do posicionamento “maternidade real”, assumindo um sentido mais depreciativo.

Para Krieg-Planque (2010, p. 56), todavia, a construção da fórmula como referente social e como objeto polêmico são indissociáveis: “É porque se põe como dominante que ela não é aceita por todos, é porque ela se impõe que faz tanto barulho. A distinção ‘referente social’/‘polêmica’ pode, então, ser vista como um artifício em serviço da análise”. Assim, por mais que existam indícios de que o sintagma preencha algumas das características polêmicas, ocorre que, ao permanecer mais circunscrito à sua própria comunidade discursiva, o neologismo não consegue se impor a todos; logo, não gera grandes debates e, por extensão, se mantém como uma sequência pouco questionada.

Uma vez concluída a análise dessa dimensão e em se retomando a teoria da fórmula discursiva, o que se pode depreender, por fim, é que “maternidade real” apresenta relativa polemicidade. Dito de outra maneira, nela se observa uma polêmica, ainda que fraca, mas que, por corresponder a um objeto inscrito em um *continuum*, tem potencial para se fortalecer a partir do momento em que vier a impor como passagem obrigatória dos discursos produzidos no espaço social sobre a maternidade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Se dizer que a fórmula é um referente social é dizer que ela é um signo que evoca alguma coisa para todos num momento dado, então a fórmula é um signo que, seu processo de publicidade, entrou no espaço público.”*  
(Alice Krieg-Planque, 2010, p. 112)

Mesmo levando-se em consideração a premissa de Krieg-Planque de que a fórmula é uma categoria gradual, de que “é em si um objeto que se situa em um *continuum*: uma sequência é mais ou menos fórmula conforme preencha mais ou menos cada uma das quatro propriedades que a caracterizam” (2010, p. 111), a resposta ao objetivo proposto nesta dissertação – o de investigar se “maternidade real” poderia ser tomada como fórmula discursiva – é a de que “maternidade real” apresenta potencial para ser alçada à condição de fórmula, mas o sintagma ainda não pode ser atestado como tal por necessitar irromper no amplo espaço público.

Ocorre que, conforme se constatou, o neologismo preenche uma das quatro propriedades constitutivas da fórmula, possuindo uma sequência cristalizada; no entanto, as suas três outras propriedades ainda estão em fase de constituição, ou seja, elas preenchem de maneira mais diluída as suas dimensões. Na discursiva, “maternidade real” mantém diálogo principalmente com a maternidade, mas também participa ativamente do debate das questões em torno da problematização dessa temática, sobretudo na *web*. Na de referente social, até o momento, a expressão não circula no amplo espaço público, limitando-se mais a um domínio específico; todavia, a avaliação do que é espaço público está sob questionamento frente ao quadro contemporâneo de fragmentação midiática. E, na de caráter polêmico, como consequência dessa reverberação de “maternidade real” mais circunscrita à sua própria comunidade discursiva, as suas possibilidades de gerar grandes polêmicas são enfraquecidas, muito embora, dentro desse próprio meio, verifiquem-se facetas de polemicidade.

Mediante o exposto, aventam-se duas hipóteses sobre a manifestação mais fraca de alguns critérios composicionais da fórmula “maternidade real”. A primeira pode ser entendida como um sintoma da forma naturalizada pela qual a sociedade brasileira lida com a maternidade, ou seja, tratando-a como um tema já estabelecido e em relação ao qual não caberia problematização. Afinal, a expressão “maternidade real” se apresenta como uma “nova” maneira de enunciar a respeito da maternidade e que, por isso mesmo – por ser “novo” e tocar um dogma social –, adentra o mesmo espaço em que circulam discursos já constituídos. Discursos esses já apresentados por Badinter (1985) no primeiro capítulo desta dissertação,

oriundos da Igreja (nos quais a figura materna é santificada) e da Ciência (nos quais se estabelecem as coerções para a concepção e o aleitamento materno, restituindo e aprisionando a mãe ao lar), além do próprio discurso do Estado (por meio do qual se delega à mãe a responsabilidade de gerar, criar e educar os seus filhos). Deste modo, a ideia de maternidade a partir da sua idealização e a da figura da “boa mãe” (da mãe ideal) são concebidas de forma tão enraizada na sociedade que podem ser consideradas uma cognição metonímica, como se constata pelos estudos de Lakoff (1987), segundo os quais a vertente dessa boa mãe se destaca em meio a todas as outras possíveis figuras maternas, podendo-se estender para a ideia cristalizada da própria maternidade. Logo, a enunciação de “maternidade real” e dos discursos que envolvem o seu posicionamento é um tema complexo e problemático, que traz à tona questões político-ideológicas incutidas no corpo social e que, em vista disso, não tende a ser prontamente incorporada pelas mídias tradicionais como foco de grandes debates para um público heterogêneo.

A segunda hipótese levantada em relação à baixa aderência de “maternidade real” à propriedade de referente social parece estar ligada à própria noção de espaço público e de publicização segundo Krieg-Planque (2010), isto é, os grandes veículos de comunicação ainda se configuram como os mais importantes para a “promoção, amplificação e circulação” das fórmulas. Porém, com o advento da *web 2.0* e a intensificação da interface com o mundo virtual como reflexo da Covid-19, entende-se a importância de se pensar no comportamento diferenciado de alguns discursos nativos-digitais – como, no caso, o da “maternidade real”. Ademais, no âmbito da ciência da computação e, mais especificamente, no da inteligência artificial, a geração de algoritmos de navegabilidade cria ilhas de acesso do interesse do usuário, dificultando o seu contato com assuntos que não são obrigatoriamente do seu interesse e, por isso mesmo, não lhe oportunizando uma visão geral do que ocorre no universo digital. Neste caso, pois, é que o acesso à possível fórmula “maternidade real” por parte de comunidades que não compartilham discursos relacionados a parentalidade, criança, infância, etc. ficaria prejudicado.

Para finalizar, a investigação permitiu uma melhor compreensão quanto ao fato de que a validade do estudo empreendido em relação a uma fórmula consiste em se apreender que, por meio da análise de um sintagma, consegue-se desvelar as relações de poder e de opinião de uma sociedade, de como os atores sociais organizam os seus discursos em um contexto e período determinados. Logo, mesmo não havendo uma cisão efetiva com o tradicional discurso da maternidade produzido ao longo dos anos – discurso esse sobre “as dores e as delícias de ser mãe”, o “padecer no paraíso” –, o surgimento da “maternidade real” coloca em evidência o

antagonismo próprio do materno – que, de um lado, corresponde a uma função prazerosa, mas que, de outro, tem também os seus descontentamentos, as suas dificuldades e frustrações. Com isso, pode-se, então, apreender o deslocamento da discussão sobre as “dores” e o “padecer” do materno do espaço privado para o espaço público, mesmo que este ainda esteja restrito à comunidade discursiva de mães. De toda maneira, ainda que sob essa restrição, não deixa de se tratar de uma arena mais ampla na qual a “maternidade” está sendo problematizada através da enunciação de “maternidade real”. Assim sendo, a jornada empreendida no levantamento do caminho percorrido por esse sintagma e na sua análise talvez possa apontar para o embrião de um movimento que ilumine questões sobre a maternidade a partir das quais, no futuro, poderão vir a culminar ações concretas como atos políticos guiados para as mães e pelas mães, tal como nunca se viu antes na história.

Em vista dessas considerações, estima-se que a continuidade do rastreamento da expressão “maternidade real” possa ser uma fonte rica de estudos para a Análise do Discurso de base francesa, mobilizando-se ainda o quadro teórico-metodológico desenvolvido por Krieg-Planque e os conceitos postulados por Maingueneau, que alicerceiam e aprofundam a análise. Nessa direção, pode ser bastante oportuna a realização de um outro recorte em relação à “maternidade real”, analisando-se, por exemplo, o discurso digital consoante os estudos mais recentes de Paveau (2021), bem como a maneira como esse sintagma se comporta na internet. Igualmente promissora seria uma pesquisa para se entender o perfil dessas mães de vanguarda que estão se valendo das redes sociais como plataforma de exposição dos seus sentimentos sobre a maternidade. Indo além, futuras pesquisas podem ainda se estender a mães representantes das mais variadas classes e etnias, mediante uma busca guiada pelos diferentes grupos de mães, desde os blogs sobre maternidade, passando pelas revistas virtuais até os movimentos populares.

Além disso, uma outra investigação na área da Linguística Aplicada consistiria em se acompanhar a designação de “real” aplicada a outros substantivos, tal como em “corpo real” e “cabelo real”. Afinal, num mundo pautado pelas interações e relações com o espaço virtual – em especial, com as redes sociais –, o uso da adjetivação “real” pode conter uma série de significados outros que tanto influenciam a sociedade atual quanto são por ela influenciados.



## REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. São Paulo: Companhia da Letras, 2020. [Versão digital Amazon Kindle.]

ALVES, P. Maternidade real x Maternidade ideal: reflexões e dicas! **Mamãe, quero papá!**, [s. l.], 19 nov. 2018. Disponível em: <https://mamaequeropapa.wordpress.com/2018/11/19/maternidade-real-x-maternidade-ideal-reflexoes-e-dicas/>. Acesso em: 7 maio 2021.

AMORIM, M. Sobre a tal maternidade real, palco e bastidores. **Vida materna**, [s. l.], 28 fev. 2019. Disponível em: <https://www.vidamaterna.com/sobre-a-tal-maternidade-real-palco-e-bastidores/>. Acesso em: 7 maio 2021.

ANÁLISE DO DISCURSO E PANDEMIA: representações midiáticas. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (103 min). Publicado pelo canal PPGLetras UEMS CG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tJwIJbvGCRg&t=3327s>. Acesso em: 5 maio 2021.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

ARPINI, N. ‘Maternidade real’: mães do ES falam sobre os desafios por trás da romantização. **G1 Espírito Santo**, [s. l.], 12 maio 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2019/05/12/maternidade-real-maes-do-es-falam-sobre-os-desafios-por-tras-da-romantizacao.ghtml>. Acesso em: 6 maio 2021.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, E. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BANDEIRA, A. As famílias de comercial de margarina e a nostalgia pelo Brasil rural. **Alexandre Bandeira**, [s. l.], 1 dez. 2017. Disponível em: <https://alexandrebandeira.medium.com/fam%C3%ADlias-de-comercial-de-margarina-e-a-nostalgia-do-brasil-rural-aad2f17f5649>. Acesso em: 7 maio 2021.

BARBOSA, M.; PHELIPE, A. Quase metade dos lares brasileiros são sustentados por mulheres. **Estado de Minas**, Brasília, 16 fev. 2020. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/02/16/internas\\_economia,1122167/quase-metade-dos-lares-brasileiros-sao-sustentados-por-mulheres.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/02/16/internas_economia,1122167/quase-metade-dos-lares-brasileiros-sao-sustentados-por-mulheres.shtml). Acesso em: 14 maio 2021.

BARONAS, R. L.; GIBIN, F. C. Das condições de emergência da fórmula *reforma ortográfica* na mídia. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 111-121.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BESSAS, A. Mães sofrem por jornada sem fim. **O Tempo**, [s. l.], 12 maio 2019. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/interessa/maes-sofrem-por-jornada-sem-fim-1.2179786>. Acesso em: 7 maio 2021.

BESSAS, A. Ideia de maternidade aceita ainda é a de um conto de fadas, diz estudiosa. **O**

**Tempo**, [s. l.], 23 jul. 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/interessa/ideia-de-maternidade-aceita-ainda-e-a-de-um-conto-de-fadas-diz-estudiosa-1.2363025>. Acesso em: 7 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Cartilha para pais: como exercer uma paternidade ativa**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha\\_pais\\_exercer\\_paternidade\\_ativa.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_pais_exercer_paternidade_ativa.pdf). Acesso em: 26 maio 2021.

CAIXETA, M. “Amo meu filho, mas odeio ser mãe”, confira relatos de mulheres que têm aversão à maternidade. **G1**, [s. l.], 7 jun. 2017. Blog Anedotas de Mãe da Rede Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/blog/anedotas-de-mae/post/amo-meu-filho-mas-odeio-ser-mae-confira-relatos-de-mulheres-que-tem-aversao-maternidade.html>. Acesso em: 5 maio 2021.

CAMPOS, M. M. de. **O discurso de um lugar (im)possível: considerações sobre o potencial paratópico de travestis e transexuais**. 2018. 247 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

CAMPOS, M. M. de; CABRAL, L. R. Uma arma na mão e Jesus no coração: circulação e aspectos formulaicos do sintagma “cidadão de bem”. **Verbum**, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 78-98, dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/45030/pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021.

CANGURU NEWS. 8 livros sobre maternidade real que você precisa ler. **Canguru News**, [s. l.], 7 ago. 2020. Disponível em: <https://cangurunews.com.br/8-livros-sobre-maternidade-real-que-voce-precisa-ler/>. Acesso em: 7 maio 2021.

COLABORAÇÃO. Afinal, o que quer dizer maternidade real? **Mães que escrevem**, [s. l.], 19 mar. 2021. Disponível em: <https://maesqueescrevem.com.br/afinal-o-que-quer-dizer-maternidade-real/>. Acesso em: 7 maio 2021.

COMUNICAÇÃO. Pesquisa Brasileira de Mídia 2015. **AERP**, [s. l.], 22 maio 2015. Disponível em: <https://aerp.org.br/geral/pesquisa-brasileira-de-midia-2015-2/>. Acesso em: 7 maio 2021.

CORTÊZ, N. Esquenta Casa Tpm com Laura Guimarães. **Revista Trip**, [s. l.], 16 jul. 2012. Tpm. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/esquenta-casa-tpm-com-laura-guimaraes>. Acesso em: 5 maio 2021.

COUTO, J. Páginas sobre maternidade para seguir e se empoderar. **Taofeminino**, [s. l.], 31 ago. 2016. Disponível em: <https://www.taofeminino.com.br/gravidez/maternidade-real-paginas-nas-redes-sociais-para-seguir-e-se-empoderar-s1955008.html>. Acesso em: 7 maio 2021.

DA REDAÇÃO IBGE. Mulheres dedicam quase o dobro do tempo dos homens em tarefas domésticas. **IBGE - Censo 2021**, [s. l.], 26 abr. 2019. Disponível em: <https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens-em-tarefas-domesticas.html>. Acesso em: 14 maio 2021.

DA REDAÇÃO O TEMPO. Portais O Tempo e Super Notícia lançam coluna sobre maternidade. **O Tempo**, [s. l.], 29 ago. 2019. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/portais-o-tempo-e-super-noticia-lancam-coluna-sobre-maternidade-1.2228855>. Acesso em: 7 maio 2021.

DELBONI, C. Como fazem as mulheres com a retomada do trabalho presencial. **Emails - Estadão**, [s. l.], 31 ago. 2020. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/kids/como-fazem-as-mulheres-com-a-retomada-do-trabalho-presencial>. Acesso em: 3 jun. 2021.

DISITZER, M. Paula Braun fala sobre espetáculo sobre maternidade e vida sexual na pandemia: 'A chama acende e apaga'. **O Globo**, [s. l.], 12 jul. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/paula-braun-fala-sobre-espetaculo-sobre-maternidade-vida-sexual-na-pandemia-chama-acende-apaga-24525960>. Acesso em: 7 maio 2021.

DONATH, O. **Mães arrependidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

EM MOVIMENTO. Brasileiro é um dos campeões em tempo conectado na internet. **G1**, [s. l.], 22 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/especial-publicitario/em-movimento/noticia/2018/10/22/brasileiro-e-um-dos-campeoes-em-tempo-conectado-na-internet.ghtml>. Acesso em: 7 maio 2021.

EQUIPE QUALIBEST. A nova mãe brasileira. **Instituto QualiBest de Pesquisas de Mercado**, São Paulo, 5 maio 2016. Disponível em: <https://www.institutoqualibest.com/blog/comunicacao-e-midia/a-nova-mae-brasileira/>. Acesso em: 5 maio 2021.

FELIPPO, S. Eu amo essa minha versão franja!!! [...]. [S. l.], 26 abr. 2019. Instagram: @sfelippo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BwumlyVFKX2/>. Acesso em: 5 maio 2021.

FIDALGO, L. A. **(Re)Construir a maternidade numa perspectiva discursiva**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

GÊNESIS 3:16. **Bíblia On**, [s. l.], [2021]. Disponível em: [https://www.bibliaon.com/versiculo/genesis\\_3\\_16/](https://www.bibliaon.com/versiculo/genesis_3_16/). Acesso em: 14 maio 2021.

GERCINA, C. Vamos falar de maternidade real? **Agora**, [s. l.], 16 set. 2018b. Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/show/2018/09/1981748-vamos-falar-de-maternidade-real.shtml>. Acesso em: 7 maio 2021.

HEL MOTHER: Maternidade Real | Helen Ramos | TEDxSaoPauloSalon. [S. l.: s.n.], 2017. 1 vídeo (14 min). Publicado pelo canal TEDx Talks. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TgvvfU6v744>. Acesso em: 5 maio 2021.

HELENA, M. O que é maternidade real? desculpem o tamanho do texto. **Baby Center**, [s. l.], maio 2020. Disponível em: <https://brasil.babycenter.com/thread/6271430/o-que-%C3%A9-maternidade-real-desculpem-o-tamanho-do-texto>. Acesso em: 7 maio 2021.

HOGAR DE CRISTO; FUNDACIÓN CULTURASALUD; FONDO DE LAS NACIONES

UNIDAS PARA LA INFANCIA. **Guia de Paternidad Activa para Padres**. Santiago de Chile: UNICEF, 2014. Disponível em: [https://www.unicef.org/chile/media/1126/file/guia\\_de\\_paternidad\\_activa\\_para\\_padres.pdf](https://www.unicef.org/chile/media/1126/file/guia_de_paternidad_activa_para_padres.pdf). Acesso em: 26 maio 2021.

HOLLANDA, H. B. de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. de M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. de M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

IDOETA, P. A. Childfree: as pessoas que pedem (ou até compram) distância de crianças. **Época**, [s. l.], 4 dez. 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/sociedade/childfree-as-pessoas-que-pedem-ou-ate-compram-distancia-de-criancas-24117845>. Acesso em: 7 maio 2021.

INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO. **Posição, participação e evolução das publicações: Jornais - JANEIRO/2020 a JUNHO/2020 - Média dos períodos**. [São Paulo; Rio de Janeiro: IVC], 2020a.

INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO. **Posição, participação e evolução das publicações: Revistas Pagas - Todas Publicações - JANEIRO/2020 a JUNHO/2020 - Média dos períodos**. [São Paulo; Rio de Janeiro: IVC], 2020b.

JUST REAL MOMS. **YouTube**, [s. l.], [2021]. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/JustRealMomsOficial/featured>. Acesso em: 5 maio 2021.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2011.

KRIEG-PLANQUE, A. **A noção de “fórmula” em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

LACEIRA, Nath. **Pedido lindo e encantador da minha cliente @leehduarteh [...]** [S. l.], 24 set. 2021. Instagram: @nathlaceira. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CUNuID2lvUW/>. Acesso em: 27 out. 2021.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987. [Versão digital Amazon Kindle.]

LALASBABYEKIDS. O que os pais querem? [...]. [S. l.], 21 fev. 2021. Instagram: @lalasbabyekids. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLk9mQKsWQ0/>. Acesso em: 6 maio 2021.

LAMARE, R. de. **A vida do bebê**. Rio de Janeiro: Ediouro – Casa dos Livros, 2001.

LAUXEN, J. **"Não é normal eu não amar meu filho": significados de maternidades e sujeito-mãe em duas instâncias midiáticas**. 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação

em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande (RS), 2018.

LEÃO, T. **O exército de uma mulher só**. Caxias do Sul: Editora Belas Letras, 2019.

LEÃO, T. A mãe solo [Perfil no Instagram]. [S. l.], [2021]. Instagram: @a\_maesolo. Disponível em: [https://www.instagram.com/a\\_maesolo](https://www.instagram.com/a_maesolo). Acesso em: 7 maio 2021.

LIMA, G. A. B. Categorização como um processo cognitivo. **Ciência & Cognição**, [s. l.], v. 11, p. 156-167, jul. 2007.

LIMA, J. O. **Gravidez, regressão e elaboração**: uma aproximação psicanalítica. 113 f. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

LISAUSKAS, R. **Mãe sem manual**. Caxias do Sul: Editora Belas Letras, 2017.

MACIEL, M. Maternidade real x maternidade idealizada. **Adriana Chiari Magazine**, [s. l.], 10 abr. 2018. Disponível em: <https://adrianachiarimagazine.net/blog/2018/4/10/maternidade-real-x-maternidade-idealizada>. Acesso em: 5 maio 2021.

MAINGUENEAU, D. Novas tendências em Análise do Discurso. Campinas, SP: Pontes, 1993.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, D. Análise do discurso, esfera superior e porta-voz. **Revista Latino-Americana de Estudos do Discurso (RALED)**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 120-135, 2020a.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o *ethos***. São Paulo: Parábola Editorial, 2020b.

MARÇAL, G. 'Eu amo minhas filhas, mas não amo tanto ser mãe', diz Samara Felippo. **Emais - Estadão**, [s. l.], 27 abr. 2019. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,eu-amo-minhas-filhas-mas-nao-amo-tanto-ser-mae-diz-samara-felippo,70002807092>. Acesso em: 14 maio 2021.

MATERNIDADE REAL. Tem criança nessa casa? [...]. [S. l.], 21 jun. 2016. Facebook: [paginaparamamaes](https://www.facebook.com/paginaparamamaes). Disponível em: <https://www.facebook.com/paginaparamamaes/posts/1292752797416538/>. Acesso em: 14 maio 2021.

MATERNIDADE REAL. **Quem é da turma do “lencinho resolve”?** [S. l.], 17 ago. 2021. Instagram: @maternidadereal. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSsdeFUzbzF/>. Acesso em: 27 out. 2021.

MELO, J. A maternidade não é um conto de fadas e as pessoas precisam entender isso. **Não me Kahlo**, [s. l.], 22 ago. 2019. Disponível em: <https://naomekahlo.com/a-maternidade-nao-e-um-conto-de-fadas-e-as-pessoas-precisam-entender-isso/>. Acesso em: 7 maio 2021.

MERUANE, L. **Contra os filhos**. São Paulo: Todavia, 2014.

MONTEIRO, L. Documentário 'De Peito Aberto' traz maternidade real, com choro e cocô. **Folha de S.Paulo**, [s. l.], 3 out. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/documentario-de-peito-aberto-traz-maternidade-real-com-choro-e-coco.shtml>. Acesso em: 7 maio 2021.

MORI, L. 'Fiz laqueadura aos 25 anos e realizei um sonho'. **BBC News Brasil**, São Paulo, 18 nov. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-50427715>. Acesso em: 5 maio 2021.

MOTHERN – Manual da mãe moderna. **Matrix Editora**, [s. l.], [2021?]. Disponível em: <https://matrixeditora.com.br/produtos/mothern-manual-da-mae-moderna/>. Acesso em: 5 maio 2021.

MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.

MURKOFF, H.; EISENBERG, A.; HATHAWAY, S. **O que esperar quando você está esperando**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

NÃO ME CHAMO MÃE. Sobre. [S. l.], [2021]. Facebook: naomechamomae. Disponível em: <https://www.facebook.com/naomechamomae>. Acesso em: 14 maio 2021.

NARDI, A. A maternidade real... **O Segredo**, [s. l.], 23 nov. 2017. Disponível em: <https://osegredo.com.br/a-maternidade-real/>. Acesso em: 7 maio 2021.

NASCIMENTO, C. Mulher que rejeitou desafio da maternidade tem perfil no Facebook bloqueado e defende: 'Não é depressão'. **Extra**, [s. l.], 17 fev. 2016. Disponível em: <https://extra.globo.com/mulher/mulher-que-rejeitou-desafio-da-maternidade-tem-perfil-no-facebook-bloqueado-defende-nao-depressao-18692046>. Acesso em: 7 maio 2021.

NEGRÃO, P. Maternidade real com bom humor: espetáculo “Mãe Fora da Caixa”, com Miá Mello, está de volta! **São Paulo para crianças**, [s. l.], 6 jan. 2020. Disponível em: <https://saopauloparacrianças.com.br/teatro-artes-mae-fora-caixa/>. Acesso em: 6 maio 2021.

OLIVEIRA, A. C. Maternidade Real: A maternidade contada por mulheres reais. **Blog Leiturinha**, [s. l.], 8 maio 2018. Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/maternidade-real/>. Acesso em: 7 maio 2021.

OND@WEB. Maternidade real: delícias e desafios de ser mãe. **Blog Penteadeira**, [s. l.], 24 abr. 2018. Disponível em: <https://blogpenteadeira.com/2018/04/24/maternidade-real-desafios/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

ONGARATTO, S. A nada fácil maternidade. **Lansinoh**, [s. l.], 10 nov. 2017. Blog. Disponível em: <https://lansinohbrasil.com.br/a-nada-facil-maternidade-real/>. Acesso em: 6

maio 2021.

PASSUELLO, C. Então por quê? **Vinhos, viagens, uma vida comum...** e dois bebês!, [s. l.], 31 mar. 2011a. Disponível em: <http://vinhosviagensemavidacomum.blogspot.com/2011/03/entao-por-que.html>. Acesso em: 5 maio 2021.

PASSUELLO, C. Maternidade real - blogagem coletiva. **Vinhos, viagens, uma vida comum...** e dois bebês!, [s. l.], 31 mar. 2011b. Disponível em: <http://vinhosviagensemavidacomum.blogspot.com/2011/03/maternidade-real-blogagem-coletiva.html>. Acesso em: 5 maio 2021.

PAULA, P. de. Mães à beira de um ataque na quarentena. **Emais - Estadão**, [s. l.], 26 jun. 2020. Comportamento. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/mae-sem-receita/maes-a-beira-de-um-ataque-na-quarentena/>. Acesso em: 5 maio 2021.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. São Paulo: Pontes, 2021.

PEQUENINOSLIQUI. **Acesse o link na Bio para comprar**. [S. l.], 22 set. 2021. Instagram: @pequeninosliqui. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CUI1N-AFlz1/>. Acesso em: 27 out. 2021.

PEREIRA, C. A. F. **Disque Saúde**: um processo de recontextualização na oralização de teleatendentes. 2013. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

PEREJJO, M. Maternidade real?! [...]. [S. l.], 22 nov. 2017. Facebook: 1amae. Disponível em: <https://www.facebook.com/1amae/posts/1483592715091640/>. Acesso em: 7 maio 2021.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2017.

PESCE, L. R. **O lado B da maternidade**: um estudo qualitativo a partir de blogs. 2018. 81 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

POCKRANDT, M. O que é maternidade real? **Maternidade simples**, [s. l.], 22 abr. 2019. Disponível em: <https://maternidadesimples.com.br/o-que-e-maternidade-real/>. Acesso em: 7 maio 2021.

POCKRANDT, M. A minha maternidade real. **Maternidade simples**, [s. l.], 9 jan. 2020. Disponível em: <https://maternidadesimples.com.br/a-minha-maternidade-real/>. Acesso em: 7 maio 2021.

POSSENTI, S. Corinthians, jogai por nós: fórmulas alteradas. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 59-67.

POSSENTI, S. **Cinco ensaios sobre o humor e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

REDAÇÃO NSC. Os dilemas do paraíso: os problemas reais da maternidade no século 21. **NSC Total**, [s. l.], 13 maio 2018. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/os-dilemas-do-paraíso-os-problemas-reais-da-maternidade-no-seculo-21>. Acesso em: 7 maio 2021.

REDAÇÃO O ESTADO DE S.PAULO. Giselle Itié compartilha momento ao lado filho na quarentena: 'Um caso sério de amor'. **Emails - Estadão**, [s. l.], 7 maio 2020. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,giselle-itie-compartilha-momento-ao-lado-filho-na-quarentena-um-caso-serio-de-amor,70003295431>. Acesso em: 7 maio 2021.

REDAÇÃO UAAAU. As redes sociais e a maternidade real. **Uaaau!**, [s. l.], 15 mar. 2019. Disponível em: <https://uaau.com.br/saude-e-estetica/as-redes-sociais-e-a-maternidade-real>. Acesso em: 7 maio 2021.

REIS, J. **Quando me vi grávida eu tive a certeza de que a minha vida iria mudar [...]**. [S. l.], 24 fev. 2016. Facebook: reiss.ju. Disponível em: [https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=1671111836477059&id=1670762056512037](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1671111836477059&id=1670762056512037). Acesso em: 5 maio 2021.

ROCHA, A. Maternidade real: celebridades e anônimas desabafam sobre as dores e delícias de ser mãe. **Hoje em Dia**, [s. l.], 12 maio 2019. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/maternidade-real-celebridades-e-anonimas-desabafam-sobre-as-dores-e-del%C3%ADcias-de-ser-m%C3%A3e-1.712208>. Acesso em: 7 maio 2021.

RRPIX. Qual é a diferença entre portal, site e blog? **RRPix Marketing Digital**, São Paulo, 24 mar. 2015. Disponível em: <https://www.rrpix.com.br/noticias/qual-e-a-diferenca-entre-portal-site-e-blogr>. Acesso em: 3 jun. 2021.

SANTOS, A. Mãe de primeira viagem não aceita o "desafio" e desabafa na rede social. **Estado de Minas**, [s. l.], 16 fev. 2016. Nacional. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2016/02/16/interna\\_nacional,734799/mae-de-primeira-viagem-nao-aceita-o-desafio-e-desabafa-na-rede-socia.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2016/02/16/interna_nacional,734799/mae-de-primeira-viagem-nao-aceita-o-desafio-e-desabafa-na-rede-socia.shtml). Acesso em: 5 maio 2021.

SANTOS, C. Eu amo meu filho e amo ser mãe, mas odeio o patriarcado. **Militância materna**, [s. l.], 5 dez. 2019. Disponível em: <https://militanciamaterna.com.br/eu-amo-meu-filho-e-amo-ser-m%C3%A3e-mas-odeio-o-patriarcado-88262b09f123>. Acesso em: 5 maio 2021.

SELL, M. **Significando o abuso sexual infantil na fala-em-interação**: estratégias interacionais acionadas por conselheiro tutelar e crianças na reconstrução da narrativa do abuso. 2012. 197 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

SEMERENE, B. O mimimi da chamada "maternidade real". **UOL**, [s. l.], 19 maio 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/2020/05/19/o-mimimi-da-chamada-maternidade-real.htm>. Acesso em: 7 maio 2021.

SERRA, Y. Novidade na área! Pais&Filhos apresenta novos colunistas para discutir parentalidade. **Pais & Filhos**, [s. l.], 18 mar. 2021. Disponível em:

<https://paisefilhos.uol.com.br/familia/novidade-na-area-paisfilhos-apresenta-novos-columnistas-para-discutir-parentalidade/>. Acesso em: 7 maio 2021.

SCHNACK, C. M. **Formas de participar:** responsabilidade (com)partilhada entre escola e família na fala-em-interação social em contexto doméstico-familiar. 2013. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

SILVA, E. G. da. *Ethos* e fórmulas no discurso religioso. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 85-97.

SILVA, J. M. **Feminismo na atualidade:** a formação da quarta onda. Recife: [s.n.], 2019.

SILVEIRA, D. Brasileiras têm filhos mais tarde, mas 430 mil mulheres até 19 anos deram à luz em 2018, mostra IBGE. **G1**, [s. l.], 4 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/12/04/brasileiras-tem-filhos-mais-tarde-mas-430-mil-mulheres-ate-19-anos-deram-a-luz-em-2018-mostra-ibge.ghtml>. Acesso em: 14 maio 2021

SOUZA-E-SILVA, M. C. P. de. Sistemas de ensino: produção discursiva de sentidos sobre a educação e o trabalho do professor. In: BARBISAN, L. B.; FANTI, Maria da Glória di (Org.). **Enunciação e discurso:** tramas de sentidos. São Paulo: Contexto, 2012. p. 117-130.

TABORDA, W.; DEUTSCH, A. D. **A bíblia da gravidez**. 3. ed. São Paulo: CMS, 2011.

TAUB, A. Pandemia vai tirar das mulheres 10 anos de avanços no mercado de trabalho. **O Globo**, [s. l.], 30 set. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/celina/pandemia-vai-tirar-das-mulheres-10-anos-de-avancos-no-mercado-de-trabalho-24667286>. Acesso em: 5 maio 2021.

THURER, S. L. **Myths of motherhood:** how culture reinvests the good mother. New York: Penguin Books, 1995.

TIBURI, M. Ideologia da maternidade. **Revista Cult**, [s. l.], 10 maio 2015. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ideologia-da-maternidade/>. Acesso em: 7 maio 2021.

TOKARNIA, M. Celular é o principal meio de acesso à internet no país. **Agência Brasil**, [s. l.], 29 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/celular-e-o-principal-meio-de-acesso-internet-no-pais>. Acesso em: 7 maio 2021.

TROTTA, C. C. #MaternidadeReal: conteúdo impróprio. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 30., 2016, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: RBA, 2016.

TULLY. Direção: Jason Reitman. Produção: Aaron L. Gilbert *et al.* Intérpretes: Charlize Theron, Mackenzie Davis, Ron Livingston, Mark Duplass. Roteiro: Diablo Cody. [S. l.]: Focus Features, 2018. 1 DVD (96 min), color.

TUPILEI. Aquele conjunto quentinho de moletom para aquecer esse dia frio [...]. [S. l.], 12 maio 2021. Instagram: @tupilei. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COyZVe0F7mY/>. Acesso em: 14 maio 2021.

VILARINHO, T. **Mãe fora da caixa**. São Paulo: Buzz Editora, 2017.

WENCESLAU, F. Maternidade real: como lidar com a autocobrança. **Catraca Livre**, [s. l.], 1 ago. 2019. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/catraquinha/maternidade-real-como-lidar-com-a-autocobranca/>. Acesso em: 7 maio 2021.

WOOLF, V. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução: Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: Coleção L&PM E-books, 2020.